



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DAFNE ROZENCWAIG DE FARIA E SOUZA

**CRIANÇAS-COSMOS: UMA PESQUISA COM
CRIANÇAS DO CAMPO EM SEUS TERREIROS**

RIO DE JANEIRO

Inverno de 2022

DAFNE ROZENCWAIG DE FARIA E SOUZA

**CRIANÇAS-COSMOS: UMA PESQUISA COM
CRIANÇAS DO CAMPO EM SEUS TERREIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lea Tiriba

Coorientadora: Profa. Dra. Lucia Cavalieri

RIO DE JANEIRO

Inverno de 2022

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

R719 Rozencwaig de Faria e Souza, Dafne
 Crianças-cosmos: uma pesquisa com crianças do
 campo em seus terreiros / Dafne Rozencwaig de Faria
 e Souza. -- Rio de Janeiro, 2022.
 185

 Orientador: Lea Tiriba.
 Coorientador: Lucia Cavalieri.
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
 Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
 em Educação, 2022.

 1. crianças-cosmos. 2. assentamento. 3. educação
 ambiental. 4. agroecologia. 5. infâncias-natureza.
 I. Tiriba, Lea , orient. II. Cavalieri, Lucia,
 coorient. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DAFNE ROZENCWAIG DE FARIA E SOUZA

*Crianças-Cosmos: uma pesquisa com
crianças do campo em seus terreiros*

Aprovado pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, ____/____/____

Professora Doutora Lea Tiriba
Orientadora – UNIRIO

Professora Doutora Lucia Cavalieri
Coorientadora – UFF

Professora Doutora Ana Paula Soares da Silva - USP

Professora Doutora Shaula Máira Vicentini de Sampaio - UFF

Professor Doutor Celso Sanchez Pereira - UNIRIO

Às gerações começo(avó)-meio(mãe)-começo(neta)

Aos seres do cosmos

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, Patricia, e ao meu pai, José Carlos, pelo amor incondicional na criação e na nutrição diárias. Minhas raízes onde ancoo luta, carinho e respeito por todas as vidas! *Gracias a la vida!*

Agradeço a Viúva-Negra, Homem-Águia, Nanico, Mulher-Gavião, Shuri e Renzo por compartilharem comigo esses dois anos de pesquisa, pelas brincadeiras, risadas, companheirismo e aprendizagens no convívio. Pelos frutos que recebia durante as nossas caminhadas, pelas curiosidades aprendidas sobre os outros seres, pela amorosidade quando me recebiam em seus sítios. “*Olha tiaaaa Dafne chegou!*”. Era uma alegria quando nos encontrávamos!

Agradeço às companheiras Cida, Graça e Pamela por me acolherem em seus sítios, cozinhareм refeições agroecológicas deliciosas, compartilharem seus saberes, me ajudarem nas vivências com as crianças e pelos tantos presentes culinários e medicinais que recebia a cada encontro. Por terem sido as primeiras pessoas que conheci na região, me apresentando ao GT de Mulheres Serra Mar e a outras/os companheiras/os. Pelo cuidado durante o processo e pela relação de amizade que construímos. Vocês são grandes inspirações para mim! Educadoras, agricultoras, militantes e mulheres de muitas sabenças!

Agradeço às orientadoras-companheiras, Lea Tiriba e Lucia Cavaliери, por acreditarem e lutarem por uma ciência encarnada e encantada! Pela parceria durante todo o processo, por confiarem e desejarem esta pesquisa tanto quanto eu, potencializando e fortalecendo os caminhos que se abriam durante o estudo. Pela relação de confiança e pela cumplicidade que desenvolvemos ao longo desses anos. Pelo carinho e respeito nas longas conversas desafiadoras, sempre me instigando a ir além e buscar o que acredito. Por construirmos uma relação educadoras-educanda horizontal e de amor, coisa rara dentro da ciência, os muros acadêmicos precisam de mais mestras como vocês que os desmontam com generosidade e afeto!

Agradeço à banca examinadora da qualificação, composta pelas professoras Ana Paula Soares da Silva, Carmen Sanches Sampaio e Shaula Maíra Vicentini de Sampaio e pelo professor Daniel Fonseca de Andrade, que trouxe contribuições e questionamentos essenciais para que a pesquisa ganhasse robustez, potencializando o que ela tem a oferecer para a academia. Pela disponibilidade para conversas posteriores, pelo carinho e pela força que me deram para seguir no trabalho.

Agradeço às companheiras e aos companheiros do GiTaKa/UNIRIO pelos estudos coletivos, pelas contribuições para a pesquisa e pela luta na construção de mundos mais cosmológicos para as crianças, com atuações no campo, na cidade, nas escolas, nas universidades, nos quilombos e aldeias.

Agradeço às companheiras do GT Mulheres Serra Mar por serem canal e fortalecerem a luta. Por me inspirarem a seguir na construção de mundos mais justos e conectados ao cosmos! Pelas tantas trocas de conhecimento que encharcam de vidas esse potente território! Vocês são mulheres inspiradoras!

Agradeço às companheiras e aos companheiros do grupo de pesquisa Gea-Sur e ao professor Celso Sanchez por me inspirarem a retornar à academia, me ensinando que ciência se faz na luta diária, comprometida com os povos *desde el sur*.

Agradeço à minha família, às avós, Genny e Lea (*in memoriam*), aos irmãos, Laís, Lígia e Claudio, aos sobrinhos, Marina, Tom e João, às tias, Lea e Rosana, às primas, Luma, Nina, Zuca, Bi, Siça pelo amor e pelos momentos compartilhados nas minhas idas ao Rio.

Agradeço às filhotas caninas, Lisbela e Pipika pelas brincadeiras e pelos afetos! Por me chamarem para ver o céu e caminhar quando o cansaço batia forte. A energia de vocês conflui em mim.

Agradeço às amigas-irmãs, Tami, Rach, Luana, Ju, Suzi e Thamy, por seguirmos juntas nas espirais, sempre me apoiando e confiando no caminhar instigado para onde o coração pulsa. Pelos colos, conversas e desabafos. Sinto na nossa irmandade uma rede de amor que me nutre, fortalecendo a persistência na vida!

Agradeço ao Alexandre por compartilhar comigo a vida durante a pesquisa, por me fortalecer, cuidar e acreditar na travessia quando eu não via caminhos. Pelas brincadeiras, conversas, danças e afagos, viva as crianças que nutrimos em nós!

Agradeço a mais nova rede de amigues comunitária formada em Lumiar/São Pedro, Luiza, João, Zane, Tamires, Ian, Satti, Dhara, Gui, Gabi, Rebecca, por compartilharem cafés, música, banho de rios e risadas! Pelos colos, escutas e colaborações na pesquisa. A rede de cuidado e afeto se expandiu com vocês em tão pouco tempo.

À capes pelo apoio financeiro indispensável às pesquisas do país.

Lua, luar
Toma essa filha e me ajuda a criar
Depois de criada, você me dá
A cabeça é minha
A bunda é sua

(oração de apresentação dos recém-paridos à lua, dita por Graça)

Resumo

Este estudo é a afirmação da vida em compartilhamento com o cosmos. Algo que parece evidente, mas não é, dada à postura antropocêntrica que marca as relações com as outras formas de vida, no cotidiano, na ciência e na política. Forjadas/os na lógica colonialista, fragmentada, epistemicida e cosmofóbica, tais posicionamentos nos afastam da condição de seres que se constituem em estado de interconexão com o cosmos, de acoplamento com as demais ontologias. Esta pesquisa se debruça sobre a relação crianças-cosmos em contexto de base comunitária, na luta agroecológica. Investiga a relação de um grupo de crianças camponesas, moradoras do assentamento Visconde - localizado no município de Casimiro de Abreu /RJ, com suas mães, avó e outros seres cosmológicos. Algumas inquietações mobilizam o caminhar investigativo: como se dá a relação entre as crianças e o cosmos? Como é a interação delas com os seres cosmológicos em seus sítios-terreiros? Como as crianças expressam seus saberes e descobertas? Trata-se de um estudo inspirado epistemologicamente nas pesquisas narrativa e participante, apoiadas na fabulação especulativa como exercício narrativo de uma pesquisadora camponesa. Os aportes prático-teóricos são encontrados nas cosmologias originárias e tradicionais, nos campos de estudo da antropologia da criança e da sociologia da infância, nas filosofias contra-hegemônicas e no perspectivismo ameríndio, como nas sabedorias das crianças e das mulheres parceiras da investigação. Percebo investigar com crianças em seus terreiros é emergir outros terreiros, imaginar seres, chamar o vento, brincar com a morte, vadiar com o tempo, conversar com ETs, a *área 51* existe! A pesquisa anuncia a urgência de uma abertura dos estudos da infância para as ontologias e para as cosmologias dos povos cuja existência humano-cosmológica é expressa na oralidade em terreiros-territórios encharcados de ancestralidade.

Palavras-Chave: Crianças-Cosmos; Assentamento; Educação Ambiental, Agroecologia; Infâncias-Natureza; Infâncias do Campo.

Resumen

Ese estudio es la afirmación de la vida en el compartir con el cosmos. Algo que parece evidente, pero no lo es, dada la postura antropocéntrica que marca las relaciones con otras formas de vida, en la vida cotidiana, en la ciencia y en la política. Forjadas en la lógica colonialista, fragmentada, epistémica y cosmofóbica, tales posiciones nos alejan de la condición de seres que se constituyen en un estado de interconexión con el cosmos, de acoplamiento con otras ontologías. Esta investigación se enfoca en la relación niños-cosmos en un contexto comunitario, en la lucha agroecológica. Investiga la relación de un grupo de niños campesinos, residentes del asentamiento Visconde - ubicado en el municipio de Casimiro de Abreu/RJ, con sus madres, abuela y otros seres cosmológicos. Algunas inquietudes movilizan el camino investigativo: ¿cómo se da la relación entre los niños y el cosmos? ¿Cómo es su interacción con los seres cosmológicos en sus terreiro-sitios? ¿Cómo expresan los niños sus conocimientos y descubrimientos? Este es un estudio epistemológicamente inspirado en la investigación narrativa y participante, apoyado en la fabulación especulativa como ejercicio narrativo de un investigador Kambono. Los aportes práctico-teóricos se encuentran en las cosmologías originarias y tradicionales, en los campos de estudio de la antropología infantil y la sociología de la infancia, en las filosofías contrahegemónicas y el perspectivismo amerindio, así como en la sabiduría de los niños y de las mujeres compañeras de investigación. Me doy cuenta de que investigar con los niños en sus terreros es emerger otros terreros, imaginar seres, llamar al viento, jugar con la muerte, holgazanear con el tiempo, hablar con extraterrestres, ¡el área 51 existe! La investigación anuncia la urgencia de abrir los estudios de la infancia a las ontologías y cosmologías de los pueblos cuya existencia humano-cosmológica se expresa oralmente en terreros-territorios inundados de ancestralidad.

Palabras Clave: Niños-Cosmos; Asentamiento; Educación Ambiental; Agroecología; Infancias-Naturaleza; Infancias del Campo.

Abstract

This study is the affirmation of life in sharing with the cosmos. Something that seems evident but is not, given the anthropocentric posture that marks the relationships with other forms of life, in everyday life, in science and politics. Forged in the colonialist, fragmented, epistemic, and cosmophobic logic, such positions move us away from the condition of beings that constitute themselves in a state of interconnection with the cosmos, of coupling with other ontologies. This research focuses on the children-cosmos relationship in a community-based context in the agroecological struggle. It investigates the relationship of a group of peasant children, residents of the Visconde settlement - located in the county of Casimiro de Abreu /RJ, with their mothers, grandmother, and other cosmological beings. Some concerns mobilize the investigative path: how does the relationship between children and the cosmos take place? How is their interaction with cosmological beings in their “terreiro-sites”? How do children express their knowledge and discoveries? It is an epistemologically inspired study on narrative and participant research, supported by speculative fabulation as a narrative exercise by a “cambono” researcher. The practical-theoretical contributions are found in original and traditional cosmologies, in the fields of study of child anthropology and childhood sociology, in counter-hegemonic philosophies and Amerindian perspectivism, as well as in the wisdom of children and women who are research partners. I realise that investigating with children in their “terreiros” is to emerge other “terreiros”, imagining beings, calling the wind, playing with death, lounging with time, talking to ETs, area 51 exists! This research announces the urgency of opening childhood studies to the ontologies and cosmologies of peoples whose human-cosmological existence is expressed orally in “terreiros-territories” soaked in ancestry.

Keywords: Children-Cosmos; Settlement; Environmental Education, Agroecology; Childhoods-Nature; Countryside Childhoods.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

FIGURA 1: Construção da espiral de ervas feita em bambu

FIGURA 2: Barraca da profa. Ana Branco na PUC-Rio

FIGURA 3: Projeto II realizado em parceria com a Escola Municipal Dr. Cícero Penna

FIGURA 4: Construção da espiral de ervas feita em telhas reaproveitas

FIGURA 5: Cartaz pendurado na barraca do GT Mulheres Serra Mar

FIGURA 6: Barraca do GT Mulheres Serra Mar na 7ª ed. do Mercado Fundação Sustentável

FIGURA 7: Casa onde moram Cida, Pamela, Viúva-Negra, Homem-Águia e Nanico

FIGURA 8: Vista da casa de Cida para a porteira de entrada

FIGURA 9: Cida com o alecrim do campo

FIGURA 10: Graça conversando na varanda

FIGURA 11: Quadro ilustrativo das crianças e mulheres, parceiras da pesquisa, divididas por famílias

FIGURA 12: Vista aérea do Visconde

FIGURA 13: Fotografia tirada por Viúva-Negra enquanto soltávamos pipa no campo

FIGURA 14: Fotografia tirada por Shuri durante o alongamento dos bichos

SIGLAS:

GiTaKa - Grupo Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental

NIMA PUC-Rio - Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

GT - Grupo de Trabalho

AASM - Associação Agroecológica Serra Mar

AMLD - Associação Mico Leão Dourado

OMS - Organização Mundial da Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Rebio - Reserva Biológica

GLMA - Grupos Locais da Mata Atlântica

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

IAP - Investigação Ação Participativa

EP - Educação Popular

EABC- Educação Ambiental de Base Comunitária

ROÇADOS ABERTOS

I. COMEÇO-MEIO-COMEÇO	15
Sujeita-coletivas.....	19
Espiral-vida.....	24
<i>Nem todo trajeto é reto, nem o mar é regular</i>	25
Alargar as fronteiras acadêmicas, conectar mundos	27
Cheiro de café	30
Assentamento Visconde.....	38
Terreiro-Cosmos-Visconde.....	42
II. ENTRANÇAMENTO – <i>PUXA, PUXA, LEVA, LEVA</i>	49
Como narrar?	52
Colheitas audiovisuais	58
Salve as crianças!	64
Criando vínculos, praticando terreiros.....	80
Outra inspiração: pesquisa participante	89
Construindo a participação	91
Pesquisa com crianças assentadas pelo cosmos.....	101
A construção ética a partir da experiência	106
Quem sou na relação com as crianças?.....	111
III. CRIANÇAS-COSMOS.....	121
<i>“Se nós cortar todas as árvores do planeta todo, nós não morre, tia?</i>	124
<i>“Vem vento, catimbolê, cachorro do mato quer te morder!”</i>	139
<i>“Aí vai nascer um pé de cachorro”</i>	148
IV. <i>AQUI JAZ UMA DISSERTAÇÃO: ADUBOS PARA ENCRUZILHADAS PORVIR</i>	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	171
ANEXOS	176

I. COMEÇO-MEIO-COMEÇO

*A vida é começo, meio e começo. A vida não tem fim, porque se o mundo é redondo, é exatamente circular tudo que acontece nesse mundo. E na roda não tem fim, a roda é começo meio e começo, em qualquer lugar da roda é começo e em qualquer lugar da roda é meio.*¹

(Antônio Bispo dos Santos, 2020a)

Começar com a escrita me parece algo difícil. Apago, escrevo, apago, escrevo, repetidamente, para ter a certeza de que, dessa vez, estou iniciando da forma “correta”. Levei algumas semanas para entender que o começo perfeito estava só na minha cabeça e foi aí que compreendi que daqui não inicio nada, apenas continuo um caminhar compartilhado. Evocar e perceber o tempo em sua circularidade, como fez mestre Nêgo Bispo na citação acima, é uma das formas de resistir à linha reta colonial, unindo as pontas do segmento para transformá-lo em círculo *contracolonial* (SANTOS, A., 2015).

Dentro da roda do tempo, penso no ciclo da ancestralidade que, segundo Nêgo Bispo², é composto pela geração avó (começo), geração mãe (meio) e geração neta (começo). A partir dessa afirmativa, me pergunto sobre o significado de reconhecer a presença das crianças na gira ancestral. Lembro-me das rodas de capoeira em que todas as gerações participam juntas, se cumprimentam, brincam, cantam e gingham. A roda independe da idade e cada jogo se faz a partir do encontro entre dois corpos que se movimentam na relação com o outro, desenhando o espaço com golpes e contra golpes ao som das cantorias. A criança dá rasteira, o adulto esquiva, o jogo requer sagacidade.

Brincadeiras populares, como a roda de coco e o jongo também inscrevem-se na potência da força circular, espiralar e ancestral. Rufino ao escrever sobre a prática cultural do jongo e das brincadeiras de roda afirma que “a brincadeira rasura esse tempo linear e proporciona, através de um tempo espiralado, o trânsito, o contato, o deslocamento e a integração entre a criança e a anciã.” (RUFINO, L., 2021, p. 74-75).

As noções de circularidade do tempo e de ancestralidade junto à capoeira e às brincadeiras de roda convocam-me a pensar as crianças como integrantes fundamentais do cosmos, seres com saberes, desejos e práticas que compartilham a existência com os demais

¹ Transcrição nossa. Original disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=IBlhkKzzHmo> >. Acesso em: 28/05/2021.

² Antônio Bispo dos Santos também conhecido como Nêgo Bispo é uma importante liderança afroquilombola, ativista político e escritor. Mora no quilombo Saco do Curtume no interior do Piauí.

seres cosmológicos. As palavras cosmos, como substituta³ de natureza, e seres cosmológicos, em referência aos seres humanos e mais-que-humanos, serão pontos de partida e continuidade nessa dissertação.

Plantas, árvores, bichos, ventos, águas, astros, entidades, divindades, entre outros, geralmente são nomeados como elementos da natureza ou entendidos como a própria natureza e nós, gente, como humanos, em uma relação vertical de sapiência e poder, apartada dos demais e que vivencia a sua cultura dentro de um cenário comum - a natureza. Na perspectiva afirmada ao longo deste estudo, a dimensão cosmológica, ou seja, o cosmos e seus seres, busca avivar a percepção para o emaranhado complexo (NAJMANOVICH, 2016) em que nos encontramos, entrelaçados e acoplados com outras ontologias, encharcados por divindade, ancestralidade, espiritualidade, memória, relações invisíveis e cosmologias. Ser enquanto estado de interconstituição com as diversidades que povoam o cosmos.

Para corporificar melhor essa ideia, trago Carlos Papá (2021), indígena Guarani Mbya, que explica *Nhe'ery* para além dos sentidos conferidos pela tradução direta do guarani ao português cujo significado é Mata Atlântica. Tal denominação, desencarnada e desencantada, feita pelos cânones científicos que a definem como uma mata que se forma perto do mar com determinados aspectos ecológicos e geomorfológicos, apaga o mistério, a vida própria e as origens cosmológicas. Esta explicação esmaecida em nada se compara a *Nhe'ry* que, segundo Papá, é “onde os espíritos se banham, por isso nós devemos respeitá-la e sempre estar em diálogo com ela e, com isso, *Nhe'ery* pode nos mostrar como viver melhor, trazendo uma luz no caminhar em direção ao *Teko Porã* (Bem Viver)!”⁴.

Nesse sentido, a curiosidade ontológica e epistemológica desta dissertação nasce da inquietação em pesquisar a relação crianças-cosmos em contexto de base comunitária na luta agroecológica. Como recorte, investiga a relação entre um grupo de crianças camponesas assentadas com outros seres cosmológicos em seus terreiros⁵ (SIMAS & RUFINO, 2018), traçando diálogos com os saberes das cosmologias indígenas e tradicionais, da filosofia de Spinoza, dos campos de estudo sobre as infâncias e as crianças e do perspectivismo ameríndio.

³ Não se trata aqui de uma simples substituição de palavras, natureza por cosmos, na tentativa de uma *paz final* (STENGERS, 2018). Tal debate será aprofundado no terceiro capítulo da dissertação.

⁴ Explicação dada em guarani por Carlos Papá ao responder à pergunta “o que é *Nhe'ery*?” no vídeo intitulado “*Nhe'ery*” produzido pelo Selvagem - ciclo de estudos sobre a vida - em parceria com Carlos Papá. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uGhezj9TOog&ab_channel=SELVAGEMciclodeestudossobreavida. Acesso em: 20/11/2021.

⁵ O conceito de “terreiro” será desdobrado no segundo capítulo desta dissertação. Utilizo tal conceito para me referir tanto ao campo de pesquisa (campo-terreiro) como aos próprios sítios (terreiros) do Visconde onde as vivências com as crianças aconteceram.

Em confluência com esses saberes e com a experiência em campo-terreiro, algumas inquietações mobilizam o caminhar: como se dá a relação entre as crianças, parceiras da pesquisa, com o cosmos? Como é a interação delas com os seres cosmológicos em seus terreiros? Como as crianças expressam seus saberes e descobertas?

Para fins desta pesquisa e de como ela se propõe a abordar a vida no cosmos, é inadequado assumir uma definição tradicional do ser criança e do ser adolescente baseada na divisão em estágios da vida correspondentes às faixas etárias, conforme acontece na maioria das instituições escolares e das políticas públicas. Segundo Clarice Cohn “em outras culturas e sociedades, a ideia de infância pode não existir, ou ser formulada de outros modos. O que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais (...)” (COHN,C., 2005, p. 22). A antropóloga traz o exemplo dos Xikrin⁶ que consideram a transição da criança para a fase de vida seguinte no momento em que essa criança tem um filho/a que é seu/sua. Dessa forma, as percepções sobre o que é ser criança e sobre o que são as infâncias tornam-se perspectivas móveis relativas não somente ao contexto pesquisado, mas também às escolhas ontológicas, epistemológicas e metodológicas do estudo.

Vale avivar que não me proponho aqui realizar uma discussão extensa sobre as concepções de criança e de infâncias, mas trago ao debate a importância de nos indagarmos, em nossas pesquisas, o que é ser criança e de qual infância falamos. Nesse sentido, considerei enquanto criança todos os integrantes do grupo, composto por seis pessoas que compartilharam comigo as vivências, sendo o coletivo integrado por crianças de 7 a 13 anos de idade⁷. Tal escolha reflete o diálogo proposto, ao longo da pesquisa, com as cosmologias indígenas e tradicionais e também exprime o modo, percebido por mim, de como as crianças tratam umas as outras e de como são consideradas por suas mães e avó.

As pesquisas do grupo de estudos GiTaKa/UNIRIO (Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental), coordenado pela professora Lea Tiriba, o qual me proporcionou gestar esta pesquisa, tem mobilizado suas investigações para a relação entre as infâncias indígenas, quilombolas, tradicionais e camponesas com o cosmos. Viemos percebendo o papel fundamental do cosmos nos processos constitutivos e educativos presentes nas comunidades, nos quilombos e nas aldeias e, são essas infâncias que nos inspiram a construir e a anunciar pedagogias outras, alternativas ao modelo hegemônico euro centrado, que afirmem as crianças como seres cosmológicos. Conforme evoca Nêgo Bispo (2022) “o mote é: favela-quilombo-

⁶ Etnia indígena de língua jê, residente no estado Pará, autodenominados *Mebengokré*.

⁷ Como o primeiro contato com as crianças ocorreu em janeiro de 2020, hoje em dia todas já completaram dois ou três anos a mais do que tinham na época, sendo assim, as idades, atualmente, variam entre 9 e 15 anos.

aldeia, aldeia-favela-quilombo, quilombo-favela-aldeia, é a circularidade, tá na roda. E eu não tenho medo da bíblia enquanto ela for retangular, porque o tambor é redondo, o pandeiro é redondo, o maracá é redondo⁸.”.

O subgrupo de pesquisa Epistemes Nativas, inserido dentro do GiTaKa/UNIRIO, coordenado pela professora Lucia Cavaliere também compartilhou dessa gestação comigo. A partir de intensas trocas confluenciadas, em leitura, em oralidades, em visualidades e em musicalidade com Nêgo Bispo, Davi Kopenawa, Márcia Kambeba, Sandra Benites, Ailton Krenak, Luiz Rufino, Jaider Esbell, Juliana Tupinambá e tantos outros, pude fabular, imaginar e especular sobre o cosmos e suas relações com as crianças, compostando tantas ideias nas espirais desse estudo.

Partindo da minha experiência com as crianças assentadas, em ambientes de intensa relação com os outros seres cosmológicos, é inevitável não perceber a forma como se dão as interações, os saberes, as brincadeiras e a própria constituição enquanto ser em composição com os demais. É nos rios que aprendem a nadar, é da roça que brotam boa parte dos alimentos e das medicinas curativas, é com os seres-árvores que interagem com os ciclos de vida-morte e observam a transformação em ar para respirar, mas é também com esses seres que compreendem os perigos em cair de um galho alto ou de levar uma picada de cobra...

Porém, onde e como estão representadas as infâncias camponesas, tradicionais ou indígenas? O que viemos legitimando até então enquanto crianças, infâncias e sua relação com a natureza dentro dos espaços acadêmicos e institucionais, dos processos formativos de professores(as), das políticas públicas em educação e da criação de currículos? Como é entendida essa natureza? Seguimos com convicções e leituras calcadas na monocultura, na fragmentação, na cosmofofia (Santos, A., 2020a) e no epistemicídio que nos afastam e nos alijam da condição que nos é própria à vida e à potência de existir - o estado de interconstituição, de acoplamento, de continuidade e extensão, de compartilhamento e cocriação com os outros seres. Ao negar esta condição biofílica que nos é essencial à existência - o desejo de perseverar no ser praticado em coexistência com os outros seres -, com pedagogias e práticas cada vez mais desencantadas e moribundas, despotencializamos as diferentes formas de ser criança(s) e viver suas infâncias.

É urgente trazer para os estudos sobre as crianças e as infâncias, nos diferentes campos científicos, perspectivas que afirmem ontologias, cosmologias, epistemologias, os saberes das

⁸ Transcrição nossa. Original disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Akm9vLsy5cw&ab_channel=ColetivoLeg%C3%ADtimaDefesa. Acesso em: 20/03/2022.

crianças e formas de sentir, de viver e de conhecer o cosmos nas suas múltiplas dimensões e sentidos de relacionamento enquanto constitutivos de nós, seres humanos-cosmológicos. Precisamos firmar pedagogias em conexão com os outros seres que sejam biofílicas, potencializadoras e propulsoras de axé, de *conatus* (SPINOZA, 2009), de energia vital que diversificam, colorem, reflorestam e encantam. E que, como fim último, tenham como compromisso a vida em compartilhamento.

Dessa forma, a dissertação apresenta como curiosidade refletir sobre a relação, as brincadeiras e as conversas que se deram na experiência entre mim, as crianças, as mulheres e os outros seres nos terreiros do assentamento Visconde⁹, com vistas a investigar e a anunciar diferentes modos de existir, de ser e de estar em compartilhamento com o cosmos. O estudo passa pelo reconhecimento de que outros seres cosmológicos agem em processo de composição contínua e de negociação conosco, nos interconstituindo e gerando a existência uns dos outros. É nesse sentido que me propus a vivenciar, a brincar e a descobrir junto com as crianças como se dão suas relações com o cosmos e com as ontologias em seus terreiros. Partindo de uma pergunta tipicamente spinozista sobre o que podem os afetos, indago: o que podem as matas, os rios, as florestas, os encantados e os demais seres na relação com as crianças?

A metodologia da pesquisa foi se construindo na medida em que as vivências com as crianças aconteciam e novos caminhos se apresentavam. Nessa perspectiva, é uma investigação que aposta na experiência, nutrida epistemologicamente a partir dos campos da pesquisa narrativa e da pesquisa participante mediada pelo exercício de *fabular especulativamente* enquanto prática narrativa de uma *pesquisadora cambono*¹⁰. Para entender como cheguei até o assentamento Visconde, retomarei a seguir, um pouco do meu percurso, pois como disse no primeiro parágrafo “daqui não inicio nada, apenas continuo um caminhar compartilhado”.

Sujeita-coletivas¹¹

A motivação para tecer esta pesquisa se origina na minha constituição como jovem educadora no movimento juvenil judaico Habonim Dror e nas experiências, desde 2015, como

⁹ O assentamento Visconde localiza-se no município de Casimiro de Abreu - Rio de Janeiro. Mais adiante deste capítulo, explico como se deram a minha aproximação com o lugar e a escolha para construir a pesquisa.

¹⁰ Tal conceito será abordado no segundo capítulo da dissertação.

¹¹ Adoto o plural no gênero feminino na intenção de marcar e de *contracolonizar* (SANTOS, A., 2020b) a gramática portuguesa que, dentro de uma lógica patriarcal, machista e binária, assume o masculino enquanto (cis)tema universal, totalizante e neutro. Compreendo que este é um estudo sobre a minha experiência, enquanto pesquisadora mulher, com as crianças e com suas mães e avó.

militante da agroecologia e educadora ambiental a partir de práticas coletivas em hortas urbanas e comunitárias e escolas na cidade do Rio de Janeiro.

Dos 6 anos aos 21 anos de idade, vivi intensamente as diferentes fases propostas pelo Habonim Dror. O movimento funciona como um espaço de educação crítica não-formal autogerido por jovens educadores, adolescentes e crianças. A participação no Dror me proporcionou o mergulho no universo educacional e no conhecimento sobre Paulo Freire, pois ele era uma das referências que inspirava nossas condutas e fortalecia a práxis.

Vivi dentro das práticas educativas do Dror, o que Freire (2014) defendia como educação problematizadora. Em um primeiro momento participei como educanda e mais tarde, aos 15 anos de idade, me tornei uma jovem educadora após 1 ano em processo formativo com monitores/as. Essa experiência abriu possibilidades para compreender os vínculos pedagógicos estabelecidos na relação educadora-educando e a entender o brincar, o lúdico, as conversações e as responsabilidades como base para uma pedagogia comprometida com a liberdade e com a democracia. Desenvolvi uma educação politizada com valores calcados na coletividade e na construção polissêmica do diálogo.

Em 2015, já na faculdade de Design da PUC-Rio, tive o primeiro contato com as questões ditas ambientais¹² ao iniciar o estágio como designer no NIMA (Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente) PUC-Rio. Este trabalho representou, para mim, o começo do percurso na área da educação ambiental e foi onde conheci companheiras e companheiros praticantes da agroecologia no coletivo Horta Nossa¹³.

O Horta Nossa significou para mim um retorno à vida em coletivo, após anos de participação no Dror. Conhecer a agroecologia, suas pautas e princípios, no começo da faculdade, por meio do coletivo, foi uma das giras ontológicas que contribuíram para eu chegar até esta pesquisa. Lembro-me, como se fosse hoje, da primeira oficina da qual participei no canteiro, antes um terreno baldio, que foi ocupado pelos pioneiros do Horta Nossa no bairro da Gávea, em frente ao Planetário. A proposta da oficina era a construção de uma espiral de ervas feita em bambu e foi quando, pela primeira vez, peguei num cabo de uma enxada para abrir os espaços que entrariam as ripas de bambu e, posteriormente, onde cultivamos ervas e temperos.

¹² Até então eu não percebia as questões e os conflitos ambientais como estruturantes das relações sociais e direcionados a infringir determinadas subjetividades e corpos, conforme a abordagem da educação ambiental crítica. A dimensão ambiental tampouco era compreendida por mim como interseccional.

¹³ O coletivo surgiu, em 2013, a partir da insatisfação de um grupo de estudantes de diferentes graduações, majoritariamente da PUC-Rio, em relação ao estado de abandono e disfunção dos canteiros e praças da cidade do Rio de Janeiro. Diante de uma significativa quantidade de terrenos urbanos improdutivos e decuidados, tínhamos como intuito ressignificar os canteiros públicos por meio da consolidação de hortas coletivas e comunitárias pelas lentes da agroecologia e das práticas agroflorestais.

Figura 9 – Construção da espiral de ervas feita em bambu



Fonte: Acervo pessoal, 2015.

A partir desse dia, eu lá fiquei, colocando as mãos na terra, plantando nos canteiros da cidade, articulando a luta com outros coletivos e dando oficinas em diferentes lugares. De início não sabíamos muito o que fazíamos, o conhecimento foi chegando com a prática, aquele canteiro funcionava como um laboratório vivo. O envolvimento com a agroecologia¹⁴ e os saberes da agrofloresta¹⁵ se apresentaram para nós aos poucos. Observávamos os ciclos das espécies, como elas se relacionavam entre si e com a gente, como as pessoas do entorno se conectavam com a horta... Era um espaço de muito aprendizado e integração com outros seres que não estamos acostumados a interagir no cotidiano agitado dos centros urbanos.

¹⁴ Segundo Oliveira & Botelho (2017), uma das leituras possíveis para o contexto brasileiro é a caracterização da agroecologia como um tripé entre ciência, movimento social e um conjunto de práticas.

¹⁵ Contrária à lógica monocultural, a agrofloresta é uma forma de cultivo agrícola, inspirada nas dinâmicas e inteligências dos ecossistemas, que combina espécies de ciclo longo, como as arbóreas, com as de ciclo curto, como as horticulturas, e a criação de animais. Para mais informações e para acesso a livros sobre agrofloresta, indico o site da Cooperafloresta: <https://www.cooperafloresta.com/publicaes>. Acesso em 20/04/2022.

A experiência de plantar na cidade me possibilitou conhecer como cresciam as frutas, as hortaliças e os temperos que chegavam até o meu prato; como são seus formatos e tamanhos; quais as exigências de cada espécie em termos de luminosidade, temperatura, quantidade de água e nutrientes no solo; perceber a ciclicidade do tempo; observar como o sol nasce diferente de acordo com as estações do ano; valorizar a agricultura familiar; descobrir guardiãs de sementes crioulas e honrar toda a sabedoria ancestral envolvida no plantio. Os encontros e as relações construídos com os outros seres ao longo dos cultivos, dos mutirões, das feiras e das oficinas foram o despertar para entender a importância de estar junto e traçar relações com outras ontologias.

Além da práxis com o Horta Nossa, durante a graduação em Design, tive a oportunidade de cursar a matéria de Projeto II com os mestres Ana Branco e Vicente Barros, acontecimento que nutre muito do que manifesto. A barraca, como é chamada carinhosamente a sala de aula construída pela Ana, era um espaço em que eu podia viver o chão, sentir a areia, ouvir o barulho dos bichos, dos carros, de gente e ser abraçada pela mata que envolvia o lado de fora. Na verdade, eu não sabia se estava fora ou dentro, pois a tenda é formada por estruturas de treliças vazadas que unidas formam um círculo. Não existia ar-condicionado, quadro explicativo ou carteiras dispostas em fileiras. Sentávamo-nos uns ao lado dos outros em grandes bancos dispostos em roda e cheio de almofadas feitas de saco de batata recheado com folhas secas. As aulas aconteciam, na maioria das vezes, com as professoras e professores sentados ao lado dos alunos, conversando e pensando junto. Essa foi uma das matérias mais transformadoras que cursei em toda a graduação, em vez de fórmulas, modelos e dados, eu aprendi sobre horizontalidade, sobre dialogicidade, sobre a importância de agradecer e sobre o fazer-pensar-sentir design em parceria com experimentação direta nos cotidianos das escolas públicas.

Figura 10 - Barraca da profa. Ana Branco na PUC-Rio



Fonte: site do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio¹⁶

Figura 11: Projeto II realizado em parceria com a Escola Municipal Dr. Cícero Penna



Fonte: Acervo pessoal, 2014.

Assimilo todas essas interações que me criam e penso em Spinoza, pois suas reflexões me ajudam a entender os afetos gerados no meu ser a partir das trajetórias que atravessam.

¹⁶ Disponível em: <https://www.dad.puc-rio.br/historia-dad/barraca-da-ana-branco/#>. Acesso em: 08/09/2021.

Segundo o filósofo, é por meio das afecções, das experiências, que conhecemos o(s) mundo(s) e formamos ideias do que nos causam bons ou maus encontros. Consigo identificar que as vivências descritas acima expandiram meu *conatus* (SPINOZA, 2009), ou seja, a potência de existir e de perseverar no ser, uma tendência à ampliação em compartilhamento com os outros *modos de expressão* (Ibidem). A alegria é, justamente, essa propensão à expansão, sentimos que algo nos compõe quando o nosso ser se alegra. Quanto mais encontros alegres, maior a nossa potência de sermos afetados pelo múltiplo e pelo simultâneo.

Espiral-vida

Em 2017, a primeira ação no recente canteiro da horta da Fonte¹⁷ foi a construção de uma espiral com telhas reaproveitadas. Relembro isso porque não à toa o formato espiralar aparece novamente inaugurando um novo ciclo. O diálogo firmado com Nêgo Bispo, nas primeiras linhas desta pesquisa, sobre a circularidade do tempo e sobre a ancestralidade, conflui¹⁸ com os significados que vejo na espiral. Ela anuncia a complexificação da vida, a pluralidade e a movimentação cíclica permanente. Me atenta sobre o respeito às origens e a responsabilidade com o porvir, juntos na roda ancestral. Expressa a circulação de energia vital, como a forma das águas correndo. Fala da morte que gera adubo para um novo florescimento, este observado nas etapas sucessionais das matas que, em um manejo agroflorestal, atingem novos níveis de complexidade a partir das espécies que vieram antes e enriqueceram o ecossistema. Nesses significados, a espiral exprime a ruptura com a linha reta capturada pelo sistema ocidental-branco-colonial-patriarcal-capitalista, uma vez que explicita o entrelaçamento e as teias formadas entre todos os seres que habitam o cosmos.

Spinoza (2009), ao definir a imanência, afirma que ela é formada por uma substância/natureza/deus/real infinita, é causa de si e sua existência envolve a essência. Já os humanos são modos de expressão dessa natureza, são afecções da substância, por isso finitos. Como modos da substância que tudo permeia e é permeada, vivemos todos na imanência, ou seja, a transcendência, o fora, é inexistente. Spinoza é o filósofo que pensa a potência por meio da investigação das causas e também se faz fulcral para refletir sobre o coletivo, pois uma vez que tudo é formado pela mesma substância, estamos necessariamente entrelaçados a outras

¹⁷ Localizada na rua Fonte da Saudade no bairro da Lagoa, RJ. A Horta da Fonte, como era chamada, foi o segundo local que ocupamos depois da horta no bairro da Gávea.

¹⁸ Confluência e transfluência são palavras germinantes criadas por Nêgo Bispo (2020) que serão aprofundadas no terceiro capítulo.

existências. Por essa trama, talvez a espiral seja uma das imagens mais próximas para se pensar essa natureza/deus/real descrita pelo filósofo, pois ela é potência produtiva que causa a si mesmo e todas as outras coisas, na qual tudo se interliga e se afeta.

Figura 12 - Construção da espiral de ervas feita em telhas reaproveitadas



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

*Nem todo trajeto é reto, nem o mar é regular*¹⁹

Busco os fluxos, as giras, os movimentos, os deslocamentos intencionais que me trouxeram de volta à academia, curiosamente um mês após ingressar no mestrado, a pandemia²⁰ foi deflagrada. É impossível descolar a vida da pesquisa, a ciência do cotidiano, e o significado de fazer-sentir-narrar pesquisa em um momento no qual o desencante agencia as subjetividades. Simas (2021, p. 23) nos atenta que em oposição à vida não está a morte, mas sim o desencantamento, a perda de potência, de axé. “Morte e vida não são meras condições fisiológicas: a morte é a espiritualidade do desencanto e a vida é a disponibilidade para o encantamento. Muitos mortos, lembremos disso, dançam. Muitos vivos parecem ter perdido a capacidade de dançar.”.

O avanço do coronavírus escancarou ainda mais os projetos de necropolítica (MBEMBE, 2018) e de necropedagogia (SALGADO *et al.*, 2019) em curso, desencarnados e moribundos. A expansão descontrolada da doença evidencia também o quão frágil é o suposto

¹⁹ Trecho da música “cobra rasteira” do conjunto musical Metá Metá, composição de Kiko Dinucci, 2012.

²⁰ No dia 11/03/2020, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a COVID-19, doença gerada pelo SARS-CoV-2, como uma pandemia.

controle do homem moderno sobre a natureza e suas técnicas mirabolantes rumo “à ordem e ao progresso”. Em contraposição, cientistas, xamãs, pajés, mestras e mestres tradicionais vêm nos alertando sobre a queda do céu (KOPENAWA; ALBERT, 2015) catalisada pelos modos de vida predatórios instaurados pela modernidade e pelo povo da mercadoria (Ibidem).

Aliás, a colonialidade, a que chamo de *marafunda* e *carrego* moderno ocidental, atravessa os tempos, as existências e as suas respectivas formas de interação. A *marafunda* colonial é o termo que reivindico para dimensionar os efeitos do colonialismo europeu ocidental como uma espécie de maldição. Assim, meus camaradinhos, o trauma corre em aberto, a produção de violência por parte desse feitiço de perda de potência e de desencante da vida nada mais é do que as operações e o lastro de presença da colonialidade.” (RUFINO, 2019, p. 74).

A ciência canônica, como parte da *marafunda* e do *carrego colonial* (Ibidem), nos faz crer que existe um só mundo e que os detentores da razão o acessam por meio do conhecimento. O colonialismo é notório também dentro das universidades brasileiras, nas quais é visível a desproporção na ocupação de cargos e de espaços, entre docentes e discentes, de pessoas negras, indígenas, camponesas, de baixa renda, transsexuais, entre outras identidades *abissalizadas* (SANTOS, B., 2019). Os racismos, machismos, homofobias, transfobias, entre outras opressões são a garantia da perpetuação do *carrego colonial* e da produção de subjetividades silenciadas. Dessa forma, é preciso assumir que a ciência é produtora de mundos e se construiu desqualificando outros modos de saber/ser/poder, ditos como “crenças”, “misticismos”, “selvageria”, ou seja, desvios ontológicos.

Vale ressaltar que esta crítica em nada se assemelha aos negacionismos obscurantistas presentes no atual governo bolsonarista ecocida fascista, pois diante de tantos ataques aos/às cientistas brasileiros(as), com políticas de desmonte da educação pública, pautas terraplanistas e movimentos antivacina, por exemplo. É necessário se diferenciar. Nesse ponto, busco por meio do questionamento, encontrar as causas de uma ciência ocidental que se constitui como universal, neutra e detentora de verdades e desatar alguns nós rumo à construção de ciências encantadas (Simas & Rufino, 2018).

Em diálogo com Stengers (2018) é preciso assumir uma *proposição cosmopolítica* que nos direciona a estabelecer relações simétricas entre diferentes concepções de mundo, de habitá-lo e de descrevê-lo. É necessário conectar as práticas de conhecimento, pois elas não são meras representações, mas construções reais. Para além da maldição da tolerância (Ibidem), é urgente traçar alianças a favor de uma ecologia das práticas (Ibidem). Como podemos firmar diálogos, no aqui e agora, entre as ciências, o xamanismo, as lutas de defesa por terra, os

quilombolas e as sabedorias das crianças camponesas? O que eles/elas têm a dizer sobre o cosmos? Afinal, se não existe um só mundo, o que fazer?

Alargar as fronteiras acadêmicas, conectar mundos

Estar dentro da academia e fazer-sentir pesquisa, principalmente na atual conjuntura brasileira, desloca-nos a perguntar em favor de que estudamos? De quem? Para quê? Por quê? Como? São questões fundamentais para um saber científico ético e comprometido com o fim do epistemicídio. Desse modo, é vital traçarmos diálogos e vínculos, fazer da universidade o lugar pactuado com as diversidades ontológicas, epistemológicas e cosmológicas. Inspirada no conceito freireano de *inéditos viáveis*, Freire (1997), em *Pedagogia da Esperança*, nos ensina que diante de situações limites, é preciso criar, no agora, processos de problematização que promovam mudanças radicais em direção a outro patamar, este continuado em níveis mais aprofundados. Transformar a essência em coletivo com dialogicidade, práticas libertadoras e criatividade:

O que não podemos como seres imaginativos e curiosos, é parar de aprender e de buscar, de pesquisar a razão de ser das coisas. Não podemos existir sem nos interrogar sobre o amanhã, sobre o que virá, a favor de que, a favor de quem, contra quem virá; sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o “inédito viável” demandando de nós a luta por ele. (Ibidem, p. 51).

Nesses contornos esta pesquisa-vida se propõe a construir um diálogo pluriépistêmico e a fortalecer os saberes das crianças parceiras da pesquisa. Porém, como honestidade epistemológica e também como humana criada em espaços de divórcio entre as ditas natureza e cultura, reconheço as contradições e os desafios presentes ao longo do estudo. Trazer as vozes das crianças para dentro do texto, a partir da escrita de uma pesquisadora adulta, me faz reconhecer as fronteiras entre a oralidade, o vivido e o escrito, tensões que detalharei mais a frente. Pretendo, pois, escrever com as crianças, com as mulheres, com o coletivo, achar nessas entrelinhas o sentido que vimos investigando a partir das narrativas e das relações traçadas nos terreiros.

Conforme enunciado anteriormente, Spinoza é o filósofo que reflete sobre a potência partindo dos afetos (*affectus*)²¹ e das afecções (*affectio*). “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e,

²¹ Em um curso ministrado por Gilles Deleuze em 24/01/1978, o filósofo explica que na versão em latim do livro *Ética*, escrito por Spinoza, o autor usa duas terminologias, *affectus* e *affectio*, para se referir, respectivamente, às palavras afeto e afecção, dessa forma, seria um erro tentar reduzi-las ao mesmo significado.

ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (SPINOZA, 2009, p. 98). Segundo Deleuze (2019), o afeto em Spinoza é definido como a variação contínua da força de existir, da potência de agir, na medida em que esta oscilação é definida pelas ideias que se tem. Por outro lado, a afecção seria a marca de um corpo sobre outro corpo, dizendo mais sobre o corpo transformado do que sobre o corpo transformador, ou seja, é “o estado de um corpo enquanto sofre a ação de um outro corpo” (Ibidem, p. 44).

Nessa perspectiva, afecções que compõem com o nosso ser, nos alegram, gerando a expansão do *conatus* e da capacidade de ser afetado cada vez mais pelo múltiplo e simultâneo. Se, para Descartes, a racionalização é condicionada à psique; para Spinoza mente e corpo são indissociáveis, sendo a competência de refletir atrelada necessariamente à condição de se movimentar, de estar junto e de se compor a outros corpos. Racionalizar envolve, incondicionalmente, a abertura às afecções, porque “se o corpo não foi afetado, de nenhuma maneira, por algum outro corpo, então [...], a ideia do corpo humano tampouco o foi, isto é [...], a mente humana tampouco foi afetada, de qualquer maneira, pela ideia da existência desse corpo; [...]” (Ibidem, p.73).

Ao refletir sobre a educação como prática pedagógica enraizada nos afetos, conceito spinozista, é preciso ter cautela em diferenciá-la de uma prática educativa afetiva ou afetuosa, pois apesar de serem palavras do mesmo campo semântico, o sentido entre elas é outro. Ao escrever sobre os afetos e as afecções, Spinoza não os classifica, a priori, como polaridades de valoração positivas ou negativas, tampouco estende uma conotação moral. Nesse sentido, uma prática afetuosa pode ou não aumentar a potência de agir e é justamente essa oscilação entre a força de perseverar no ser que consiste o afeto. Na medida em que sou, cada vez mais, as causas adequadas das afecções que me atravessam e consigo expressar a minha essência, gero afetos ativos pela natureza própria da ação, em caso oposto, sou passiva, definindo, assim, as paixões.

Os afetos nos instigam a pensar a potência, a alegria, o axé, a força vital que nos faz seguir em comunhão e integridade conosco e com os outros seres. Em transfluência (SANTOS, A., 2020a) com esta reflexão, confluem para o conceito de encantamento, trabalhado pelos professores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2018) no livro *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Na passagem a seguir, o encantamento é tido como o sopro vital catalisador e produtor de significações pluriversais.

A perspectiva do encantamento é elemento e prática indispensável nas produções de conhecimentos. É a partir do encante que os saberes se dinamizam e pegam carona nas asas do vento, encruzando caminhos, atando versos, desenhando gestos, soprando sons, assentando chãos e encarnando

corpos. Na miudeza da vida comum os saberes se encantam, e são reinventados os sentidos do mundo. (SIMAS & RUFINO, 2018, p. 12-13).

O encantamento, bem como os afetos, expressa dimensão ativa, pois em nada se filia ao deslumbramento desavisado ou ao encanto romântico, descompromissado com fazeres/saberes políticos e éticos. Ele é força motriz, impulsionador de vida, contendo a ação própria do encontro, da interpenetração de seres que, ao tocarem-se, se afetam e se modificam. Diz sobre a interconstituição no momento em que o cruzo é potência e possibilidades. Reverencia também em seu nome, a perspectiva dos encantados, assumindo que dentro de si está o diálogo com os seres cosmológicos, visíveis e invisíveis, que seguem praticando criação cosmológica (CAVALIERI *et. al.*, 2021). A educação encantada emana o vigor de agir e encarnar em corpos firmados na condição de inacabamento (FREIRE, 2015) e abertura.

O encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectiva de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, não é objeto de estudo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza no pensar/fazer implicado, [...]. (MACHADO, 2014, p. 59).

Desse modo, ancorar nos afetos e no encantamento como cruzos possíveis em uma pesquisa que busca conectar mundos e emaranhar as ciências, é praticar campo-terreiros recheados de ancestralidade, de memória, de circularidade e da sabedoria das crianças enquanto seres cosmológicos produtores, sabedores e brincantes. Quem sabe assim produzimos educações encarnadas e encantadas que desestabilizam no seu fazer-sentir a incidência dos padrões de poder em desencante e disputam as práticas pedagógicas enquanto ações referenciadas na vida em cosmos.

Assim, me cabe dizer que a noção de pedagogia aqui proposta se vincula diretamente à emergência de novos seres/saberes, esses paridos pela dinâmica encruzada e conflituosa das travessias transatlânticas. A pedagogia como a reivindico compreende-se como um complexo de experiências, práticas, invenções e movimentos que enredam presenças e conhecimentos múltiplos e se debruça sobre a problemática humana e suas formas de interação com o meio. (RUFINO, 2019, p. 74)

Começar do começo continuado, exigiu do meu corpo uma mudança de cidade, pois a teoria não se faz sem a prática, sentir-pensar-fazer no campo-terreiro de pesquisa que escolhi (e fui escolhida) sem a vivência visceral não seria uma possibilidade. Realizei a transição para o município de Casimiro de Abreu – Rio de Janeiro, onde as crianças e as mulheres parceiras da pesquisa, residem no assentamento Visconde. A vontade de mudar para uma localidade mais

próxima aos rios, as matas, aos animais e aos demais seres era um projeto sonhado fazia tempo. Foi então que o encontro com Cida²² e com esta pesquisa me fizeram andar por novas veredas...

Cheiro de café

Senta que já já o café vem! Trago o chamado para um café, pois ele mediou boas conversas, apresentações e encontros no assentamento. O convite para entrar na casa e tomar o café é praticamente irrecusável, pois ele cria os primeiros vínculos, o reconhecimento do rosto, o tom da voz, a preferência com ou sem açúcar, mais forte ou mais claro... Na casa de uma é diferente da outra: o jeito de servir, os recipientes, o aroma, os acompanhamentos... Com o cheiro de café pronto, inicio a apresentação de como encontrei as parceiras e os parceiros de pesquisa, pois foi assim que aos poucos fui sendo recebida e me conectando às novas presenças.

Lembro da primeira vez que conheci Cida, ela estava expondo em uma barraca coletiva do GT (Grupo de Trabalho) Mulheres Serra Mar na 6ª ed. do Mercado Fundação Sustentável, feira de Cultura e Agroecologia, realizada na Fundação Progresso em dezembro de 2019. Por coincidência, eu também estava lá como expositora de artes feministas feitas em parceria com minha irmã Lígia. Passei pela barraca do GT e logo me chamaram a atenção as plantas, os sabões artesanais e um cartaz pendurado ao fundo (figura 5) contando um pouco sobre o grupo e as integrantes.

O GT Mulheres Serra Mar²³, criado em 2017 dentro da AASM (Associação Agroecológica Serra Mar) é uma rede formada por agricultoras rurais e urbanas, na condição de assentadas da reforma agrária ou pequenas proprietárias, viveiristas, artesãs, feirantes, saboeiras – mulheres negras, majoritariamente -, técnicas, estudantes e professoras dos municípios de Casimiro de Abreu, Rio das Ostras, Silva Jardim, Nova Friburgo e Magé. Em consonância com a luta agroecológica, defende a soberania alimentar, o acesso à terra, às sementes, à água e a garantia dos direitos das mulheres.

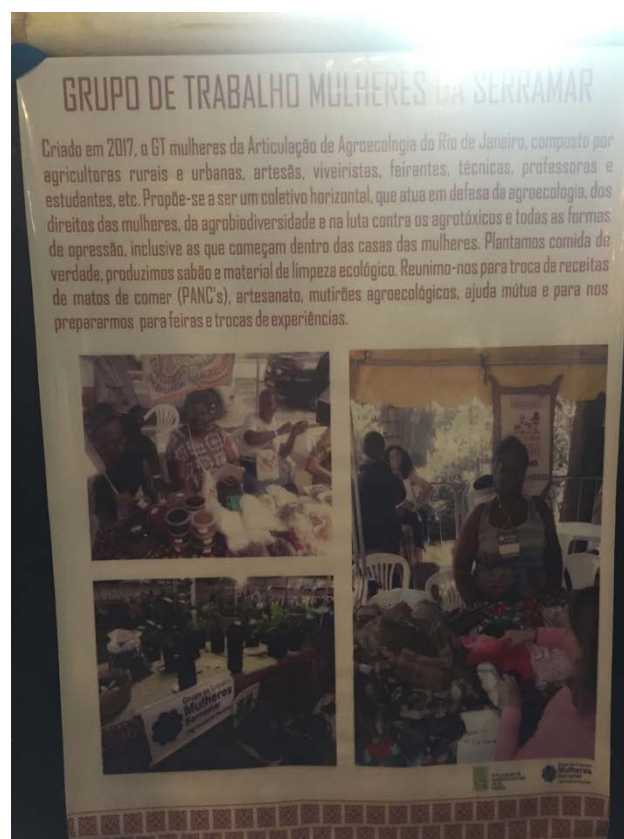
Como militante da agroecologia e interessada nas articulações entre o campo e a cidade, cheguei para conversar com Cida. Ela foi muito receptiva, me contou sobre o território onde

²² Os nomes utilizados, na dissertação, para as mulheres são os originais, já os nomes das crianças são fictícios, essas escolhas serão explicadas no segundo capítulo na subseção intitulada “salve as crianças!”.

²³ Para mais informações sobre a história e a atuação do GT Mulheres Serra Mar ver: SANTOS, Suenya; SCHOTTZ, Vanessa. Mulheres da Articulação de Agroecologia Serra Mar: práticas de educação popular fortalecendo ações em rede. In: MARRO, K. I.; BARBOSA, E. C. V.; SANTOS, S. (orgs.). **Caminhos Metodológicos, Saberes e Práticas Profissionais e Populares em Territórios de Resistência**. Uberlândia, Minas Gerais: Navegando, 2021, p. 82-93.

morava, sobre o GT de mulheres e me apresentou a outras duas companheiras que compartilhavam a barraca. Cida é agricultora agroecológica, muito conhecida pela sua produção de sabões e sabonetes e uma importante liderança e articuladora do grupo de mulheres. Após algum tempo de conversa, falei sobre o que pretendia pesquisar no mestrado e perguntei se na família dela e em famílias próximas a ela havia crianças. Com a confirmação, indaguei se poderia conhecer o assentamento, a sua casa e as crianças. Foi então que a partir desse dia trocamos telefones e combinamos a minha ida ao local.

Figura 13 - Cartaz pendurado na barraca do GT Mulheres Serra Mar²⁴



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

²⁴ Escrito no cartaz: criado em 2017, o GT mulheres da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro, composto por agricultoras rurais e urbanas, artesãs, viveiristas, feirantes, técnicas, professoras e estudantes, etc. Propõe-se a ser um coletivo horizontal que atua em defesa da agroecologia, dos direitos das mulheres, da agrobiodiversidade e na luta contra os agrotóxicos e toda as formas de opressão, inclusive as que começam dentro das casas das mulheres. Plantamos comida de verdade, produzimos sabão e material de limpeza ecológico. Reunimo-nos para troca de receitas de matos de comer (PANC's), artesanato, mutirões agroecológicos, ajuda mútua e para nos prepararmos para feiras e trocas de experiências.

Figura 14 - Barraca do GT Mulheres Serra Mar na 7a ed. do Mercado Fundação Sustentável



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Em janeiro de 2020, viajei junto com o amigo Alexandre em direção ao município de Casimiro de Abreu para encontrar Cida, sua família e conhecer o Visconde. Nos encontramos em uma passarela próxima à entrada do local, Cida e sua neta mais velha, Viúva-Negra (10 anos)²⁵, nos esperavam na beira da estrada para seguirmos caminho, pois, como primeira vez, seria complicado chegarmos até lá sozinhos.

A porteira do sítio fica próxima à estradinha de terra, após ultrapassá-la, passamos por uma área de baixada descampada seguida de uma subida que leva até a casa de Cida, localizada mais acima do terreno. Pamela, a filha de Cida, nos esperava na varanda junto a seus outros dois filhos Nanico (7 anos) e Homem-Águia (9 anos). Fomos recebidos com café, bolinhos deliciosos e olhares ansiosos. Me apresentei para as crianças e para Pamela. Expliquei brevemente que era estudante de Educação e estava começando uma pesquisa que envolvia as crianças e a natureza. Falei que estava ali para conhecê-los e que poderiam me mostrar o que quisessem no seu quintal, me contar sobre suas brincadeiras...

²⁵As idades das crianças citadas a seguir são correspondentes aos anos que tinham na época da visita.

Figura 15 - Casa onde moram Cida, Pamela, Viúva-Negra, Homem-Águia e Nanico



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 16 - Vista da casa de Cida para a porteira de entrada



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Antes de sair com as crianças pelo terreiro, conversei por um tempo com Cida e Pamela na mesa enquanto Viúva-Negra, Homem-Águia e Nanico brincavam lá fora. Elas me contaram sobre a história de luta pela terra presente na família desde o avô de Cida, sobre como ganharam a terra no Visconde, como eram as relações entre as famílias ali dentro, sobre a participação delas no movimento agroecológico da Serra Mar e a última viagem à Marcha das Margaridas²⁶ em Brasília (DF). Eu nunca havia estado em um assentamento e conhecia pouco sobre os processos de luta pela terra, devagar fui me situando e me sentindo mais à vontade na conversa. Cida me informou que depois do almoço iríamos a casa de Graça para que pudesse conhecer ela e suas duas filhas Shuri (13 anos) e Mulher-Gavião (11 anos), assim eu poderia me apresentar, contar sobre a proposta do estudo e convidá-las para a parceria.

Papeamos um bocado e como Cida e Pamela precisavam ajeitar os preparativos do almoço, chamaram as crianças para nos mostrar o quintal. Nanico e Homem-Águia logo nos levaram para ver os peixinhos que estavam guardados numa bombona. Expuseram empolgados a pescaria feita mais cedo no valão²⁷ perto de casa. Depois do aquário, andamos em direção às árvores e Nanico, o mais esprevidado de todos, subia nelas catando alguns frutos. Durante a andança comemos jabuticaba, seriguela, manga, coco... Era curioso ver as distintas formas que se compunham com cada ser-árvore e a ferramenta adequada para colher os diferentes frutos.

As jabuticabas foram catadas com as mãos mesmo, a uma distância perto do chão. Já para colher os cocos, a ferramenta era um vergalhão cumprido com um arame em formato oval na ponta para laçá-los. As seriguelas foram conquistadas com um aparato feito de pau acoplado a uma garrafa pet cortada ao meio e amarrada na ponta do cabo, formando uma cesta. E as mangas? Ah! As mangas são as mais difíceis de se apanhar! Foi preciso concentração e comunicação constante entre Nanico e Homem-Águia para traçar rotas e estratégias a fim de alcançá-las. Enquanto Nanico escalava a mangueira, Homem-Águia ajudava com as coordenadas no pé dela, apontando onde estavam as melhores. Ao chegar até o fruto, Nanico soltava e lançava-o no chão, ao passo que o irmão ia recolhendo e guardando para saborearem depois.

²⁶ A última edição da Marcha das Margaridas aconteceu nos dias 13 e 14 de agosto de 2019 em Brasília (DF). Ela representa uma das maiores ações conjuntas da América Latina feita por mulheres trabalhadoras das florestas, dos campos, das águas e das cidades. É coordenada pela Contag (Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais Agricultores) e organizada em parceria com movimentos feministas, sociais, sindicais e organizações internacionais, já soma quase 20 anos de atuação. A última edição teve como lema “Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência.”

²⁷ Valão, como eles chamam, é um pequeno laguinho de água limpa represada que chega por meio de um córrego.



Conforme o combinado, caminhamos com as crianças e as mulheres para a casa de Graça, pela estrada paramos algumas vezes para ouvir histórias sobre o bambuzal, para conhecer ervas medicinais e também catar alguns frutos, claro! Ela nos recebeu com um café e nos sentamos na varanda para que Cida fizesse as apresentações. Graça é uma das viveiristas da rede de viveiros da AMLD²⁸ (Associação Mico Leão Dourado) e, desde 2014, produz mudas

²⁸ Site da AMLD para maiores informações sobre a história e os projetos em curso: <https://www.micoleao.org.br/>.

florestais de espécies nativas da Mata Atlântica para a restauração da Bacia do Rio São João. O projeto funciona por meio da implementação de viveiros nos sítios, oferece capacitação técnica e cursos, sendo o principal comprador das mudas. Somente mulheres podem ser as responsáveis pelo viveiro, pois é uma forma de empoderar financeiramente as mulheres do campo, uma vez que o machismo presente nas áreas rurais é um dos principais obstáculos para consolidarem a sua independência econômica.

Graça possui um conhecimento enorme sobre o cultivo e manejo das espécies endêmicas além de outras medicinais e alimentares. Durante o papo, ela se queixou sobre a perda de interesse das crianças em ajudar e aprender sobre as plantas. Disse que a escola fica na cidade de Casimiro e os conteúdos não abordam sobre os conhecimentos da roça, com isso as crianças acabam valorizando mais a cultura da cidade. Deu o exemplo de que no seu quintal existe muita medicina, já na cidade as pessoas não têm isso, precisam comprar remédios.

Sobre a participação na agroecologia, Cida conhecia Graça do assentamento e a convidou para participar das atividades e dos encontros do GT Mulheres Serra Mar, aos poucos ela foi se inserindo no movimento e trocando experiências com as demais companheiras.

Figura 9 - Cida com o alecrim do campo



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 10 - Graça conversando na varanda



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

As filhas de Graça, Shuri e Mulher-Gavião, nos receberam com olhares desconfiados e ainda tímidas. Conversei um pouco com elas, junto às outras três crianças, me apresentando e dizendo que gostaria de ir mais vezes lá para a gente brincar e fazer atividades. Perguntei sobre o que cada uma se interessava em fazer e sugeri que, individualmente, escolhessem um tema para nos aprofundarmos ao longo dos encontros, logo surgiram ideias como pescaria, flores, desenhos, animais... Era um primeiro contato para que eu pudesse entender o universo simbólico e os desejos delas.

Para organizar as informações referentes às crianças e às mulheres parceiras da pesquisa, elaborei o quadro ilustrativo abaixo com a divisão por famílias. Vale ressaltar que na ilustração constam apenas as pessoas que participaram do estudo, dessa forma, a família de Renzo não aparece, nem os pais das outras crianças.

Figura 11: Quadro ilustrativo das crianças e mulheres, parceiras da pesquisa, divididas por famílias



*variação das idades dentro do tempo que a pesquisa aconteceu

Fonte: Autoria própria.

Em março de 2020, após dois meses do primeiro encontro, a pandemia foi deflagrada, o tempo de entender o que se passava no Brasil e no mundo, como lidar com a nova realidade confinada, quais as adaptações e os cuidados necessários para frear a contaminação, exigiu um tempo de suspensão e digestão de como prosseguir. Me sinto ainda nesse processo de elaboração, tentando manter mente-corpo sãos, fortalecer a rede de afetos e permanecer viva,

dentre tantas perdas de pessoas próximas queridas. Muitas vidas que poderiam ter sido poupadas se não fosse a política genocida do governo bolsonarista.

Acompanhada dessa dura fase, a pesquisa também precisou ser pausada e repensada. Após meses de confinamento, com a mudança feita para perto do assentamento, consegui retomar o campo-terreiro em outubro de 2020, respeitando todas as medidas sanitárias recomendadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde): atividades realizadas ao ar livre, uso de máscara e higienização das mãos. Além da constante comunicação com as companheiras para verificar se alguém apresentava sintomas ou estivera com outras pessoas contaminadas pelo vírus. Algumas vezes foi preciso adiar a visita para resguardar o período de quarentena após o contato meu ou deles com algum infectado. Vale salientar que eu, as crianças e as mulheres nos vacinamos com todas as doses recomendadas e oferecidas pelo SUS (Sistema Único de Saúde).

Assentamento Visconde

Figura 12: Vista aérea do Visconde



Legenda:

● Entrada do Visconde ● Estrada BR-101

Fonte: Autoria própria²⁹

²⁹ Essa imagem foi produzida em cima de uma fotografia retirada do site: ><https://www.cooperativaagroverderj.com.br/portfolio/agricultura-familiar/976741-assentamento-visconde-em-casimiro-de-abreu-rj>>. Acesso em: 10/05/2022.

O Visconde foi estabelecido como assentamento pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em 1999, apresenta essa denominação pois suas terras foram resgatadas da antiga Fazenda do Visconde, em Casimiro de Abreu, no estado do Rio de Janeiro. Está localizado no entorno da Rebio (Reserva Biológica) União/ICMBIO e possui área total calculada em 1.209 hectares, de acordo com o Geo Sirgas³⁰, onde vivem aproximadamente 120 famílias em cerca de 84 lotes de terra. Segundo o GLMA (Grupos Locais da Mata Atlântica) ele é considerado um dos mais produtivos da região da Bacia do Rio São João, se distinguindo por sua produção agrícola e aquícola. A fronteira com a Rebio União gera bastante conflitos entre o INCRA e o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) que deseja expandir a Rebio para a área de Reserva Legal do Visconde com a justificativa de que é um local estratégico para conservação da Mata Atlântica e para ampliação do corredor ecológico, sobretudo as áreas de nascentes. O assentamento, apesar de se inserir em uma área rural, localiza-se próximo à cidade de Casimiro de Abreu, com uma distância aproximada de cinco quilômetros calculados a partir da entrada principal, desse modo, existe um fluxo diário de pessoas que trabalham e de crianças que estudam na cidade e retornam para seus sítios.

Dafne: E como você acha que é a sua realidade enquanto uma mulher que mora numa zona periurbana, né? Que mora numa parte rural, mas que ainda é perto de Casimiro, o que você sente aqui em termos de ser mulher e morar numa área...

Pamela: Não dá muita diferença não, pelo fato da área urbana tá bem perto, a gente não tem tanta dificuldade nem pra médico, nem pra lazer, nem pra comércio, nem pra nada. Não tem muita dificuldade para nada aqui, a gente só trabalha muito, mas tirando isso não tem muita dificuldade.

Dafne: E as políticas do governo em relação ao assentamento aqui? Da prefeitura?

Pamela: É bem fraco, mas eles ajudam com o que pode também. Tudo que a gente pede, eles fazem, graças a deus. A gente pede “ah tem que concertar a estrada”, então como é uma área rural, não pode asfaltar, não pode ter paralelepípedo, nem uma, nem outra. Tem que ser terra batida, então sempre quando a gente pede pra tá concertando a estrada por causa de carro, dessas coisas pra não tá quebrando, eles concertam, quando a ponte quebra, eles concertam. Então tudo que a gente pede que é possível fazer, que é de lei, que possa benefício pra gente, eles fazem, porque nem muita coisa a área urbana pode fazer na área rural, se não larga de ser área rural, então o que eles podem fazer, eles fazem.

Dafne: E também agora mudou a gestão da associação [me referindo à associação comunitária do Visconde], tá bem diferente, né?

Pamela: É, tá bem diferente, mas a maioria das coisas que tá assim, ali diferente, não foi nem pela mudança da gestão, foi a gente que pediu, a gente que correu atrás. Igual a gente viu uma necessidade de ter esporte aqui pras crianças, a gente começou a bater em cima, tanto do presidente, tanto reunindo os moradores e um “eu conheço fulano, eu conheço cicrano” que pode chamar, e a gente mesmo que foi, então eles viram que a gente tava se unindo, os moradores, e começaram a tomar (inaudível) pra “ah eu tô fazendo, eu tô ajudando a fazer”.

³⁰ Disponível em: <http://acervofundiario.incra.gov.br/i3geo/>. Acesso em 16/09/2021.

Então tipo assim, já que eles tão se unindo, eu não posso ficar para trás, eu tenho que tá na frente também pra dizer que eu que tô ajudando e eu que tô fazendo.

Dafne: Aham...

Pamela: Mas foi mais iniciativas dos moradores, em ver isso, em ver que tava tudo muito parado, aí tem agora ginástica, tem as funcionais, as crianças têm capoeira, tem “muay thai”, daqui a um dia vai chegar futebol, vai chegar as coisas, porque os moradores cansaram de esperar por eles fazer e começamos a se reunir nós mesmos.

Dafne: Mas antes da pandemia tinha essas atividades?

Pamela: Não, só agora que tá tendo.

Dafne: E você vai toda semana em Casimiro, fazer compras, essas coisas...

Pamela: Vou, minha compra de mês a mês, todo mês, mas tipo assim eu vou muito pra médico e para comprar algumas coisinhas que faltam, complementar o que faltou até bater um mês pra fazer compra.

Dafne: Vai pra Casimiro e pro Rio também né? Pra médico?

Pamela: É especialidade só tem lá, não tem aqui, aqui é assim mais o básico, é... Neuro, gastro, qualquer outra especialidade que seja mais complexa, é tudo lá... Igual aqui tem gastro pra adulto, mas não tem gastro pra criança, gastro pediátrico, a gastro de Viúva-Negra é de lá Rio.

Dafne: Aí a prefeitura manda o carro?

Pamela: Manda o carro, aí tem que levar [é frequente a ida ao Rio de Janeiro de Pamela com um de seus filhos para consultas médicas. Geralmente, a van cedida pela prefeitura vai lotada para levar as pessoas aos médicos. É preciso enfrentar filas e aguardar todos da van se consultarem ao longo do dia para só, então, regressar na estrada para Casimiro. Pelo o que ela já me relatou, é um deslocamento desgastante, saindo pela manhazinha e retornando apenas tarde da noite].

Em conversa com Cida, no primeiro encontro em janeiro de 2020, ela contou que conhecia a fazenda Visconde quando ainda não era assentamento e que o proprietário criava muito gado, o que dificultou o estabelecimento na terra pelas pessoas devido à grande degradação da área. Segundo Cida, o processo de ocupação pelas famílias e de distribuição dos lotes pelo INCRA foi rápido, pois na época, o latifundiário colaborou, resultando em aproximadamente 4 meses entre ocupar e estabelecer as pessoas. Aos poucos, as famílias que trabalham com agricultura familiar recuperaram as matas com plantação de frutíferas e implementação das roças. A agricultura familiar manifesta-se no local com o cultivo tradicional e também com o orgânico e com o agroecológico, porém são poucas famílias que se inserem no contexto da agroecologia.

O ex-marido de Graça residia no Visconde desde o começo por se inserir na luta por terras desde o período de acampamento na beira da BR-101. Graça, ao conhecê-lo, mudou-se de Professor Souza³¹ para o sítio onde vive hoje, lá nasceram também suas duas filhas, Shuri e

³¹ Distrito do município de Casimiro de Abreu.

Mulher-Gavião. Já, a família de Cida chegou no assentamento, posteriormente, apenas em 2012 quando acampavam em um local próximo e ofereceram³² a ela e a mais oito famílias do acampamento lotes no assentamento³³.

Dafne: Então vocês moravam em Rio Dourado e iam para o acampamento?

Pamela: É, a gente ia no final de semana, passava o final de semana e vinha na segunda, porque D. [seu companheiro e pai dos filhos] trabalhava. Então a gente ia e vinha, morava no finalzinho. Faltando menos de 1 ano pra gente vir pra cá que ela [se referindo à filha Viúva-Negra] começou a cair muito doente longe da minha mãe [Cida]. A médica falou que era psicológico, quando ela tá perto, ela tá bem...

(...)

Pamela: Ai quando a minha mãe ia embora pro sem terra, ela caía doente [se referindo a Viúva-Negra]. Ai eu ia pro hospital desesperada achando que era alguma coisa, ai minha mãe chegava em casa, ela melhorava. Ela dava diarreia, ela dava catarro, febre de 40 graus, quando minha mãe chegava acabava tudo, não tinha catarro, não tinha diarreia, não tinha nada. Ai eu comecei a perceber isso fui e passei pra pediatra dela. A pediatra falou: mãe isso é psicológico, ela [Cida] vai virar as costas, ela [Viúva-Negra] vai cair ruim, ela vai virar as costas, ela vai cair ruim. Ai eu tive que fazer o que? Me mudar pro acampamento, em menos de 1 ano pra vir pra cá [pro Visconde], menos de 1 ano a gente veio para cá. Ai eu tive que literalmente catar tudo, fazer um barraco e ir pro acampamento. Pra ficar perto da minha mãe. Ela [Cida] já tava morando no acampamento.

Dafne: E antes você já tinha acampado?

Pamela: Não, eu ia lá. Ela [Cida] já tava acampada há mais ou menos uns 5, 6 anos. Eu só ia todo final de semana e vinha embora.

Dafne: E antes a sua mãe não te levava em acampamento?

Pamela: Levava, a gente ia.

Dafne: Quando você era pequena?

Pamela: Não, quando minha mãe acampou eu já era grande, a gente já tava tudo grande, tanto eu como o meu irmão. A gente só ia tipo assim final de semana e vinha embora. E minha mãe também, só foi morar quando ela saiu do serviço e arrumou as faxinas dela em Macaé, aí ela foi morar no acampamento. Mas eu só fui mudar pro acampamento em menos de 1 ano pra gente vir pra cá, por causa de Viúva-Negra. Ela já tava grandinha, então ela entendia, já tava com uns 8, 9 meses, então ela já tava entendendo o que era ficar longe, então toda vez que ela ficava longe da minha mãe ela caía ruim.

(...)

Pamela: Tive que fazer um cadastro [quando se mudou com seu companheiro e Viúva-Negra para o acampamento], porque só poderia ficar acampado quem fizesse um cadastro, então

³² Tal oferta se deu, pois ocorreu um processo de retirada de algumas famílias do Visconde pelo INCRA visto que elas burlaram a lei, tentando vender seus sítios ocupados para pessoas de fora, o que é proibido por se tratar de terras da União destinadas à reforma agrária.

³³ Vale ressaltar que até o final dessa pesquisa, finalmente a titulação definitiva da terra foi emitida para a família de Cida. Porém, a de Graça segue em curso devido ao recente divórcio, o que traz morosidade ao processo da posse. Tal fato acarreta problemas para ela convivendo com a instabilidade sobre a propriedade do sítio.

graças a Viúva-Negra ou as doenças da Viúva-Negra que a gente ganhou aqui, porque como eu fui pra lá por causa dela, eu tive que fazer um cadastro, aí eu fui e ganhei aqui.

Dafne: Ahhh!

Pamela: Aí eu ganhei aqui porque eu tava cadastrada.

Dafne: Aí vocês vieram em 2012, né?

Pamela: É.

Dafne: Aí Nanico já nasceu aqui.

A história contada por Pamela de como ela e sua mãe, Cida, ganharam o sítio no Visconde narra sobre a forte ligação entre Cida, geração-avó (começo), e Viúva-Negra, geração-neta (começo). Segundo Pamela, Viúva-Negra passou por algumas complicações depois de nascer e a primeira pessoa para quem ela abriu os olhos foi Cida, desde então a presença da avó mostrou-se essencial na vida e na saúde da neta. Depois de muito insistir e buscar explicações médicas, Pamela, geração-mãe (meio), compreendeu que a mudança para perto de sua mãe no acampamento era inevitável. A circularidade, agora, fluía de começo para começo geracional em um novo começo em Terreiro-Cosmos-Visconde, onde tem neta, tem avó!

Terreiro-Cosmos-Visconde



Shuri: Foi nadando, foi nadando e foi parar lá perto da igreja [se referindo a um jacaré que apareceu por lá], os bombeiros tiveram que pegar ele.

Dafne: E quem vai desenhar o jacaré aqui?

Shuri: Ele é muito miudinho.

Homem-Águia: Aí tem dois rios que são grandão, aí vai, a porteira é aqui...

Viúva-Negra: Aí o riozinho da casa da minha tia tem uns seis ou sete jacarés.

Dafne: Gente!

Nanico: Seis o escambau! Sete o escambau! Só tem um pequetitinho que eles mataram tudo!

Homem-Águia: O rio vem aqui aí tem uma pontinha pequetitinha aqui...

Dafne: E onde é que vocês pegam barro?

Homem-Águia: Aqui ó, no riozinho aqui [apontando no desenho a casa da tia].

Shuri: Eu e Mulher-Gavião a gente pega argila aqui ó tia, aqui nesse rio bem aqui [mostrando no desenho a casa da vizinha H.].

Dafne: Vocês sabem os nomes desses rios?

Shuri: Esses daí eu não sei não. [nenhuma das crianças soube dizer]

Dafne: Pergunta lá, Homem-Águia, pergunta a sua avó se ela sabe os nomes desses outros rios.

Shuri: Tia, você já viu tubarão de água doce?

Viúva-Negra: Eu já.

Dafne: Não... Nem sabia que existia.

Jacarés nos rios, beiras de rio onde retiram barro, seres-árvores como referências no terreiro, rios para refrescar, a casa da vizinha “miudinha” com a cachoeira tão falada, a igreja para os cultos, as matas e seus mistérios, as montanhas, os sítios, as estradas de chão e tantos caminhos que cruzam todo o Visconde... Muitas formas há de apresentar e sentir o terreiro³⁴. Dou um corripio na escrita, chegando por outro lado, na tentativa de encantar certa dureza da subseção anterior. Se o Visconde é terreiro e manifesta diversos cosmos, como podemos, então, imaginá-lo de outros modos? No último-primeiro dia de pesquisa, 29 de maio de 2022, perguntei para as crianças, individualmente, como é o assentamento, o que tem para fazer lá e como descreveriam para uma pessoa que não o conhece.

Shuri: Não sei. Ah não sei não. É estrada de chão. As casas uma longe das outras mais ou menos e não tem nada pra fazer aqui, só trabalhar na roça. Aí lá perto da pista, tem a pista de cavalo.

Dafne: Essa pista de cavalo é de quem?

Shuri: De todo mundo.

³⁴ A fotografia de abertura da subseção não apresenta legenda propositalmente, pois a considero em si um discurso narrativo. As opções que fiz por legendar certas fotografias e figuras e outras não serão debatidas no segundo capítulo da dissertação.

Dafne: Ah é?

Shuri: É da a galera daqui, todo mundo pode usar.

Dafne: Uhum...

Shuri: Ai tem as aulas de capoeira. Tem as de “muay thai”.

Dafne: Além da pista de cavalo, tem mais o quê?

Shuri: Tem as igrejas.

Dafne: São quantas igrejas aqui?

Shuri: Quatro.

Dafne: Caraca.

Shuri: Ai as três lá da frente e uma lá pra trás.

Dafne: Aham.

Shuri: Ai tem o rio.

Dafne: Qual o nome do Rio?

Shuri: Rio Lontra e só.

Dafne: Como é a paisagem aqui?

Shuri: Um monte de morro verde cheio de boi e vaca e cavalo e galinha. Isso aí.

Dafne: E a sua casa, o que que tem aí dentro dela? Do quintal?

Shuri: Mato, flor e galinha e uma cachorra

(...)

Nanico: Eu falo que aqui tem bastante sítio. Fico botando medo como tipo: ali tem cachorro e não tem nada. Ai eles vêm e vai embora.

Dafne: Mas como é que você apresenta o Visconde pra quem nunca veio aqui? Como é que ele é?

Nanico: Não sou eu que apresento. É minha avó, né?

Dafne: Mas aí eu estou te pedindo pra você apresentar pra uma pessoa que nunca veio aqui.

Nanico: Olha pra quem não conhece, aqui é o Visconde, lugar de área rural. Tem um monte de pedaço que tem como você plantar, tem lagoa, tem rio, tem pé de coco, tem boi, tem aipim, tem leite.

(...)

Homem-Águia: O Visconde é legal, pode andar à vontade. E pode andar sem máscara e pode ir em tudo quanto é lugar que você quiser.

Dafne: E como é que é o Visconde? Tipo como você descreve ele?

Homem-Águia: Cheio de mata, estrada de chão e rios.

Dafne: O que você faz aqui no Visconde?

Homem-Águia: Tudo.

Dafne: Tipo o quê?

Homem-Águia: Subir em árvore, correr, fazer doideira. (risos). Só.

(...)

Viúva-Negra: Praticamente nada porque a prefeitura não bota nada pra cá, agora que foi sair um troço lá na entrada que... Como tipo saiu a capoeira, a educação física e o “muay thai”. E eu tô fazendo educação física. E apresentaria os sítios, o silêncio que é ótimo pra dormir. (risos). Na cidade tem muito barulho e a paisagem que é o que de melhor que tem aqui.

Dafne: Como é a paisagem?

Viúva-Negra: Bonita.

Dafne: Que que tem?

Viúva-Negra: Verde.

Dafne: Como é que é essa paisagem do Visconde?

Viúva-Negra: Verde, marrom, amarelo, roxo, tem muito roxo.

Dafne: Tem muito roxo, de quê?

Viúva-Negra: De algumas árvores.

(...)

Renzo: Falar que é um lugar muito legal e apresentar os lugares que eu vou.

Dafne: Quais lugares que você vai?

Renzo: Lá no vizinho. Lá na casa dos meus amigos.

Dafne: Que que você faz lá no vizinho?

Renzo: Eu brinco.

Dafne: De quê?

Renzo: De pique pega, jogar bola.

Dafne: O vizinho é aqui que você está falando [me referindo à casa de Cida]? O que mais que você faz aqui no Visconde?

Renzo: Eu ando de bicicleta. Chamo os meus amigos pra brincar.

Dafne: Você brinca com outras crianças além do Nanico e do Homem-Águia?

Renzo: C., Y....

Dafne: Você vai lá na casa deles? Durante a semana, você vai?

Renzo: Aham. Até na escola eu vejo eles e brinco com eles.

Dafne: E como é que é o Visconde pra quem não conhece aqui?

Renzo: Eu ia falar que é lugar muito legal.

Dafne: É um lugar muito legal, mas como é assim pra uma pessoa que nunca veio aqui? Como é que ela vai saber?

Renzo: Eu ia falar pra ela igual se ela morasse aqui por um dia.

Indaguei às crianças também sobre o que sentem em morar no Visconde e qual é a diferença entre viver lá e na cidade de Casimiro. Aparecem as estrelas, o silêncio, a tranquilidade do sono e o clima fresco...

Shuri: Eu gosto daqui, porque aqui é quieto, não tem barulheira toda hora. Igual na escola, na escola é barulho o dia todo, até quando tá quieto é barulhento, aí eu não gosto de barulho.

Dafne: Que mais você acha que tem aqui de coisa boa?

Shuri: Aqui é mais fresco do que Casimiro. Casimiro é muito quente.

(...)

Viúva-Negra: Na roça é calmo. Na cidade é muito barulho, muito barulhento pra dormir. Aqui é muito bom tia, porque aqui é fresco e é quieto. Aí o sono vem com mais facilidade. Lá não, é muito barulho, muita gente. Tem dia que eu tô dentro da sala de aula às vezes soltam fogos de artifício dentro da escola tia, é sério.

Dafne: Caraca!

Viúva-Negra: Sério. Soltam fogos de artifício dentro da escola.

(...)

Nanico: Que lá [referindo-se a Casimiro] tem loja, aqui não tem. E que lá tem pista e aqui não tem.

Dafne: E como é que é morar aqui pra você?

Nanico: Legal.

Dafne: Por que que é legal?

Nanico: Porque lá na cidade não tem como ver as estrelas de tanta claridade. Aqui tem.

Dafne: Que mais?

Nanico: E também que é legal dormir aqui que você não fica escutando barulho de carro passando vinte e quatro horas, que daqui você já escuta as moto barulhenta passando lá na pista, imagina em Casimiro.

(...)

Homem-Águia: Que lá [referindo-se a Casimiro] passa muito carro e não dá pra dormir e cheira mal.

Dafne: Aqui tem o quê?

Homem-Águia: Silêncio.

Dafne: Você gosta do silêncio?

Homem-Águia: Aqui dá pra ver estrela, lá não.

(...)

Renzo: Aqui não tem muito carro igual Casimiro. Aqui não tem lanchonete, padaria. Aqui não tem praticamente quase nada. (risos). É... Quase nada.

Dafne: Uai e as árvores? E o rio?

Renzo: As árvores...O rio... Só, as casas também.

A complexidade é constitutiva de Terreiro-Cosmos-Visconde, nesse sentido também aparecem os perigos e desafios de se viver lá. Em conversas com as mulheres, elas reforçam que não deixam as crianças sozinhas em casa nem que seja para ir até a entrada do assentamento. Elas se ajudam e “passam o olho” umas nas crias das outras quando precisam sair de casa. Já ouvi alguns relatos de estupro, agressões contra mulheres e invasão de casas e devido à extensão do assentamento e à considerável distância entre os sítios, é necessário redobrar o alerta. Dessa forma, percebo um forte comunitarismo no cuidado com as crianças e também entre elas,

realizando mutirões de plantio entre os sítios, trocando ervas, alimentos e produtos beneficiados de seus roçados, comendo coletivamente e visitando a casa das amigas para um café. No encontro do dia 10/06/2021, perguntei às crianças se elas sentiam-se seguras em morar no Visconde e elas me contaram sobre a “área 51”.

Dafne: Tem muito lugar que eu não conheço ainda [me referindo ao Visconde]. Vocês se sentem seguras morando aqui?

Mulher-Gavião: Não.

Shuri: Pra mim tanto faz.

Dafne: Por quê?

Viúva-Negra: Nenhum lugar é seguro, você sabe disso. Até existe um lugar seguro, mas isso é improvável.

Shuri: A área 51?

Viúva-Negra: Isso existe, tá?

Dafne: O que é a área 51?

Shuri: Tia você não sabe o que é a área 51???

Viúva-Negra: Os ETs eles existem e a área 51 também. Dizem que um cientista que fugiu de lá, que ele pediu demissão, toda pessoa que pede demissão de lá, morre. Eles matam, mandam matar, porque é troço sigiloso.

Dafne: E por que ele não morreu?

Viúva-Negra: Ele morreu. Ele saiu, quando ele viu que tavam tentando matar ele, ele correu, correu, correu, correu, pegou uma câmera, falou: área 51 existe, os ETs existem, é provável que eles venham atacar a Terra em troca de comida, água, essas coisas...

Dafne: Onde é que vocês viram isso? Eu não tô entendendo nada.

Mulher-Gavião: Nem eu.

Shuri: Nem eu, tia.

Viúva-Negra: Não, passou na reportagem.

Dafne: Que reportagem?

Shuri: Eu tô falando que os ETs existem, porque eu quero que eles existam, eles vão existir, porque a minha imaginação é mais forte que eles.

Dafne: E você Viúva-Negra? Onde você viu?

Ana: Passou... Aí no dia seguinte que ele postou, todos os presidentes das redes falou que isso era mentira, já começou a ficar estranho, tal tal. Aí dois dias depois, aparece um montão de gente que tava assim na covid na praia, na praia lá tomando banho de noite, algumas pessoas aí... Aí viram a nave, a nave fazendo zigue zague, ó zium zium zium zium. Aí depois caiu no mar.

Shuri: Isso aí é pra assustar os outro, eu vi um vídeo no “youtube”...

Dafne: Tem uma história dessas aqui em Casimiro, vocês sabem, né?

Shuri: Aham.

Viúva-Negra: Todo mundo de Casimiro tava...

Shuri: Falaram que os jupiterianos tavam vindo pra cá.

Viúva-Negra: Viram uma nave alienígena grandona e esses montes de artistas que veio de Casimiro falaram que é verdade.

Dafne: Mas teve um encontro aqui na década de 80, que tinha um cara aqui na região que eu esqueci o nome dele agora, que ele era tipo um vidente, não é vidente o nome, tipo um guru espiritual. Ai ele falou para as pessoas que uma nave de ETs ia pousar tal dia ali em Casimiro, não sei qual era o lugar. A prefeitura acreditou, todo mundo acreditou, mobilizaram carro de corpo de bombeiro, começaram a pensar como a galera ia receber esses ETs, foi um evento enorme aqui na cidade, eu tava vendo o documentário³⁵ disso no “youtube” ...

Shuri: É, já teve uma reunião na casa de J. sobre isso...

Dafne: E tava todo mundo esperando e eles não chegaram.

Shuri: Mas eles chegaram e se infiltraram no meio da gente.

Dafne: São vocês os ETs!

Viúva-Negra: Quem dera...

Shuri: Sou eu tia, eu acho que a maioria da minha turma das crianças são ETs.



³⁵ O documentário “Efeito Casimiro” (2013) de Clarice Saliby conta a história do evento ocorrido no dia 08 de março de 1980 no qual cerca de 10.000 pessoas aguardavam um disco voador vindo de Júpiter que pousaria na cidade de Casimiro de Abreu às 05:20 da manhã. Edílcio Barbosa que se dizia um “mensageiro de Júpiter” espalhou a notícia pela cidade. As mídias nacional e internacional vieram cobrir o acontecimento, o exército foi mobilizado para reforçar a segurança e a prefeitura de Casimiro preparou uma estrutura para receber os extraterrestres. É possível assistir ao curta metragem no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=iDCCEOd1VWM>. Acesso em: 08/05/2021.

II. ENTRANÇAMENTO – *PUXA, PUXA, LEVA, LEVA*³⁶



Quem só se preocupa com o fim, não vê no caminho, pé de curupira, manga boa de chupar, vento de rodopiar pipa, beija-flor no ninho, pedra-peixe, tempestades por vir... A experiência de vivenciar com as crianças sempre foi atravessada por muitos fluxos coexistentes aos momentos de fala e de brincadeira. A atenção se mostrava nas presenças que surgiam ao longo das experimentações e o interesse se deslocava para dentro e para fora das trocas, o que muitas vezes guiava as próprias trocas. Abrir o campo-terreiro para os desvios que cruzam e desencadeiam outros processos é um desafio que faz exercitar a escuta e a disponibilidade para a vontade do que pulsa. É o exercício de pesquisar enquanto prática no presente, alargando os sentidos e compondo o desenho com as linhas de fuga.

Se pensarmos em uma metodologia que vai sendo esculpida no desenvolvimento mesmo da pesquisa, ao longo de seu acontecer e caminhar, então estamos falando de uma metodologia singular. Metodologias que não se

³⁶ Cantamos na capoeira “oi, *puxa, puxa, leva, leva*” quando passamos a cantoria para outro/a companheiro/a puxar.

repetem nem se podem copiar; vivem-se, como experiência. E uma pesquisa educativa reclama por uma metodologia da singularidade, algo como pessoalmente irrepitível, por isso apenas retrospectivo: como saber de antemão os movimentos e passos experimentados, percorridos? (OGÊDA, A.; RIBEIRO, T., 2019, p. 27).

Nesse segundo fio da dissertação, escrevo sobre como faço o que faço, ou seja, por quais caminhos fui seguindo com as crianças e com quais autores(as) dialoguei durante a construção de uma metodologia singular (Ibidem) desenrolada na experiência dos encontros. O início do desvendar foi confuso e os acontecimentos pareciam embaralhar a visão... Me sentia como no início da faculdade de Design, quando, ao chegar para conversar com os possíveis parceiros/as de pesquisa, não sabia bem como explicar o que desejava fazer, a forma que conduziria e quais caminhos se apresentariam. Em paralelo a essa sensação, acontecia a minha mudança física para o município de Casimiro de Abreu, em uma casa no meio de um vale, curiosamente chamado de “Canto da Siriema”, onde muitas vezes o canto forte da ave ecoa no cotidiano dos moradores. Nesse intenso trânsito de mudanças, a pesquisa que aqui me acompanha, foi se dando em tempo vivo, no presente continuado, ao passo que investigo, as situações atravessam e desvendam rumos antes desconhecidos.

Investigar narrativamente nos convida a perguntar qual a potencialidade de uma pesquisa que aposta na experiência como constitutiva? Segundo Larrosa (2002, p. 26) a experiência é “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.”. Ela compreende uma dimensão singular, irrepitível, incerta e aberta à imprevisibilidade. Contém em si um movimento de ida e de volta, pois acredita que, ao sair ao encontro com o outro ou com algum acontecimento, exterior a mim, esta afecção produz um efeito que transforma o meu modo de pensar, de agir, de perceber, de olhar e de viver.

Embora corrobore com a definição colocada por Larrosa, sinto que ela ainda sim é insuficiente, por se restringir ao vivido, ao momento de atravessamento que transforma. Convoco Spinoza (2009) para esgarçar os sentidos sobre a experiência, uma vez que pensar é concomitante ao sentir. Se reflito, posteriormente, sobre o que se deu em campo, em meus escritos, essa elaboração também é constitutiva da experiência, pois a recria, compondo-a. Roque (2008, p. 107) ao escrever sobre a experiência para Whitehead, filósofo a quem Stengers *apud* Camana compartilha boa parte de suas reflexões, afirma que “para ele, a experiência não se identifica a um domínio determinado, concreto ou objetivo. Logo, a abstração pode ser uma

experiência, resta saber se ela resiste, se fica de pé.”. Dessa maneira, assumo na pesquisa o duplo sentido da palavra experiência: o vivido e o refletir sobre o vivido.

Logo, não interessa a Stengers, nem à própria filosofia, exatamente o que se sabe, mas aquilo que se pode saber: “É mais uma questão de ousar imaginar que o que sabemos, o que insiste e nos faz ruminar apesar das garantias do conhecimento especializado, expressa ‘uma certa apreensão’ da imensidão das coisas” (Stengers, 2017a, p. 13, tradução livre). E, nesse cenário onde há ausência de garantias, a autora sugere que, mais do que refletir sobre, há que se deixar afetar por. Tal afetação, registre-se, não se dá como pura abstração, mas diz respeito à experiência – conceito caro ao pensamento desta filósofa. (CAMANA, 2020, p. 265-266).

A experiência como inerente à investigação dialoga com os estudos da complexidade (MORIN, 1996; NAJMANOVICH, 2016) questionadores do paradigma moderno científico que descreve o mundo pela lógica analítica e dissociadora. Ela separa o processo do produto, o corpo da mente, o indivíduo do coletivo, o ser humano do cosmos. Najmanovich (2016) ao refletir sobre a complexidade utiliza a metáfora das pontes, afirmando que pensar complexamente não se trata de articular campos que já estão dissociados, pois a criação de uma ponte entre territórios distintos ainda assim os mantém em suas estruturas, mesmo que a troca entre eles altere em parte o funcionamento de ambos. Dessa forma, ela afirma que mais do que criar pontes, precisamos nos entender como participantes de uma teia complexa da qual nunca deixamos de sair, no entanto deixamos de ver. Essa é a questão principal de nos (re)encontrarmos no emaranhado ao qual pertencemos em condição de entrelaçamento a outros seres cosmológicos.

De dentro deste emaranhado, em estado de acoplamento e de afecções (SPINOZA, 2009) com as crianças e com os outros seres cosmológicos que povoaram as experiências, escolho a pesquisa narrativa como uma das inspirações epistemológicas, por entender que é e foi nas vivências e nas relações que este estudo se constituiu. A partir dos diálogos, dos acontecimentos, das oficinas, das brincadeiras, dos saberes das crianças, pude elaborar perguntas, nomear reflexões e trazer articulações práticas-teóricas-práticas, gerando mais movimentos. “Ao narrar, contamos nossos modos de lidar e de pensar sobre o vivido, ou melhor, a partir do vivido. O que contamos? Como contamos? Por que contamos o que contamos? (RIBEIRO *et al.*, 2016, p. 150).”.

A inspiração na pesquisa narrativa (CONNELY & CLANDININ, 2015) também é uma aposta em uma escrita que desgarrar dos modelos hegemônicos, abrindo os portais para um narrar-sentir-fazer-pesquisar que afirma a experiência, as relações e o cotidiano como cerne da investigação, compreendendo que tanto a pesquisadora quanto os(as) parceiros(as) de pesquisa são histórias em movimentos e vidas, estando em constante transformação. A todo tempo

vivemos narrando, refletindo, gerando, modificando e reinventando os cotidianos, uma ciência encantada e encarnada se faz de pessoas, seres, processos e diálogos. Viver a experiência e contá-la, faz com que, ao escrever, possamos recriá-la e repensá-la, assumindo um eterno movimento de pesquisa enquanto pulso de vida.

Como narrar?

Refletir sobre o cosmos na relação com as crianças é fazer com que eles entrem na escrita, que se expressem por meio dela. Não manifestar suas camadas invisíveis, abertas e criativas no jeito de narrar seria incoerência de minha parte. Isso não significa dizer que sei como fazer e que inexistem contradição em minhas palavras, mas há um esforço criativo enquanto exercício especulativo. Utilizo, então, em determinados momentos, como exercício para narrar, a *fabulação especulativa* (HARAWAY, 2016) que combina certo rigor acadêmico com práticas imaginativas. Donna Haraway, Zoy Anastassakis, Marilyn Strathern, Isabelle Stengers, Didier Debaise, Stuart McLean e Anna Tsing são algumas autoras³⁷ que me apoiam nessa intenção, reconsiderando as formas de pesquisar, de escrever e de debater as restrições e potencialidades entre real e ficcional, entre certezas e equívocos.

Henri Bergson e depois Gilles Deleuze chamaram isso de “fabulação”: a criação de ficções suficientemente vívidas e intensas para serem capazes de intervir e remodelar a realidade. Isso envolve não a representação de um mundo assumido como já dado, independente de sua figuração por meio de textos, imagens ou outras mídias, mas sim a realização participativa de processos materiais de formação de mundos nos quais os atos humanos de criatividade já estão sempre implicados³⁸. (MCLEAN, 2017, p. x).

Tais discussões surgem nas ciências sociais, mais fortemente na antropologia, nos anos 70, a partir da maximização do atrito entre a etnografia e as narrativas das experiências, com o intuito de imaginar outros mundos possíveis que intervenham e modifiquem a realidade, desafiando o modo de fazer ciência. O compromisso experimental (e político) resiste aos cânones que nos fizeram crer em um modo verdadeiro, neutro e objetivo de manifestar a investigação acadêmica, uma forma imbricada em constranger a liberdade da escrita e da imaginação. Como sair desse falso dilema, uma vez que, toda obra escrita é também literária, pois busca produzir certo efeito nas leitoras?

³⁷ O programa de estudos independentes “humusidades”, coordenado pela profa. Zoy Anastassakis, promoveu o ciclo de leituras “fabulação especulativa, o que é, o que é?” que me proporcionou entrar em contato com os debates sobre tal tema e encontrar ressonância nos modos em que venho pensando-fazendo a pesquisa.

³⁸ Tradução nossa. Original em: MCLEAN, Stuart. *Fictionalizing Anthropology: encounters and fabulations at the edge of the human*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

O literário em seu sentido popular é inventar, inventar coisas, mas como etnógrafos temos a sensação também de querer fazer a coisa certa pelas pessoas sobre as quais escrevemos. A consciência dessa responsabilidade muitas vezes fica em nossa mão quando se trata de escrita experimental. Mas deve sempre? Será que nossos encontros com os outros podem exigir de vez em quando que experimentemos? Lutamos aqui com os limites de uma escrita que não é sutil ou rica o suficiente para fazer justiça às realidades que encontramos, realidades que se transformam tantas vezes em abcs genéricos em o que lemos sobre eles. A escrita experimental, às vezes errônea, às vezes até literária, também pode saber algo do mundo – algo que não tem menos do que reivindicar a verdade do mundo do que as ciências ou as ciências sociais, talvez até muito mais do que reivindicar algumas formas institucionalizadas de conhecimento. A literatura nos obriga a perguntar o que significa “transmitir” algo em primeiro lugar. A linguagem é mais do que um veículo vazio para transportar informações, pois o meio tem uma presença indelével no ato de dizer algo: a densidade de certas palavras que não podem ser substituídas por outras palavras, giros de frase que não podem ser alterados ou expressos por outro lado. Tais elementos trabalham para produzir mundos de vida, mundos de pensamento, por meio de uma convergência do literário e do vivido, do filosófico e do estético. Coisa, um pedaço de casca, uma lasca de pedra, um fragmento de barro em que a realidade da terra continua a existir³⁹. (PANDIAN; MCLEAN, 2017, p. 13).

Strathern (2013), ao analisar o livro *Argonautas do pacífico* de Malinowski (2018), percebe a inauguração de um estilo literário pactuado com o real - um modo de fazer pesquisa e de desenvolver o trabalho de campo - criador de uma ficção persuasiva, supostamente testemunha fidedigna do vivido e nada inventiva. A ideia do real sobre algo que existe para além da experiência, e pode ser comprovado, está na crença do pensamento moderno, de ser fiel às realidades experienciadas. Luta-se por uma constante verossimilhança no texto, por um pedido implícito às leitoras de que o que escrevo existiu, vocês não veem? Dessa forma, é o estilo narrativo que estimula o processo inventivo do trabalho de campo, o texto produz o contexto que produz o texto, numa espiral de mútua afetação. Afirmar que esse pensamento é uma ficção nos conduz a olhar, perceber e jogar com os dispositivos literários que foram sendo criado e construídos. Como o jogo se monta para, então, desmontá-lo ou, melhor, remontá-lo?

³⁹ Tradução nossa. Original em: PANDIAN, Anand; MCLEAN, Stuart (Eds.). *Crumpled paper boat: experiments in ethnographic writing*. Durham and London: Duke University Press, 2017.



Shuri: E essa aqui [se referindo à fotografia acima] foi no dia da capoeira que a gente começou a tirar foto do coqueiro.

Viúva-Negra: Não, não foi. Foi no dia que a gente caiu do cachorro que eu tava tirando foto dos coqueiros e das montanhas.

Shuri: Não sei, teve um que teve uma foto do coqueiro, no dia da capoeira que o passarinho foi lá e cagou na cabeça do tio João...

Vejo um ser-coqueiro com suas frutas-filhas, céu azul, as folhas descabeladas, parece que nos olha de cima. Ele observa Shuri e Viúva-Negra no debate e pensa: “só eu sei quem tirou essa foto e as duas estão enganadas.”. Temos três verdades, as das duas crianças e a do coqueiro, qual versão escolher? O que é o real? Recordo a história de Exu⁴⁰ quando resolve pregar uma peça em dois amigos de infância que jamais discutiam. Eles eram vizinhos e suas roças coladas uma na outra, divididas apenas por um estreito canteiro. Exu, zangado pelo esquecimento dos rapazes em fazer sua oferenda de segunda-feira, coloca um boné pontudo, do lado direito era branco e do lado esquerdo vermelho. Ele atravessa no meio dos amigos, cumprimenta-os e segue caminho. Após passar, os homens se perguntam se tinham avistado de

⁴⁰ Conto presente no livro *Lendas Africanas dos Orixás* de Pierre Fatumbi Verger (2011), com ilustrações de Carybé.

fato uma pessoa circulando por ali. Um afirma que ele estava de chapéu branco e o outro de vermelho. A discórdia então inicia, se intensificando cada vez mais com a fúria de um amigo sobre o outro em não acreditar na sua verdade. Eles começam a se bater até matarem-se a golpes de enxada. Exu está vingado!

A noção de Exu como sendo o “+1” ou o “3” nos demanda um arrebatamento por outras formas de pensar, o que desafia os limites binários formadores de nossos padrões. A potência imantada nas noções de “+1” ou “3” marcam o caráter pluriversal, ambivalente e inacabado do signo. É nesse sentido que Exu é sempre aquele que está praticando as fronteiras, os cruzos, os vazios deixados, os entre. É nesse mesmo sentido que o signo se versa como possibilidade e imprevisibilidade, esfera impossível de ser apreendida, pois é múltipla e inacabada. É por isso que Exu serpenteia as barras do tempo, samba no fio da navalha e mora na casa de lima. Seu caráter é de ser o *múltiplo uno* ou o *um multiplicado ao infinito*. Espreita-lo buscando uma síntese é um equívoco, dado que o mesmo precede essas concepções. (RUFINO, 2019, p. 44-45).



Suspende as certezas, sambar com o real. Como ficcionalizamos, então, sem perder de vista o compromisso com as vidas que trabalhamos? Como produzir uma escrita que é vulnerável, que lida com sentimentos ainda estranhos, mas assume o risco de fazê-la? Me deixo levar ao próprio movimento do texto, aos apontamentos que o transbordamento me conduz, permitindo-me suspender a suspeição que ronda o próprio processo criativo. Acessar a força generativa da escrita, a artesanaria dela conforme experimento, fabricar esse texto manufaturado por mãos, sonhos, encantarias, sabenças e brincadeiras.

Shuri: Eu tô falando que os ETs existem, porque eu quero que eles existam, eles vão existir, porque a minha imaginação é mais forte que eles.

Em cosmos flexionado por presenças e modos de habitações mais-que-humanas e, se nunca estivemos sozinhas, o que pode essa dissertação que percebe as crianças em seus entrelaçamentos com os seres cosmológicos? O exercício de fabular é também um comprometimento político com os mundos de vida, com as pessoas, com os outros seres, entendendo que a vida é transformação e movimento, narrar é produzir mundos. A fabulação me instiga a escrever de um lugar ainda misterioso, mas surpreendentemente fértil em que posso ousar e imaginar. Não pretendo, pois, provar que os acontecimentos narrados se deram exatamente nas palavras escritas, mas crio com a experiência, brinco com os sentidos das coisas, talvez esse seja um dos modos de encantar a ciência.

O interstício é realmente importante e está ligado à percepção muito recente de que a narração é ontológica. Isso quer dizer que não há “essência” intocável de seres que não podem ser tocados pela narração. Os historiadores da natureza, trabalhando dentro da herança de Whitehead, foram os primeiros a argumentar que não podemos entender os seres vivos sem ouvir as histórias que eles nos contam. Os seres contam muitas histórias, mas essas histórias não são lineares, elas vão em todas as direções e são, portanto, difíceis de decifrar. Então a questão é como os pesquisadores podem fazê-los falar⁴¹. (DOUCET *et. al.*, 2018, p. 4).

O encontro entre mim, as crianças, as mulheres e os outros seres produzem realidade, atrito de mundos emergidos no toque, que recuperam a capacidade de imaginar, de criar, de perceber a relação crianças-cosmos. Optei, nessa perspectiva, por algumas escolhas de fabular com o campo dentro do texto dissertativo, propondo uma diluição ou, encruzamento, entre as transcrições de áudios e de vídeos, as fotografias, as anotações no campo e o próprio texto. Compreendo a inseparabilidade entre o vivido com as crianças e as reflexões sobre ele, ambos compõem a própria experiência, nesse sentido, é um borramento de fronteiras entre o campo e pensar sobre ele, tudo é constitutivo e encarna a experiência.

A experiência não pode mais ser a “nossa experiência” – aquilo de que temos experiência pela percepção –, uma vez que a percepção é para este mundo. Na “nossa experiência”, percebemos a passagem da natureza, mas não basta investigar o conceito de natureza: o acontecimento deve ser pensado por si mesmo, ou seja, o acontecimento não pode ser reduzido ao que se passa. Temos experiência, na percepção, do acontecimento que passa, mas pensar o acontecimento a partir de seu próprio ponto de vista é pensar sua realização, como ele se torna real (ou atual). (ROQUE, 2008, p. 109).

Aposto na escolha de emaranhar os acontecimentos de campo na escrita, sem referenciar, a todo o tempo, de onde vem a transcrição e em qual data se deu, pois sinto que

⁴¹ Tradução nossa. Original em: Doucet, Isabelle; Debaise, Didier; Zitouni, Benedikte. Narrate, Speculate, Fabulate: Didier Debaise and Benedikte Zitouni in Conversation with Isabelle Doucet. In: Architectural Theory Review, 2018.

essas constantes referências, ou interferências, travam o fluxo de leitura e a composição textual. Os diálogos também são trazidos na demanda de conversar com as reflexões, explodir os significados e criar novas conexões para as leitoras, nesse sentido, busco menos analisá-los e categorizá-los e mais apostar nos sentidos que podem produzir. As falas foram transcritas valorizando a manutenção das características das trocas, as formas de dizer e as concordâncias, fora da norma culta da língua portuguesa, marcam também o respeito à oralidade. Por meio das pontuações com vírgulas, reticências e pontos de exclamação e das breves explicações entre colchetes, busquei transmitir a atmosfera da conversa, as cadências, os tempos dos diálogos, as pausas. Porém, sei que a força da oralidade e o calor do gestual são intraduzíveis em letras, muitas vezes, as vozes se davam concomitantemente com atropelamentos e euforia, nada parecido com a organização nessas linhas.

A intenção de retratar em palavras (se isso é possível) a oralidade, os silêncios, os olhares, as conversas traçadas com as crianças, as presenças de outros seres e a própria práxis envolvida na pesquisa, faz com que construa um texto dissertativo na primeira pessoa (mas nem por isso produzido por uma pessoa a multiplicidade do eu), contando uma história que se alarga e se refaz no presente. Esse conto incorpora, muitas vezes, uma composição não-linear onde as histórias e reflexões se tocam nas encruzilhadas apresentadas às/aos leitoras/es é parte do jogo narrativo. Aposto assim numa escrita-fabulativa-encarnada que reverbere o ritmo do cotidiano experimentado, as gretas e as frestas encontradas e anuncie outras possibilidades de rabiscos frente a um cientificismo tão desalmado.

As fotografias vão nessa mesma direção, a maioria delas está sem legenda e brota entre as letras, por compreender que são discursos narrativos em si, acontecimentos que convocam as leitoras a exercitar a imaginação, desdobrar outras poéticas e significações de onde aparecem. É um convite para que olhemos para essas histórias imagéticas, aqui colocadas, nos perguntando: como elas nos afetam? Como podemos experimentá-las sem cair na tentação de submetê-las a explicações ou análises descritivas de um real capturado?

Preocupamos-nos assim, menos com a fotografia em si e mais com os efeitos que ela surte em cada pessoa, com os acontecimentos/sentidos que nos possuem quando encontramos as imagens. Deixamos que a imagem transforme e que também sofra as transformações dadas pelo observador. (...) A linguagem fotográfica parece exercitar o olhar circular, não causal e alegórico (*allos*=outro; *agorien*=falar) e parece nos convidar à experiência da evasão, da novidade e da imaginação, que produz um outro dizer, um outro saber, em que as metáforas precedem as explicações e conceituações. Estamos acostumados com uma relação de subordinação da imagem em relação ao texto. Ou seja, a fotografia aparece, muitas vezes, como ilustração das palavras ou como comprovação dos conhecimentos produzidos textualmente. (WUNDER, 2006, p. 8).

Entendo que há uma distinção entre essas fotografias e outras fotos e figuras legendadas, as primeiras apresentam o objetivo de situar as pessoas, os seres e o ambiente, principalmente as escolhidas no capítulo um, já as segundas, essas sim, ilustram de outro modo o que escrevo, como o quadro das famílias e a foto aérea do Visconde. O modo como realizei a colheita dos discursos imagéticos e orais será abordado adiante.

Colheitas audiovisuais

Para iniciar as colheitas, elaborei três TCLE⁴² (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para as crianças, para as mulheres e para os responsáveis legais, explicando o que faria e pedindo autorização para registrar os nossos encontros. Os termos foram adaptados nas respectivas linguagens de acordo com as idades. É importante afirmar que não foi apenas nessa situação de assinatura dos papéis que expus a questão dos registros, conforme abordo mais a frente do texto, percebi que fui recebendo pequenos “sim” ao longo do estudo. A pesquisa também foi submetida à Plataforma Brasil/Comitê de ética, recebendo a devida licença para realizá-la.

Utilizei diferentes suportes para os registros, sendo eles: gravação de áudios e de vídeos, no celular, durante as interações e diálogos; escrevi breves notas no caderno durante as atividades daquilo que chamava a minha atenção; tirei fotografias de alguns momentos nas experimentações e guardei os materiais produzidos nas oficinas, para que pudesse refletir sobre eles em casa posteriormente. Todas essas maneiras se deram devido à intenção de colher o que vivenciava com as crianças, pois foi predominantemente por meio das conversas com elas e com as mulheres, da interação, das brincadeiras e da observação, que a investigação foi se constituindo e se formando.

Em certos momentos, para gravar os áudios e os vídeos, eu acionava o aparelho de forma que elas não percebessem para que os registros das falas e dos acontecimentos pudessem ser espontâneos. Isso não significa dizer que tentava driblá-las, pois como já explicitarei, conversamos, algumas vezes, que eu estava fazendo um trabalho para a faculdade e os registros eram parte dele. A espontaneidade é colocada aqui com o entendimento que não preciso avisar todas as vezes que ativo ou desativo o telefone, isso perderia a fluência do instante. O celular tornou-se um objeto frequente nas nossas mediações, inclusive, algumas dessas colheitas foram realizadas também pelas crianças com ele, assunto que será tratado mais a frente. Em algumas

⁴² Os termos estão presentes nos anexos no fim da dissertação.

ocasiões, deixei o telefone encostado em um canto gravando a vivência, em outras liguei o áudio com ele apoiado no chão entre nós para captar os diálogos e também gravei segurando o aparelho em minhas mãos. Porém, em certas situações, as crianças se davam conta da gravação e falavam “*ei tia, você tá gravando!*” e aí performavam para a câmera do celular, dançando, fazendo graça ou pegando eles para cantar e dar recados. Elas se mostravam bastante à vontade e eu deixava a dinâmica fluir, pois era instigante ver como gostavam de atuar e falar para pessoas imaginárias (ou não) do outro lado da tela ou do áudio.

Renzo percebe que o celular estava apoiado e filmando a gente, ele aproxima o rosto da câmera e fala: Ô gente não liga pra isso, isso é totalmente fora do equilíbrio [se referindo à casa que estávamos construindo na atividade].

Nanico vê Renzo falando e se aproxima da câmera também: Ô gente aqui é o ba-ba-do, estou na casa da [nome de uma personagem que não entendi], ó me liga, é 391020.

Renzo: Gente, nós vamos fazer uma casa aqui que tá muito tenso, muito tenso que eu não tô nem conseguindo falar direito [tom de brincadeira]. Gente tá difícil. Gente não tente fazer isso em casa, ouviu gente? Não tente fazer que é muito divertido!

Shuri: E você tá fazendo isso aonde? [respondendo para Renzo]

Renzo: Eu não tô fazendo na minha casa, eu tô fazendo na de vocês. [todos riem] E continua falando para a câmera: Gente, a minha próxima eu vou trazer a minha pipa, a minha pipa pra vocês verem como é que faz, tá bom? Tá bom? Tá bom? Sim ou não? [fica encarando a câmera esperando uma resposta]

Dafne: E agora qual a próxima parte da casa?

Renzo: Gente, agora eu não sei o que fazer mais. [volta o olhar para a câmera e responde]







Nos “frames” do vídeo acima, comecei a filmar um som que improvisava junto a Nanico. Aos poucos, chegou Homem-Águia fantasiado e sacolejando de um lado para o outro da câmera. Mulher-Gavião pegou o reco-reco seguindo o fluxo da música. Nanico compôs a seguinte canção, levando a todos numa encantaria ao som do berimbau:

Andando em boiada

É muito bom

Com meus companheiros

Andar no meu cavalo

Andar tocando boiada

Com meus companheiros

De dia

É muito bom

Porque é bom

Eu gosto disso
Vou pro laço com cavalo
Escolho o cavalo mais bom que eu tenho
Então eu se arrumo
Meto o pé e vou
Volto pra casa
Meia noite
Sozinho
Sem um companheiro
Só volta eu e o meu cavalo
Como isso é?
Isso é muito bom
Isso é muito bom
Andar no escuro com o meu cavalo
E eu ando nas vaquejadas
E eu gosto muito andar em cavalo
É muito bom
Por isso que eu saio de dentro de casa
Só para andar em cavalo
Andaaaar em cavalo, andaaaar em cavalo... [refrão que continuei da música criada por Nanico]

No terceiro encontro, concebi que seria bacana que as crianças pudessem realizar também os registros das vivências, então deixava o celular disponível, quando não estava usando, para que alguém o utilizasse caso desejasse. Geralmente, as meninas se interessavam mais em filmar e fotografar, os meninos rapidamente se dispersavam para brincar. No encontro ocorrido no mês de julho de 2021, consegui uma câmera fotográfica digital antiga e levei para elas registrarem o nosso dia como quisessem. No começo aconteceu uma disputa, mas logo negociaram e se dividiram para compartilhar o aparelho. O entusiasmo não durou tanto tempo, breve já se conectaram com outras presenças pelo caminho e quando chegamos ao valão de rio, pronto me deram a câmera para brincar na água. Claro! Além de ser instigante conhecer a perspectiva do que elas gostam de registrar como os seres-plantas, os seres-bichos, os/as amigos/as pousando para a câmera, as “*selfies*” de quem está com o aparelho em mãos e a gente na atividade, consigo me ver em relação a elas nas fotografias.

Figura 13: Fotografia tirada por Viúva-Negra enquanto soltávamos pipa no campo



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 14: Fotografia tirada por Shuri durante o alongamento dos bichos



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Ao chegar em casa à noite, escrevia no computador olhando, ouvindo e sentindo as memórias audiovisuais e as anotações colhidas. A experiência, então, ganhava novos contornos, fabulada com as impressões que tive ao longo do dia, as atividades, os sentimentos, os “*insights*”, as conversas com as crianças que chamaram a minha atenção, os conflitos, as contradições e como pensava em prosseguir para o próximo encontro de acordo “as deixas” percebidas enquanto possibilidade para novas vivências. Transcrevi também boa parte dos diálogos presentes nos vídeos e áudios, identificando frestas que no calor dos acontecimentos passavam sorrateiras.

Salve as crianças!

Homem-Águia, Nanico, Viúva-Negra, Mulher-Gavião, Shuri e Renzo, nomes escolhidos pelas crianças. Recém-iniciada no meio acadêmico e cheia de inseguranças sobre como proceder, supus que uma pesquisa envolvendo crianças demanda, obrigatoriamente, a preservação de suas identidades. Nesse sentido, no meio do estudo, expliquei brevemente para elas que eu não poderia usar seus nomes reais e pedi, então, que escolhessem os codinomes. Elas receberam a notícia como uma grande novidade e começaram as escolhas, sendo a maioria delas super-heróis e super-heroínas da Marvel. Achei as opções engraçadas e enquanto escrevia sobre elas no texto, era como se existisse um distanciamento entre as pessoas que conheço e como as trato aqui. Cida e Pamela também estavam nesse momento e elegeram seus nomes, a princípio, Xica e Maia, com Graça conversei posteriormente.

Durante a qualificação, abordei a questão das identidades com as professoras e o professor da banca, recebendo a devolutiva que isso não era necessário, por se tratar de uma

pesquisa que é cuidadosa e busca fortalecer identidades rurais que tantas vezes são invisibilizadas. Retornei para o campo com essa resposta, mostrando que me equivoquei ao pedir isso às mulheres e às crianças, expliquei que o cuidado com a mudança de nomes se fazia necessário, majoritariamente, em casos de pesquisas com temáticas que possam gerar algum risco para as participantes, como denúncias sobre territórios ameaçados, por exemplo. Mostrei para as mulheres, inclusive, a relevância da presença de seus nomes originais, pois elas são fortes lideranças no movimento agroecológico da região e estão representando parte do Visconde dentro da academia. Porém, ressalttei que caso desejassem, os nomes poderiam seguir como fictícios. Elas optaram em mudar, novamente, para os originais. Para as crianças, eu afirmei que elas não precisavam mais manter os nomes fictícios e se quisessem eu mudaria para os reais, elas disseram que não, que queriam seguir com os nomes escolhidos.

Fabular, especular, imaginar... Pondero que o borramento das fronteiras entre ficção e realidade (o que é real?) não é ao acaso, utilizar os nomes fictícios para as crianças e os originais para as mulheres, segundo suas preferências, explicitam o constante tensionamento proposto na dissertação. Há uma brincadeira em pensá-las ora como personagens, ora como companheiras da experiência dessa grande história afetiva. Quem são elas? Como se revelam? O que se esconde, o que aparece? Quais camadas compõem os seres-crianças e os seres-mulheres? *Um multiplicado ao infinito* na ontologia exusíaca de ser enquanto possibilidade na encruzilhada.

No último-primeiro dia de visita, levei cerca de 200 fotografias dos encontros e pedi para que as crianças, individualmente, escolhessem uma que as representasse. Solicitei também que dessem um título a ela, explicando que colocaria tal foto no trabalho para apresentá-las com suas palavras. Realizei algumas perguntas sobre como se introduziriam para pessoas que não as conhecem, do que gostam, o que fazem, como é o seu dia a dia.

A pipa que não voou



Dafne: Tá, seria essa da pipa. E as pessoas vendo lá, começando a ler o estudo... Aí elas vão ler sobre vocês, né? Eu vou apresentar vocês, vou me apresentar, como é que você se apresentaria? Falando de você, enfim. Como é que eu posso escrever?

Shuri: Não sei. Eu gosto de dormir. Eu gosto de dormir.

Dafne: Que mais que você gosta? Tem que ver como é que você se apresentaria pra uma pessoa que nunca te viu. A pessoa tá olhando essa foto aqui ó. Qual título você botaria pra essa foto?

Shuri: A pipa que não voou.

Dafne: E como é que você se apresentaria pras pessoas que estão lendo?

Shuri: Meu nome é Shuri [falou o nome original] e eu tenho 15 anos e a minha pipa não voou.

Dafne: E o que que você gosta de fazer?

Shuri: Dormir

Dafne: Só?

Shuri: E comer e desenhar e ler e ver filme.

(...)

Dafne: E você lembra quando você era menor aqui? Da sua infância, do que que você brincava? Como é que era? Você nasceu aqui, não nasceu?

Shuri: Uhum.

Dafne: Você brincava com as outras pessoas daqui do Visconde, com as outras crianças? Como é que era?

Shuri: Não. Eu ficava em casa vendo desenho na televisão. Aí a televisão queimou e eu comecei a ler. Só isso que eu fazia. Dentro de casa, só dentro de casa. Não gostava de sair de fora de casa.

Dafne: Por quê?

Shuri: Ah porque não ué, não tinha nada para fazer do lado de fora.

Dafne: E quando você tá com as outras crianças, você brinca de quê?

Shuri: Ah eu quase não brinco mais, eu tô cansada, tia.

Dafne: Quando você era menor...

Shuri: Ah de pique-pega, de queimado ou de polícia e ladrão ou de pique esconde.

Dafne: E você ajuda a sua mãe no viveiro? Com as plantas?

Shuri: Não, porque eu não gosto do viveiro.

Dafne: Por que você não gosta do viveiro?

Shuri: Porque a mamãe só quer ficar nele, só isso que ela quer fazer e mais nada. Aí eu tenho que ficar em casa, fazendo comida e eu não gosto de fazer comida.

Dafne: Você tá aprendendo a fazer? Você não tava fazendo bolo?

Shuri: Eu já sei fazer. Só que está errado ainda.

Dafne: Mas ficou gostoso pelo menos.

Shuri: É, o forno que tá ruim porque eu sei fazer um monte de coisa de comer. Só que eu não gosto de fazer. É chato. Tem que ficar no calor.

Dafne: E como é a sua rotina? Todo dia, o que que você faz?

Shuri: Tenho que acordar as cinco e meia para ir para a escola...

Dafne: Como é que você vai pra escola?

Shuri: De Kombi.

Dafne: Ela passa aqui pra te buscar?

Shuri: Aham. Aí eu chego na escola seis e quarenta, aí eu fico até sete e quinze na praça.

Dafne: Demora uma hora pra chegar na escola daqui?

Shuri: Não, é que a Kombi pega eu ali na frente seis e vinte, aí de seis e quarenta a sete e vinte a gente fica sentada na praça de Casimiro, porque não pode entrar na escola, só sete e meia. Aí eu entro na escola, deixo a minha mochila dentro da sala, na última cadeira, como sempre.

Dafne: Na última cadeira?

Shuri: É que lá dá para ver a sala toda e dá pra mim dormir também. Aí eu vou lá pra perto do gramado e eu sento lá no chão, fico lá sentada com os meninos no sol.

Dafne: No recreio?

Shuri: Não, antes de bater o sinal de sete e meia. Só que aí o sinal bate umas cinco, seis vezes, porque ninguém quer entrar pra sala. Aí a gente vai pra sala, faz o dever, aí sai pro recreio, aí depois volta pra sala de novo. Aí depois é o almoço, aí depois volta pra sala de novo. Dependendo do dia, era pra mim sair todo dia quatro e meia, só que as vezes chego em casa antes de Mulher-Gavião.

Dafne: Por quê?

Shuri: Porque não tem professor. Está faltando professor.

Dafne: De quais matérias?

Shuri: Tá faltando de história, de educação financeira, de ação empreendedora...

Dafne: Esse é o módulo que você tá fazendo de empreendedorismo?

Shuri: Aham.

Dafne: E antes você estava fazendo qual? [a escola de Shuri oferece formação técnica para os alunos no contra turno, existe a opção de fazer o Ensino Médio regular ou a formação técnica]

Shuri: Formação de professor. Aí tem dia que eu chego em casa dez e cinquenta.

Dafne: Mas e agora, você mudando pra esse geral você não precisa ficar até tarde é isso?

Shuri: É.

Dafne: Entendi, esse geral então é o Ensino Médio regular?

Shuri: Uhum.

(...)

Dafne: Você quer ir para a Marinha não quer? Com quantos anos?

Shuri: Ano que vem.

Dafne: Ah já? Mas você não vai acabar o Ensino Médio?

Shuri: Não, porque é o Ensino Médio. É tipo, eu tô no primeiro, só que aí eu vou ter que repetir o primeiro ano porque o ensino de lá vai ser só da Marinha, esse que eu tô fazendo é meio que para ter um curso já feito.

Dafne: É o Ensino Médio da Marinha?

Shuri: É. Aí eu vou ter que repetir o primeiro ano.

(...)

Dafne: Você quer ir para onde? [me referindo à sede da Marinha que ela deseja ficar]

Shuri: Para a mais perto.

Dafne: Qual é a mais perto daqui?

Shuri: Acho que é a de Niterói.

Dafne: E eles pagam para você estudar lá?

Shuri: Aham.

Dafne: Quanto?

Shuri: 1.000 reais.

Dafne: Sério? E por que você tem esse sonho?

Shuri: Porque primeiro meu avô foi do exército, aí ele saiu.

Dafne: O pai da sua mãe?

Shuri: Não, o pai de papai. Aí depois papai foi para o exército aí ele saiu também. Aí meu irmão foi para o exército e saiu também. Aí eu falei assim: eu vou para a Marinha e vou esfregar na cara deles que eu vou ficar mais tempo que eles lá dentro. Entendeu? É simples. Que eles só ficaram até soldado, papai ficou só até oficial. Aí eu vou virar o que? Tenente de lá daquele negócio, vou mandar em todo mundo. Eu vou falar que eu sou maior do que eles, porque os homens não fizeram nada. (Risos)

(Silêncio)

Dafne: Então e se você pudesse se descrever em cima dessas coisas que você acabou de falar para mim, o que você falaria sobre esses seus pensamentos? Que você acabou de falar, tipo o que você deseja...?

Shuri: Eu vou para a Marinha comprar um carro pra mamãe, aí eu vou fazer faculdade de biologia marinha, porque eu gosto das baleias e dos golfinhos, acho bonitinho. Aí eu nem como peixe. É só.

Mulher-Gavião



Dafne: Então o que que você gosta? O que que você faz?

Mulher-Gavião: Brinco, vejo desenho.

Dafne: Que mais você gosta de fazer?

Mulher-Gavião: Ir para a escola.

Dafne: Você gosta de ir pra escola? Que você faz na escola?

Mulher-Gavião: Eu estudo, tem recreio, fico de hora vaga, só.

Dafne: Como é que é sua rotina? Como são suas atividades? Você acorda e aí o que que você faz?

Mulher-Gavião: Escova o dente, toma café, vê desenho, ajuda a arrumar a casa, depois a gente toma o café da tarde e depois vai para a igreja.

Dafne: Ó, calma. Você vai pra escola de segunda a sexta, certo? Então, me fala primeiro de segunda a sexta, como funciona seu dia?

Mulher-Gavião: Eu acordo, tomo café, vou pra escola, depois eu...

Dafne: Você vai para a escola que horas?

Mulher-Gavião: Eu saio daqui seis horas.

Dafne: Seis da manhã? E o ônibus que pega aqui? Como é que você vai pra escola?

Mulher-Gavião: A Kombi me pega ali na... (inaudível). Aí eu vou pra escola, faço dever, depois tem hora vaga, depois tem recreio, depois eu almoço e venho para casa, arrumo a casa, vejo desenho, depois a minha irmã chega da escola, aí a gente começa a ver desenho.

Dafne: Ela chega que horas?

Mulher-Gavião: Cinco, seis horas da tarde.

Dafne: E você não vê outras crianças daqui do Visconde, você não brinca com elas? Nem com a Viúva-Negra, o Nanico?

Mulher-Gavião: Não que eles moram longe, minha mãe tem preguiça de ir pra lá pra mim brincar com eles. A gente só vai brincar, só quando minha mãe tem que falar alguma coisa com Cida ou Cida tem que falar alguma coisa com minha mãe aqui. Aí eles traz as crianças e a gente fica brincando.

Dafne: E fora a escola quando é que vocês têm a igreja pra ir, quais são os dias?

Mulher-Gavião: Quinta e domingo.

Dafne: E aí como é que é? Que horas é que vocês vão?

Mulher-Gavião: A gente vai quatro horas da tarde.

Dafne: E vocês chegam antes para arrumar, não tem isso?

Mulher-Gavião: A gente chega antes pra arrumar, depois a gente toma banho e o culto começa, termina nove.

Dafne: E aí vocês arrumam também pra sair ou não? É só no começo?

Mulher-Gavião: É só no começo.

Dafne: E fora isso, você tá fazendo alguma atividade? Não começou as atividades aqui no Visconde?

Mulher-Gavião: Ah é! Aí eu arrumo a parte que eu tenho que arrumar na igreja e limpar os bancos depois eu saio da igreja e venho pra capoeira.

Dafne: Isso que dia?

Mulher-Gavião: Quinta.

Dafne: Que horas é a capoeira?

Mulher-Gavião: Cinco e meia.

Dafne: E aonde?

Mulher-Gavião: Na sede. Aí a gente faz a capoeira, aí Shuri fica lá pra malhação junto com Cida e com Viúva-Negra. Depois a gente volta pra igreja, toma banho e vai pro culto.

Dafne: Dá tempo de pegar o culto ainda? E quanto tempo é de capoeira?

Mulher-Gavião: Uma hora.

Dafne: Então lá na capoeira você encontra outras crianças daqui?

Mulher-Gavião: Umas dez, onze. Só que eu não sei certo quantas crianças vem.

Dafne: E você vê suas amigas fora da escola? Vocês brincam?

Mulher-Gavião: Não, fora da escola eu não vejo não. Só quando eu vou pra Casimiro, porque elas não moram aqui, só tem uma garota que estuda comigo que mora aqui dentro. Só que ela mora lá longe.

(...)

Dafne: E aqui no seu quintal do que que você brinca?

Mulher-Gavião: De nada, eu não brinco no meu quintal.

Dafne: Você não brinca no quintal? Só fica dentro de casa? Você ajuda sua mãe nas coisas que ela faz?

Mulher-Gavião: Só daqui de casa. Arrumo a casa e lavo a louça. Comida ainda não sei fazer.

Dafne: E lá pra mexer nas plantas, no galinheiro, no viveiro?

Mulher-Gavião: Todo dia que eu vou lá pra fora tem um machucado no corpo que fica com a mancha, aí não gosto de sair de casa. Aí só ajudo minha mãe aqui dentro.

Dafne: Então você não corre por aí? Fica mais dentro de casa mesmo, né? E dentro de casa você brinca de quê?

Mulher-Gavião: De nada.

Dafne: E o “tablet”? O que que você faz no “tablet”?

Mulher-Gavião: Eu vejo novela e só.

Dafne: Você não estava pintando também os negócios?

Mulher-Gavião: Ah é! Eu joga as vezes e joguinho de correr.

Dafne: E quando você encontra então as crianças lá da Cida, de que você brinca com eles?

Mulher-Gavião: A gente brincava de adedonha, de detetive, assassino e vítima.

(...)

Dafne: Hum... Vocês não visitam outras casas aqui? A da L. por exemplo?

Mulher-Gavião: A gente vai, só que lá não tem criança pra brincar né.

Dafne: Ah não tem, né?

Mulher-Gavião: A gente só brinca com os cachorrinhos dela.

Dafne: E tem outra casa aqui perto que vocês vão?

Mulher-Gavião: Irmã H.

Dafne: Ah! A que eu vi lá vocês naquele dia.

Mulher-Gavião: Só que mamãe vai lá só pra conversar e tomar café com ela.

Dafne: E lá tem criança?

Mulher-Gavião: Não. Só tem criança só que adulto já, jovem, um garoto que estuda junto com Shuri.

Amizade



Viúva-Negra: Tia, primeiramente eu faço amizade na escola assim, chego com a pessoa, oi prazer meu nome é Viúva-Negra, é assim. E só. Eu tenho três ou quatro meses que eu estou estudando. Eu fiquei dois meses sem falar com ninguém na escola. No terceiro mês que eu fui fazer amigos.

Dafne: Hum...

Viúva-Negra: Porque eu sou quieta, eu sou quieta e tímida então eu só chego falo: oi meu nome é Viúva-Negra prazer, pra gente estranha como tipo minha amiga queria saber o nome da pessoa, da outra amiga dela que tem duas amigas que são bi.

(...)

Dafne: E do que que você gosta? Como é que você apresentaria? Assim: "ah eu gosto disso, eu faço isso..."

Viúva-Negra: Eu escreveria um texto enorme.

Dafne: O que que você falaria nesse texto? Eu vou escrever pra você, eu vou escrever com as suas palavras ou você quer escrever o texto?

Viúva-Negra: Tia, eu sou péssima em português, é... Eu escreveria um texto enorme, ficava decorando durante horas.

Dafne: Não, não precisa decorar. O que que você escreveria nesse texto sobre você? Pode ser algumas coisas que você queira falar.

Viúva-Negra: Eu não gosto de gente que fica batendo um nos outro. Sou inteligente, amigável e gosto de tudo praticamente desde que eu possa aprender a fazer.

(...)

Dafne: O que tem pra fazer aqui no Visconde? O que você faz aqui? Do que que você brinca, você vê outras crianças? Como é que é?

Viúva-Negra: Eu não vejo outras crianças, os sítios são longe e eu gosto de brincar de boneca. Meu pai reclama, não sei por que, e eu durmo.

Dafne: Você brinca no quintal?

Viúva-Negra: Como tipo o sítio é longe e meus irmãos ficam o dia todo com a cara no telefone. E eu brinco com as minhas bonecas. As vezes minha mãe fala que eu sou doente.

Dafne: Por quê?

Viúva-Negra: Ela me pega falando com as bonecas. (risos). Isso é estranho.

Dafne: Ah, isso é legal.

Viúva-Negra: Ela fala que isso é doença, eu fico muito solitária, não, é sério, as vezes eu não fico falando, mas tem vezes que eu me distraio, eu começo a falar com as bonecas. Aí tem hora que eu reparo, eles já tão lá [se referindo aos irmãos] uma hora com a cara bem assim pra mim ó. Tipo, como é que a pessoa fala com uma boneca gente?

Dafne: Mas e quando junta as outras crianças, do que vocês brincam?

Viúva-Negra: A gente gosta de brincar de pique se esconde. As outras crianças não.

Dafne: Não?

Viúva-Negra: Não, elas falam que é enjoado.

Dafne: E como é que é a sua rotina?

Viúva-Negra: Durmo, vou pra escola, tomo café, recreio.

Dafne: Como é que você vai pra escola?

Viúva-Negra: Kombi. Muito ruim tia, todo o dia minha mochila agarra na porcaria da porta. (risos).

Dafne: Aí você vai pra escola em Casimiro...

Viúva-Negra: É aí tem o... depois eu subo... eu chego lá, é tem o café da manhã que dá, eu não tomo, meus amigos que tomam. Eu falo com meus amigos, vamos pra fila, sobe, a minha sala começa a fazer bagunça. Sério, tia minha sala é a sala mais bagunceira. Eu acho que eu sou a única quietinha lá. Sério, você não tem noção, minha sala todo dia ela leva uma ocorrência.

Dafne: Eita!

Viúva-Negra: Eu pedi pra minha mãe trocar, ela falou que não vai me trocar. Tá vendo? E desço pro recreio, fico com meus amigos, as vezes vou pra biblioteca...

Dafne: Vocês brincam na escola ou fica só conversando com os amigos?

Viúva-Negra: Conversando. Às vezes minha amiga, os meninos irrita ela, ela dá uma de querer bater nos meninos, sai correndo igual doida, os meninos na frente e ela atrás correndo atrás dos menino. Aí eu rio. Que aí é muito bom ver ela correndo e os meninos apanhando. E subo, faço mais dever e venho embora. Não, tem um almoço e vem embora.

Dafne: E aí você chega em casa e faz o quê?

Viúva-Negra: As vezes eu almoço de novo, tomo banho e vou dormir.

Dafne: E final de semana, que que você faz geralmente?

Viúva-Negra: Brincar de boneca. Ficar perturbando meus irmãos.

Dafne: Vocês não vão pra outras cidades?

Viúva-Negra: Não.

Dafne: Rio Dourado, pra Casimiro?

Viúva-Negra: Muito difícil.

Os amigos



Nanico: Falar, eu não queria falar nada, mas o que eu gosto é me divertir e o que que eu faço é ficar brincando. E fico entediado quando ninguém vem brincar.

Dafne: Então se apresenta aí pra mim como se eu não te conhecesse.

Nanico: Oi, eu sou Nanico. Pra quem não me conhece eu moro na área rural, sou trabalhador, trabalho com a minha vó no sítio, pronto. Ranco caixa de aipim, ranco coco, vendo até abacate. Só isso.

Dafne: E você brinca de que Nanico?

Nanico: Monte de coisa

Dafne: Dá um exemplo.

Nanico: Pique-pega.

(...)

Dafne: E você falou da sua avó que você ajuda ela. Você ajuda ela e a sua mãe a fazerem o que?

Nanico: A minha mãe eu ajudo a fazer comida e a minha avó ela me chama pra plantar as coisas. Aí eu vou lá e planto junto com ela.

Dafne: E o que você sabe plantar?

Nanico: Um monte de coisa. Melancia, banana, abóbora, aipim...

Dafne: E como vocês plantam aqui?

Nanico: Com a plantadeira. Só banana e aipim que a gente não usa a plantadeira.

Dafne: Tem veneno a sua comida?

Nanico: Não.

Dafne: Por que vocês não botam?

Nanico: Pra nós não morrer.

Dafne: E tem gente que bota aqui no Visconde?

Nanico: Só bota veneno no milho ou no feijão da plantadeira, aquele sim tá com veneno pra broca não pegar nele.

“Superman”



Homem-Águia: Eu ia falar que eu sou Homem-Águia [disse o nome completo], tenho onze anos, onze e meio, moro no Visconde, no Rio de Janeiro e eu vim aqui apresentar eu. É isso.

Dafne: E o que vocêalaria que você gosta de fazer, que você gosta de brincar?

Homem-Águia: Eu gosto de brincar, de pescar, de andar de moto. Gosto de brincar de todas brincadeiras, menos de pique espelho.

Dafne: O que é isso?

Homem-Águia: Pique espelho os outro faz uma coisa e os outros tem que ficar parado igual.

Dafne: Ah! Ai pra descongelar tem que...

Homem-Águia: É. Tem que fazer a mesma coisa.

(...)

Dafne: E como é que é a sua rotina? Durante o dia, tipo, o que você faz? Conta um dia seu dia pra mim.

Homem-Águia: Hum...

Dafne: Você acorda...

Homem-Águia: Tomo café, lavo o rosto, escovo o dente. Mentira, não faço isso, não escovo o dente. (risos). E brinco e durmo no domingo.

Dafne: Não vai pra escola? Durante a semana?

Homem-Águia: Ah semana, dia de aula? Eu acordo, tomo café, talvez não, talvez eu não almoço, né na escola. Aí eu brinco lá na escola. Aí tem educação física lá na escola. Toda a quinta.

Dafne: Tem lugar aberto pra brincar lá no recreio?

Homem-Águia: Tem uma quadra. Não, a gente não tem recreio não. Só de lanche.

Dafne: Como assim?

Homem-Águia: A gente só lancha e vai pra sala.

Dafne: Não tem recreio?

Homem-Águia: Ham ham [negando]

Dafne: Quanto tempo de lanche então?

Homem-Águia: A gente entra três e meia, três e trinta e cinco e sai quatro horas. Aí a gente sai um pouquinho antes ou um pouco atrasado, sei lá.

Dafne: Você fica de que horas a que horas na escola?

Homem-Águia: De uma e vinte até cinco horas.

Dafne: Ah, você estuda de tarde? Então de manhã você faz o que então?

Homem-Águia: De manhã eu brinco.

Dafne: De quê?

Homem-Águia: Eu fico jogando "tablet".

Dafne: Antes o "tablet" não existia...

Homem-Águia: Aí eu jogava no telefone.

Dafne: Aí você brincava de quê?

Homem-Águia: Eu chamava Renzo e a gente brincava de qualquer coisa. Pique cola, pique esconde...

Dafne: O que mais?

Homem-Águia: Pique árvore...

O melhor dia da minha vida⁴³



Renzo: Eu gosto mais de jogar bola. E também sou um pouco implicante com os outros. (risos)

Dafne: Você é implicante com os outros?

Renzo: Sou. Eu sou um pouquinho de cada coisa. Sinceramente, minha cabeça é tanto que eu não consigo pensar.

(...)

Dafne: Como é que é a sua vida aqui? Como é a sua rotina?

Renzo: Minha vida, minha rotina, tudo feliz.

Dafne: O que que você faz durante o seu dia?

Renzo: Durante o meu dia eu fico brincando com a minha mãe, com meu pai. As vezes eu brinco com a minha irmã, algumas vezes eu saio, algumas vezes fico dentro de casa entediado.

Dafne: Você tem um quintalão e fica dentro de casa entediado? Por quê?

Renzo: Porque não tem ninguém pra brincar.

Dafne: Você não falou que vai pra casa dos seus amigos?

Renzo: Então, eu vou, mas tem vezes que meu pai não deixa.

⁴³ Legenda nomeada por mim, já que Renzo não escolheu nenhum título para sua foto. Me baseei em uma fala dele quando fizemos uma dinâmica com mais de duzentas fotos dos encontros. Na vez de Renzo, essa foi uma das fotografias elegidas por ele, lembro que apontou para ela e disse: “*esse daqui foi o melhor dia da minha vida, o melhor dia da minha vida foi fazer uma pipa, porque eu nunca fiz uma pipa na minha vida.*” (Transcrição do áudio, dinâmica fotografias, 28 de maio de 2022). Me emociono até hoje ouvindo e lendo essa fala.

Dafne: Ah tá, entendi. E você não vai pra escola durante a semana?

Renzo: Vou.

Dafne: Então como é que é essa rotina durante a semana, me conta. Você acorda e faz o quê?

Renzo: Primeiro acorda, escova os dentes, me arrumo, espero dá hora, desço, espero, espero um bom tempo...

Dafne: O que? A van?

Renzo: A Kombi. Ai ela vem, ai eu vou pra escola.

Dafne: Ai você volta que horas?

Renzo: Doze e meia, eu acho, por ai.

Dafne: E lá na escola você faz o quê?

Renzo: Eu copio no quadro. Faço dever e também como, né?

Dafne: É boa a comida da escola?

Renzo: É. Eu como dois prato. Eu e meu amigo.

Dafne: Você brinca também na escola?

Renzo: Aham, nós brinca de pique pega todos os dias.

Dafne: Ah que legal! Tem espaço aberto lá?

Renzo: Tem.

Dafne: Você mudou de escola agora, não mudou? Como é que tá?

Renzo: Tá bem. Tá boazinha.

Dafne: E ai você chega em casa depois e você volta de van, né?

Renzo: Aham.

Dafne: Ai você faz o quê aqui depois?

Renzo: Chego em casa, troco de roupa, falo com a minha mãe e com meu pai, né? Me troco de roupa, se arrumo e vou brincar.

Dafne: E o que que você ajuda seus pais em casa? Na roça, o que vocês fazem?

Renzo: Todos os dias, igual agora, agora eu só não vim mais cedo porque eu tava ajudando meu pai a catar lenha.

Dafne: Catar lenha?

Renzo: Mais tarde meu pai vai ter que ir de novo lá em cima.

Dafne: Pro fogão?

Renzo: É. Ele vai ter que catar lenha. Ai eu tenho que ajudar ele.

Dafne: Entendi. Você trata dos bichos também? Você sabe tratar?

Renzo: Tratava. Agora nem tem mais bicho.

Dafne: Não?

Renzo: O meu pai falou que vai comprar um porquinho. Minha mãe adora um porquinho.

Dafne: Comer? (risos). Você já viu matando? Você sabe?

Renzo: Aham.

Dafne: Você mataria o porco?

Renzo: Não, não tenho coragem. Não tenho coragem, mas vê, já vi.

Vale explicitar que, até a última ida a campo-terreiro, a maioria das dinâmicas e das perguntas se deram coletivamente, tal fato me fez perceber duas questões descritas a seguir. Ao questionar uma criança na frente do grupo e, depois, ao conduzir a mesma pergunta para as demais, sentia que as últimas contestações eram parecidas com a resposta dada pela primeira criança. Recordo-me de alguns acontecimentos, dentre eles, a oficina de desenho oferecida por Shuri. Ela pediu às crianças que catassem, no quintal, algo que as representasse e depois desenhassem no papel. Posteriormente, ao sentarmo-nos em roda para conversar sobre as escolhas pessoais, indaguei a Shuri qual a motivação em pegar a flor da quaresmeira, ela justificou: “*porque é a única coisa que tem cor no meio de um monte de verde.*”. Renzo, então, contestou: “*tem nada, qualquer coisa tem cor aqui.*”. Ela respondeu: “*nããã. É porque é tudo verde, verde, verde e a primeira coisa que eu vi de outra cor ali era o roxo.*”. Após esta frase, outras três crianças utilizaram a mesma motivação sobre a cor em suas respostas:

Porque a acerola é a única coisa que fica vermelha aqui. Tem um monte de coisa verde, mas não tem vermelha. (M., 13 anos⁴⁴).

Porque ela é a única coisa que fica amarela aqui [se referindo à laranja fruta], além da folha do mamão.” (Homem-Águia).

Porque foi a única coisa amarela que eu vi na minha frente e eu nem sei o nome desse trocinho aí. [fazendo referência à flor do cravo de defunto]. (Viúva-Negra).

Nas atividades também ocorria de uma criança responder no lugar da outra, como se tentasse adivinhar o que a/o sua/seu amiga/o gostaria de dizer. Não encaro essas impressões como problemas dentro do estudo, esperando algum tipo de contestação “autoral”, “original” ou “parcial” por parte de cada criança. Compreendo que essas “influências” ou, melhor dizendo, inspirações na resposta da/do amiga/o aliada à segunda situação de falar no lugar da/do outra/o são formas próprias que se manifestaram na prática com esse grupo de crianças, era intrínseco ao modo de se expressarem, interagirem e refletirem dentro do coletivo.

Contudo, escrevo sobre tal apreensão com o intuito de destacar também a importância da escolha em conversar individualmente com elas no último-primeiro encontro, vivenciado

⁴⁴ No encontro do dia 22/04/2021, dois irmãos, M. e D., que são primos de Viúva-Negra, Homem-Águia e Nanico participaram da oficina conosco. Na época, eles tinham 11 anos e 13 anos de idade. Eles moram no assentamento, porém em uma casa bastante afastada de Cida e Graça. Eu já os vi outras vezes passando a cavalo na estrada de terra, Homem-Águia, Nanico e Renzo sempre ficavam muito animados para mexer no cavalo, montar e andar. Na casa de Cida, encontrei com esses dois irmãos três vezes, pois no período da pandemia, Pamela os ajudava com as folhas de exercício enviadas pela escola a pedido da mãe deles. Eles aparecerão em algumas conversas mais a frente, coloquei as iniciais de seus nomes, M. e D.

nos dias 28 e 29 de maio de 2022. A partir dessa iniciativa, pude aprofundar algumas temáticas que desejava dar maior atenção, sendo elas: como as crianças percebem o Visconde e o que pensam sobre a vida lá; quais as diferenças de morar na roça e na cidade; o que gostam de fazer e de brincar nos seus sítios; como são suas rotinas; o que pensam sobre a natureza e onde se veem morando no futuro. A duração maior da presença e da atenção, o mergulho no tempo individual de escuta e o deslindamento de determinadas questões também foram benefícios de uma prosa a dois, pois em grupo a dispersão costumava ser rápida bem como a existência de muitos querereres concomitantes. Intuo que a intimidade e a confiança construídas, ao longo desses dois anos da pesquisa, contribuíram bastante na entrega delas durante a conversa olho no olho.

Criando vínculos, praticando terreiros

Como é pesquisar com crianças em seus terreiros (Simas & Rufino, 2018)? Terreiros/mundos são compreendidos, segundo os autores, como espaços/tempos recheados de práticas, princípios e potências de saberes que destronam a leitura única de mundo e transcendem as dimensões físicas e geográficas a eles designadas. Codificam-se enquanto experiências criativas que abraçam formas em coexistência e interação com os outros modos de organização da vida.

Assim, o terreiro aqui inscrito não se limita às dimensões físicas do que se compreende como espaço de culto das ritualísticas religiosas de matrizes africanas, mas sim como todo o ‘campo inventivo’, seja ele material ou não, emergente da criatividade e da necessidade de reinvenção e encantamento do tempo/espaço. Nessa perspectiva, a compreensão da noção de terreiro se pluraliza, excede a compreensão física para abranger os sentidos inscritos pelas atividades poéticas e políticas da vida em sua pluralidade. (RUFINO, 2019, p. 101)

A escolha pela *palavra germinante* (Santos, A., 2020a) terreiro para designar tanto o campo de pesquisa (campo-terreiro) como os sítios (terreiros) do Visconde, nos quais as vivências se deram, é um compromisso em percebê-los enquanto transbordamento da materialidade visível e dos contornos a eles sugestionados. Em campo-terreiro criamos, imaginamos, sentimos, vivenciamos, brincamos e interagimos com práticas, saberes, presenças e seres encharcados por ancestralidade, circularidade, comunitarismo, memórias e oralidade. Dentro de campo-terreiro brotam novos terreiros nas brincadeiras, nos diálogos e na experimentação que os encontros e os cruzos com outros seres proporcionam naquele

espaço/tempo. Como anuncia Rufino (2019, p. 103) “o terreiro é o mundo inventado a partir do que ritualizamos nele.”.

Os terreiros (sítios) do Visconde também se assentam nessa perspectiva uma vez que os limites físicos são incapazes de abranger a totalidade das histórias de vida; das práticas encarnadas; das sabedorias ancestrais; da cura e do alimento dos roçados; da força dos ventos; da alquimia na cozinha; da luta por terra; das escaladas na mangueira frondosa; do grão no chão de terra batida; e de todos os outros fluxos que compõem os corpos dos seres visíveis e invisíveis que banham e encantam os terreiros.

O terreiro, a roda, a esquina, o barracão e todo e qualquer tempo/espaço em que o saber é praticado em forma de ritual está a se configurar como um contexto educativo de formações múltiplas. Contextos firmados por educações próprias, inscritas na cultura e nos modos de sociabilidades. Educações que apontam para outras formas de aprendizagens articuladas a diferentes possibilidades de circulação das experiências. Esses diferentes modos de educação, gerados nas frestas e nas necessidades de invenção da vida cotidiana, evidenciam a potência dos saberes de mundo que se assentam sob as perspectivas da corporeidade, oralidade, ancestralidade, circularidade e comunitarismo. (SIMAS & RUFINO, 2018, p. 46).

Investigar em terreiros me recorda à música da saudosa Dona Ivone Lara quando diz: “alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”, foi sentindo o chão no miudinho, no tempo dos passos de cada um, que a relação foi se dando, um abraço na visita seguinte, a animação quando o carro cruzava a porteira, a intimidade de contar os causos... A primeira palavra que penso durante esse processo de parceria é vínculo. As crianças não sabiam quem eu era e eu tampouco as conhecia. Nos primeiros encontros, elaborei atividades para conhecer de forma gradual os desejos e interesses delas; a dinâmica de cada uma dentro do grupo que estávamos formando; as brincadeiras feitas no cotidiano; como era o terreiro que viviam; a relação traçada com os outros seres; quais eram as histórias que carregavam e como elas se conectavam umas às outras. Muita novidade e perguntas que pareciam explodir de dentro do peito e essa curiosidade me movia a descobrir como os nossos mundos se encontrariam e brincariam juntos.

O pesquisador em atitude de cambono nos desloca e nos coloca diante de uma intrigante condição, pois nos lança na porteira da condição de não saber e da emergência do ato de praticar. Na perspectiva de uma lógica linear de conhecimento, isso pode implicar em uma possível contradição: como praticar o que não se sabe? [...]. Na lógica assente na epistemologia das macumbas a condição de não saber é necessária para o que virá a ser praticado. Essa dinâmica se inscreve na perspectiva de uma forma de educação que é compreendida como experiência, na bricolagem entre conhecimento, vida e arte. (SIMAS & RUFINO, 2018, p. 37-38).

A práxis de uma *pesquisadora cambono* acontece no improviso, “no fazer aberto” (Ibidem) a partir dos cruzos que se apresentam nas dinâmicas em coletivo, envolve constância, flexibilidade, escuta e malabarismos com os sopros desestabilizantes. Desestabilizar e improvisar em nada se assemelham a práticas descompromissadas ou desavisadas, mas nos convocam a experimentar movimentos de forças brotantes no fenômeno do encontro. Os processos educativos que se propõem a tal abertura expressam a arte da resiliência que, assim como o cosmos, mantém a vida pulsante incorporando os fluxos inconstantes fundamentais à própria geração de energia vital. A proposição de uma *pesquisadora cambono* que, além de se involucrar com um fazer-aberto dentro da experiência, se coloca a serviço do outro, permitindo afetar-se e contribuir com seus saberes quando acionada. Nesse sentido, para além das vivências com as crianças, alguns conflitos, violências e vulnerabilidade financeira surgiram nas vidas pessoais das famílias, os quais me coloquei de mãos dadas para solucionar junto a elas e a outras redes de apoio, como o GT Mulheres Serra Mar. Essa também é uma das importâncias de fazer presente as pesquisas acadêmicas e as ciências em contextos afastados dos centros urbanos os quais, muitas vezes, encontram-se em estado de abandono. Quem sabe em atitude de *cambono*, não encantamos e encarnamos as ciências que andam tão desalmadas e aficionadas a números e a teorias, em vez de ancoradas em práticas, saberes, diversidades ontológicas e epistemológicas que colorem a vida com modos de ser, de estar, de saber e de sentir.

Nas oscilações e impermanências abraçadas pela complexidade da experiência, cheguei no segundo dia na casa Cida com um emaranhado de perguntas e o frio na barriga de uma relação ainda embrionária. Para a minha surpresa, lá estavam outros três primos moradores de uma cidade vizinha, um menino de 3 anos e duas meninas com aproximadamente 5 e 8 anos. A primeira sensação que tive foi frustração. De que modo eu começaria a me relacionar com as crianças da pesquisa naquele dia, se lá estavam outras que não participariam de todo o estudo e não eram moradoras do Visconde? Seria possível isso dentro da pesquisa que me propunha? Como é agregar presenças inesperadas que eu não estava pronta, ainda mais nesse início?

Sim, meus questionamentos também são calcados em conflitos com raízes no fazer científico moderno, afinal sou pesquisadora criada nessa lógica. Dessa forma, apresentar as confusões que confrontei ao longo desta pesquisa, com a vontade de desatar os nós de noções normalizadoras e controladoras de fazer pesquisa acadêmica, também é um dos desafios que me debruço no decorrer da escrita.

Compreendi que por pesquisar em terreiros, com dinâmicas cotidianas mais comunitárias e pela própria configuração ao ar livre, acolher nas vivências todas as crianças

que chegassem “de fora” era essencial, pois faz parte do desafio em pesquisar na experiência. Desse jeito, vez ou outra, algum familiar estava hospedado com seus filhos na casa Cida ou até mesmo amigos moradores do Visconde chegavam para ver as crianças no dia em que eu estava por lá e assim participavam das atividades conosco, caso desejassem. Foi devido a essa abertura que, a partir do quarto encontro, o núcleo principal do grupo que antes era formado por cinco crianças, Viúva-Negra, Homem-Águia, Nanico, Shuri e Mulher-Gavião, ganhou um novo parceiro, o Renzo (12 anos). Para mim, essa é uma das belezas de se pesquisar com crianças em ambientes mais próximos a outros seres cosmológicos, sem espaços emparedados (TIRIBA, 2018) e regulados, significa deixar-se afetar pelo que atravessa, deslocando os sentidos e incorporando os fluxos chegantes no próprio processo de investigação em parceria.

Provavelmente o dilema anterior sobre as crianças visitantes só estava na minha cabeça, pois quando me viram saindo do carro com os materiais para brincarmos, logo me ajudaram a levá-los para a varanda. Elas estavam ansiosas para as atividades. Nessa segunda visita, eu pretendia entender um pouco mais do universo simbólico delas e como estavam se sentindo nessa difícil situação pandêmica. Cida pronto sugeriu que as crianças pegassem panos e levassem para debaixo do ser-mangueira, assim poderíamos ficar por lá acolhidos na sombra, pois fazia um dia de sol forte. Esse frondoso ser-mangueira ainda será motivo de algumas reflexões por aqui, pois foi desde o primeiro dia uma importante presença que nos abrigou em brincadeiras, escaladas, balançadas e conversas.



As crianças organizaram o espaço e trouxeram uma caixa com livros de história. Sentamo-nos sobre os panos e espalhei alguns materiais: cartolinas grandes, tinta, lápis de cor

e pincéis. Convidei-as para um desenho coletivo e propus que escolhessem um tema. A temática decidida foi natureza e assim desenharam corações, flores, plantas, animais e o carimbo de suas mãos. Vendo elas desenharem, percebi que não estavam fazendo humanos e então perguntei: “o ser humano faz parte dessa natureza?”, Viúva-Negra me respondeu: “alguns fazem parte e outros não.”. Fiquei encucada com a resposta e já estava pronta para discordar quando parei, respirei e indaguei a ela o porquê. Então a menina me disse: “alguns fazem parte e outros não, porque quem desmata e destrói não faz parte.”.



Objetificar, fragmentar, separar e instrumentalizar são leituras sobre uma natureza apartada do ser humano e da cultura, vivida como pano de fundo comum universal e sob a lógica do *relativismo multicultural* (VIVEIROS DE CASTRO, 2018) na qual a cultura, em oposição à natureza, daria conta de toda a dimensão particular da espécie humana. O perspectivismo ameríndio, desenvolvido pelos antropólogos Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima, aliado às diferentes cosmologias originárias e tradicionais que vêm desde muitos séculos alertando os modos *cosmofóbicos* de estar, de ser e de perceber o cosmos, serão debatidos com maior profundidade no próximo fio desta dissertação. Para Nêgo Bispo (2020) tal sentimento tem nome, é a *cosmofobia*, ou seja, o medo da natureza, do cosmos, do sagrado.

Para Bispo, a cosmofobia é a doença gerada e vivida pelo colonizador: a sociedade euro-cristã colonialista. Ela reproduz ontológica e

epistemologicamente, há séculos, um modo de estar nesse mundo pautado pelo medo instituído por Deus. Quando Adão e Eva comem do fruto proibido do conhecimento são condenados a viver na terra amaldiçoada, trabalhando como castigo. Já para os povos de matrizes politeístas, segundo Bispo, a terra é sagrada e as divindades povoam a vida. Vive-se em compartilhamento com o Cosmos e o conhecimento advindo da Natureza, a maçã e a serpente, configuram o denominado saber orgânico. (CAVALIERI *et. al*, 2021, p.3).

Contra a *cosmofobia*, Nêgo Bispo anuncia a *guerra das denominações*, criando *conceitos-denominações* ou *palavras germinantes* que sustentadas pelas suas explicações-práticas e (re)explicações de cosmos realizam permanente e “gingadora” luta *contracolonial*. Povoado por sabedorias cultivadas desde divindades, ancestralidade, oralidade, saberes da geração-avó (como chama os mais velhos), Nêgo Bispo *transflui* seus conhecimentos com diferentes cosmologias politeístas para *confluir* em *criação cosmológica*. Por enquanto, deixo essas palavras germinantes soltas por aqui para que possam inquietar conversas sobre elas também no próximo fio da dissertação, assim a roda segue girando.

Abertos os caminhos para novas reflexões acerca do cosmos, prossigo narrando a dinâmica seguinte ao desenho em grupo citada anteriormente. Com uma movimentação entre as crianças que pediam folhas avulsas para desenhar individualmente, perguntei a elas como estavam se sentindo na pandemia e pedi que retratassem no papel. Algumas desenharam a escola vazia e expressaram a saudade que sentiam em ver os(as) amigos(as), porém alegaram que os deveres e as aulas não faziam falta. Concomitante à minha proposição, algumas crianças elaboraram ilustrações de super-heróis e contos de fadas, pois o escopo não estava fechado apenas na minha proposta.

Um dos desenhos que me chamou a atenção foi o de Viúva-Negra. Ela ilustrou uma árvore com folhas verdes, amarelas, marrons, algumas caindo no chão e outras em decomposição. Não me recordo exatamente como foi a sua fala sobre o desenho, mas o sentido era de que as coisas passam e a morte faz parte da vida, aquela árvore expressava para ela todos os ciclos da vida, as dimensões de passado, presente e futuro, assim como o cosmos é.



Nesta segunda atividade, Nanico e Homem-Águia já estavam em cima da mangueira, brincando e olhando os desenhos de longe. Desde esse dia, eu não me importava que algumas crianças não quisessem participar das atividades, elas podiam fazer o que desejassem, contanto que não atrapalhassem as demais. Esse foi um dos primeiros combinados que fizemos, a não obrigatoriedade em participar do que o grupo fazia.

Shuri e Mulher-Gavião chegaram um pouco antes do momento do segundo desenho, ainda não nos conhecíamos bem e elas se mostraram mais tímidas que as demais. Shuri chegou de cara fechada e se sentou na varanda sozinha para brincar com as bonecas que trouxera. Graça, sua mãe, me contou que o motivo da chateação era que o seu galo foi morto para servir de comida no almoço coletivo. Eu respeitei o momento dela e tempos depois avistei Viúva-Negra se aproximando para brincar com ela, criando roupas para as bonecas.

Conversei com Shuri posteriormente, dizendo que entendia o motivo de estar triste e que quando quisesse poderia se juntar ao grupo. Ao terminar a atividade, fui para dentro da casa falar com as mulheres que se reuniam para a feitura do almoço. Ao retornar, percebi que ela estava pintando os rostos das crianças com os motivos que elas pediam e foi uma verdadeira festa de personagens, gritos para cá, sustos para lá. Uma das coisas que gosto de observar é quando as crianças estão juntas e desdobram brincadeiras que eu sequer podia imaginar, como essa das pinturas. Elas gostam bastante de brincar de pega pega, pique esconde e correr pelo terreiro.



No final do dia, fui até a horta a convite de Cida e ela me presenteou com alguns temperos, hortaliças e flores. No momento em que víamos as mudas de poejo, ela contou que as mudas filhas, recém tiradas da planta mãe, precisavam ficar ao lado da matriz para não sentirem tanto a separação e assim crescer com maior vitalidade. As plantas sentem, Graça também intui isso, em outro encontro, enquanto amontoava um bocado de terra em volta das mudas de feijão, eu perguntei o motivo de fazer as moitinhas, ela me disse: *“elas são igual a criança, tem que dar vitamina pra crescerem bem.”* O grande berçário vitaminado floresce com bebês-feijão azuki, preto e manteiga, o cuidado com as crias-feijão é o cuidado com ela e suas crias-crianças, começo-meio-começo. Talvez vocês não saibam da força dessa foto abaixo, mas depois de divorciar-se, Graça, finalmente, conseguiu plantar o seu roçado, impossibilitado de crescer, tantas vezes, pela violência do machismo manifestada nas pisadas dos bois do ex-marido. Agora ele brota com vigor, aqui não passa mais boi! Sabemos nos defender com nossas companheiras! Com a luta, a determinação, o amor e muito trabalho de Graça, um dia comeremos e compartilharemos o feijão, não nos esquecemos que somos sementes!⁴⁵

⁴⁵ Alusão à frase “eles tentaram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes”, palavras de ordem proferidas na luta por justiça para a ex-vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, brutalmente assassinados no dia 14/03/2018 pela milícia política carioca.



Outra inspiração: pesquisa participante

Além da inspiração epistemológica na pesquisa narrativa aliada ao exercício fabulativo encarnado em texto/corpo de pesquisadora cambono, outra importante nutrição epistêmica é a pesquisa participante (BRANDÃO e STRECK, 2006), percebendo que as raízes desses olhares têm muito em comum no que concerne à horizontalidade na relação entre pesquisadora/pesquisados; ao compromisso ético, político e estético com o fazer científico; à construção dialógica; à reflexão contínua sobre a prática, à partida de uma realidade social no cotidiano dos parceiros de pesquisa; entre outros. O que a pesquisa participante traz, então, como diferencial para este caldo epistemológico?

Primeiramente, a origem da pesquisa participante também conhecida, na América Latina e no Brasil, por outros nomes como auto-diagnóstico, pesquisa ação, pesquisa participativa, investigação ação participativa (BRANDÃO & BORGES, 2007), se deu em modelos de investigação emergentes entre os anos 60 e 80 em um período de crise nas Ciências Sociais. Os pensadores Orlando Fals Borda, com a Investigação Ação Participativa (IAP), e Paulo Freire, por meio da Educação Popular (EP) encabeçaram as vertentes latino-americanas. Eles partiram de iniciativas de ação social vinculadas ou à serviço dos movimentos populares emergentes daquela fase e com projetos de transformação social emancipatória. Tal fato implica

em um fazer-sentir-pensar pesquisa originado desde, com e pelas pautas sociais brasileiras, o que reflete em uma articulação crítica entre o(s) conhecimento(s) científico(s) e populares.

Encontro-me em um campo-terreiro de pesquisa que é um assentamento provindo da histórica luta pela reforma agrária onde as crianças são integrantes de famílias envolvidas no movimento agroecológico, do qual também sou parte. A condição de serem crianças camponesas, negras e de baixa renda traz às suas identidades diversas camadas de opressão, somando-se ao fato de que são crianças em uma sociedade regida e legislada por adultos (na sua maioria homens brancos ricos), sendo silenciadas, dessa forma, em muitas instâncias.

Escolher essas crianças como parceiras não foi ao acaso, aliado ao envolvimento com a luta agroecológica, existe o desejo de fortalecer os seus saberes e aprender com seus modos de existir, de ser, de perceber, de estar, de sentir e de viver novas formas de anunciar e se relacionar com o cosmos. Aqui o fazer científico é profundamente imbricado com a sabedoria das crianças, pois se queremos (e precisamos) de outras respostas para sustentar o céu (KOPENAWA; ALBERT, 2015), certamente não será com o modo *cosmofóbico* (SANTOS, A. 2020a) que viemos conduzindo a educação até então.

A figura da pesquisadora *sentipensante*, neologismo criado por Orlando Fals Borda, é definida como “aquella persona que trata de combinar la mente con el corazón, para guiar la vida por el buen sendero y aguantar sus muchos tropiezos⁴⁶” (FALS BORDA, 2003, p. 9 *apud* MOTA NETO 2016, pg. 234). Tal conceito me apoia a firmar compromisso com uma prática ética e política, comprometida com as bases populares e com as crianças em que o pensamento crítico é vinculado a relações de afeto e parceria, na qual me entendo como ser em condição de inacabamento e continuidade (FREIRE, 2015), e por isso mesmo uma pesquisadora *campona* que tropeça, indaga e reinventa.

Nesse sentido, a pesquisa participante é essencialmente inspiradora para as práticas e processos desta investigação, pois ela parte de uma realidade social de vivências na vida cotidiana das crianças parceiras de pesquisa, numa construção dialógica, afirmando a relação sujeito/sujeito, na qual a produção de conhecimentos é coletiva e partilhada. Os temas trazidos, ao longo dos encontros, como veremos adiante, emergem dos interesses e repertórios das crianças, nos quais elas são estimuladas a compartilhar uma oficina de seu desejo com o grupo. Como princípio convoco a práxis, em que a reflexão é colada à ação e a ação desencadeia a

⁴⁶ Aquela pessoa que trata de unir a mente e o coração para guiar a vida pelo bom caminho e suportar seus múltiplos tropeços (tradução livre).

reflexão, exigindo uma nova práxis, numa espiral permanente. O que valida as vivências são as próprias respostas dadas pelas crianças, conduzindo a novos caminhos de investigação.

Construindo a participação

Nos primeiros encontros, conforme dito anteriormente, minha intenção era conhecer melhor as crianças e o pluriverso de interesses delas para que assim pudéssemos construir aos poucos as nossas vivências. Com esse intuito, nas quatro primeiras visitas, realizamos algumas atividades como: criação de histórias coletivas; costura de bordados com elementos escolhidos por cada uma; encenações com exercícios teatrais; dinâmicas em grupo, entre outras, para identificar tais temáticas.

Na segunda vez em que nos encontramos, sugeri que cada criança, individualmente, escolhesse um tema a fim de desenvolver um projeto em que mergulhássemos juntas. Os assuntos escolhidos foram: peixes, boi, flores, desenho, pintura... Contudo, com o desenrolar das semanas, percebi que tal proposta funcionaria como se eu fosse uma “mentora” e as acompanhasse em seus projetos individuais, não sendo esse o meu objetivo.

Os rumos finalmente transformaram-se quando no quarto encontro, após uma manhã de atividades em torno de construção de histórias coletivas, sugeri para as crianças que depois do almoço, elas escolhessem uma atividade para fazermos conjuntamente. Elas decidiram que faríamos uma cabana. Nanico já foi se adiantando para pegar o facão e tirar pau na matinha. Eu pedi que esperasse, pois como construiríamos sem saber antes quantos galhos seriam necessários? Montei com Nanico uma pequena estrutura improvisada com gravetos pequenos, enquanto Shuri desenhava o esboço da cabana. As outras crianças ainda não estavam interessadas nesse início da atividade, a vontade de participar logo se transformou quando, com a quantidade de cinco varas a colher em mente, todas partiram juntas para a segunda missão: catá-las na matinha.



Nanico e Homem-Águia pegaram um facão e uma foice e seguimos para a matinha, como chamam a mata adensada, para conquistar nossa estrutura. Procuramos os galhos mais eretos olhando para as árvores, de acordo com as instruções dadas pelas crianças. Nanico subiu então em duas árvores diferentes para retirá-los. Voltamos todos com as varas nas mãos e pedi que as crianças levassem também algumas folhas para perguntarmos às mulheres de quais árvores eram o material colhido. Descobrimos que provavelmente pertenciam a Carrapateira e a Cinco folhas.



O local escolhido foi embaixo do ser-mangueira, então, marcamos no chão os espaços para os buracos e cavamos com enxadas. Elas se dividiram nas tarefas de fixar os paus enquanto outras tratavam da amarração com barbante. Com a estrutura montada, faltava a cobertura, Cida pegou uma lona de barraca de camping e nos emprestou. Improvisamos a proteção, porém uma parte ficou exposta, prometi então que da próxima vez levaria uma lona para a nossa barraca. Refletindo depois, foi curioso perceber que o símbolo das barracas é bastante presente na luta por terras, pois são os abrigos construídos na fase de acampamento dos movimentos sociais por terra. Apesar de nenhuma das seis crianças ter vivido intensamente um acampamento, pois pelo que contam as mulheres, a maioria delas já nasceu dentro do Visconde ou vieram de outras casas, o significado da barraca é nutrido ao longo das gerações, a *transfluência* segue caminho.



Nesse dia, tive um estalo de propor a elas que cada uma escolhesse uma oficina para oferecer ao grupo nas próximas vivências, elas ficaram animadíssimas com a proposta e Nanico, o mais apressado, escolhera a oficina dele, seria de pipa! Pedi para que me dissesse os materiais necessários que eu levaria no dia e que também pesquisasse sobre a história das pipas para nos contar. Cida disse que não seria preciso eu comprar as varetas de bambu, pois ela mesma nos ensinaria a tirá-las no bambuzal e tratá-las com caco de vidro. Muito me alegrou ela compartilhar seus saberes e dividir parte da oficina com seu neto no beneficiamento da vara de bambu, assim as crianças também aprenderiam a trabalhar com o material e com as sabenças circulantes em terreiro.



Cida: O que você tá fazendo, Nanico?

Nanico: A rabiola

Dafne: Você não vai ensinar pras pessoas?

Nanico: Ô tia, é só eles ver! Oh! Renzo e Homem-Águia. Esse daqui já sabe a rabiola, esse daqui, aquele dali e ela dali. Ela faz a própria rabiola...

Dafne: Você é o oficineiro cara.

Renzo: Quem eu? Eu não! [afirmando para Nanico que não sabia fazer a rabiola]

Nanico: Você sabe sim! [rindo]

Renzo: Sei nada!

(...)

Cida: Como que faz a rabiola, Nanico? Do que a gente precisa, Nanico?

Nanico: Da tesoura. Vem cá embaixo e corta. [cortando as tiras da rabiola no saco plástico].

Cida: E mais o que, Nanico?

Nanico: E a linha.

Cida: E mais o que, Nanico?

Nanico: E eu vou saber? [rindo]

Cida: A sacola, Nanico, o que você tá cortando? E dai precisa fazer mais o que pra rabiola ficar certinha?

Nanico: Pegar a linha, fazer aquele nó de marinheiro e enfiar dentro.

A abertura para as crianças serem oficineiras possibilitou que surgissem muitas novidades e me retirou de um lugar de foco em que eu proponho e elas “recebem”. Desde o

combinado Nanico ofereceu a oficina de pipa, Mulher-Gavião e Viúva-Negra deram juntas a atividade de feitura de Abayomis⁴⁷, Shuri ensinou a desenhar, Renzo a construir casa e Homem-Águia nos levou a um passeio no rio⁴⁸.

Durante a oficina de Shuri de desenho, observei algo curioso, em certa ocasião Cida me chamou na cozinha e as crianças continuaram na varanda desenhando. Por coincidência, meu celular ficou ativado gravando-as e ao escutar o áudio à noite em casa, percebi que quando saí, a referência das crianças virou a Shuri, a menina mais velha e oficineira do dia. A todo momento se reportavam a ela perguntando se o desenho estava bom e pedindo dicas.

Nanico: Aí ó meu olho, meu olho gigante. [mostrando a Shuri a parte preta, já apodrecida, da laranja que desenhou]

Shuri: Nanico, tinha que ter verde?

Nanico: É verde e amarelo.

(...)

Mulher-Gavião: Shuri, vou contornar a folha com pretinho, tá bom?

[Shuri concorda assentindo com cabeça]

Mulher-Gavião: Shuri, você acha que eu tenho que fazer com verde claro ou esse? [apontando para a folha de palma e perguntando qual ela achava melhor]

Shuri: Mistura esses três verdes juntos, fica maneiro. Primeiro você pinta com um verde, depois vai lá e passa um por cima e depois passa o outro por cima.

Em um outro dia, durante a atividade de Renzo, ele e Homem-Águia também saíram do local em que eu estava com as crianças e foram construir sua própria casa no quintal. Quando fiz o movimento de me aproximar, eles pediram que eu esperasse para ver depois. Respeitei o pedido e quando me chamaram, me deparei com uma criação muito mais legal da que eu tentava fazer com as outras crianças na varanda. Eles cortaram diversos gravetos com tamanhos parecidos, fincaram no chão, amarraram barbante entre eles para estruturar e por cima e

⁴⁷ Abayomi tem como uma de suas representações possíveis o significado de “meu presente” em iorubá. As bonecas foram criadas por Waldilena “Lena” Serra Martins, artesã maranhense, em 1987, quando integrava o Movimento de Mulheres Negras. Elas são feitas de retalhos, sem cola ou uso de linhas, como ressignificação do material que iria para o lixo. O resultado do trabalho com as bonecas acarretou a criação da Coop Abayomi, uma cooperativa integrada por artesãs negras, que se transformou em um espaço de referência na época. Para Lena, “a abayomi tem o seu valor como objeto de resistência por mostrar um ciclo de vida, além de gerar possibilidades por meio da criação de autoestima.”. Vale ressaltar que existe uma narrativa no ideário popular que romantiza a origem dessas bonecas, contando que elas eram feitas por negras escravizadas, durante as violentas travessias nos navios negreiros, para dar de presente às crianças. Essa narrativa é violenta, pois além de invisibilizar o trabalho de Lena, romantiza um período tão cruel e devastador da história colonial brasileira. Informações retiradas do site: <https://lunetas.com.br/bonecas-abayomi/>. Acesso em: 20/11/2021.

⁴⁸ Algumas oficinas serão abordadas com mais detalhes no capítulo três da dissertação.

embaixo colocaram folhas de bananeira. É difícil descrever a sensação de alegria que tive ao me deparar com tanto saber e cuidado na feitura de uma casa!

Quando me chamaram fui ver a casa construída no gramado lá de fora e tive uma grande surpresa. Perguntei de quem era aquela casa e eles me disseram que era dos índios. Explicaram que foi construída com graveto, linha e folha de bananeira. Quando perguntei a etnia, a aldeia que pertenciam, eles inventaram que era dos “baobares”. Colocaram folhas de bananeira no chão e depois um amuleto que era a parte do colar da minha falecida avó Lea. Depois complementaram com uns pedaços de plástico por cima, pois a casa ainda estava com água caindo dentro. Quando percebi que a minha não intervenção, ou seja, as perguntas que faço para estimular e desenvolver a oficina, meus “pitacos” ou até meus silêncios, eram dispensáveis frente a o que eles produziram sem a minha presença. Homem-Águia não estava na atividade de dentro da varanda, mas estava lá fora, no quintal, procurando os materiais e fazendo. Sem precisar pegar os materiais e trazer até onde eu estava para fazer junto. O fazer sozinho ou em grupos menores também é importante... Eu confiei e também deixei que ele e a irmã ficassem lá fora, a casa saiu sem uma pergunta minha, sem um olhar. Na realidade, a casa do lado de dentro nem conseguia sair, porque esse talvez nem era o interesse das crianças que estavam lá...Vendo os vídeos que gravei eu tentava puxar, “mas como equilibra a casa?”, “e isso que você pegou, o que é?”. A casa feita por Homem-Águia e Renzo saiu sem uma pergunta. Só com a confiança de deixar ir.

(Anotações no caderno, dia 10/06/2021).



Perceber a importância da minha não presença em certos momentos, refletir sobre a figura adulta entre as crianças e observar como elas se organizam sozinhas tem sido essencial para confiar nos processos em que vivemos e praticar cada vez mais a horizontalidade de poder

entre nós. O fato de as idades variarem entre 8 e 14 anos também agrega demais, pois vejo constantemente a troca de saberes entre eles, uma criança que conhece mais técnicas de desenho e ajuda as demais, a outra que lê com maior fluidez, um que sobe na árvore e pega os frutos, a outra que é desinibida nas atividades de teatro, um que dá piruetas no rio, nesse fluxo elas trazem muita inspiração e ensinamentos fazendo com que os saberes circulem entre nós. A cada encontro aprendo curiosidades sobre o trato com os seres-bois e com os seres-cavalos, novos nomes de seres-flores, como subir em um ser-coqueiro, os ciclos dos frutos em seus quintais, brincadeiras locais como a “marimba”⁴⁹ entre tantas outras sabenças trazidas e compartilhadas no fazer-brincando-conversando-descobrimdo.

Dafne: Vocês sabem que o cactus é uma planta....

Nanico: Ô tia, eu sei, no deserto tem como beber a água dele se espremer. E ele sobrevive mais no deserto do que a gente porque ele tem água dentro dele. Quando chove ele guarda a água, as outras plantas não.

D.⁵⁰: Você vê largados e pelados?

M.: Porque quando eles tãõ na África, eles tiram o espinho dele e corta ele e esmaga ele assim e cai um monte de água

Viúva-Negra: Mas tem alguns que são venenosos...

Nanico: O da minha avó não é porque a gente come.

Dafne: Vocês comem essa palma? Vocês sabem se pode comer?

Viúva-Negra: Tem uns desses daí que da fruta.

Dafne: É a pitaya?

Renzo: Não, a pitaya é outra, é uma frutinha menor.

Nanico: Come, faz doce e serve de ração para os animais. [ele foi perguntar a Cida, sua avó, o que ela fazia com o fruto da palma]

Dafne: Olha você pegou então uma planta super poderosa!

(...)

Dafne: Agora essa flor amarela?

Viúva-Negra: Porque foi a única coisa amarela que eu vi na minha frente e eu nem sei o nome desse trocinho aí.

Renzo: Eu esqueci o nome disso, minha mãe falou, é bom pra remédio, pra fazer álcool também.

Shuri: É rosa de lobo ou cravo de defunto.

Dafne: E é bom pra quê?

Shuri: Pra espantar os insetos que ficam em volta da horta.

M.: Tia, minha mãe pega a folha dela e bota dentro do álcool.

⁴⁹ Brinquedo feito pelas crianças com uma pedra amarrada em um barbante na qual deixam um pedaço de fio solto para girar a pedra e lançá-la o mais longe possível.

⁵⁰ D. e M. são os irmãos de 11 e 13 anos já citados anteriormente no capítulo.

Renzo: É isso mesmo.

(...)

M.: Tia, eu vi uma vaca e consegui ver só as pernas do bezerro assim.

Dafne: A égua fica prenha quantos meses?

M.: Três.

Dafne: E a vaca?

Shuri: Nove. É igual a mulé.

M.: A égua é 4 meses, a vaca é 9 meses.

(...)

M.: Meu irmão ele tem ciúmes de mim, porque o cavalo dele é um pangaré. Você vai rir ó, a minha é égua é meio sangue com ¼ de milha.

Dafne: Que isso?

M.: Uma raça de cavalo diferente. A minha égua tem documento. Papel registrado. Ó a mãe dela já ganhou vários campeonatos. E ela corre mais rápido que a dele.

Dafne: Mas olha a vantagem, a dele não engravida, a sua engravida. [falei isso, pois só o pangaré do irmão estava lá para levá-los de volta para casa, a égua como está grávida, ficou em casa].

Cida: Olha a vantagem, os pangarés vivem mais que os puro sangues.

M.: Eu não quis colocar ela para engravidar, o cavalo pulou a cerca e pegou ela. Tia, não tem aqueles caminhões de pipa? A minha tá igual aquilo de tão gorda.

Dafne: Mas como cuida da égua?

M.: A égua não pode deixar ela dá bicho nem carrapato. É só olhar, quando passa a semana, eu vou olhar ela.

Dafne: Mas você não dá banho nela?

M.: Só quando eu ando.

No decorrer das vivências, os dias foram ganhando contornos, todas as manhãs que chegava, as mulheres preparavam um café da manhã gostoso para tomarmos, eu contribuía com frutas, pães e recheios. Depois me reunia com as crianças para fazermos alguns alongamentos, dançarmos, praticarmos yoga, assim acordávamos o corpo para as dinâmicas do dia. A oficina geralmente durava o dia todo com desdobramentos que surgiam no momento.

A pausa para o almoço, feito com muitas delícias da roça, era essencial para revigorar as energias. Era o tempo que eu tinha para conversar também com as mulheres sobre como estava a vida e apoiá-las em questões delicadas que apareceram ao longo desses difíceis anos pandêmicos. Vale lembrar que integro o GT Mulheres Serra Mar junto a elas e a outras companheiras do grupo, nos fortalecemos com projetos em editais, nas trocas de saberes, na composição das cestas agroecológicas e nas lutas diárias por renda, pela soberania alimentar e pela garantia dos direitos das mulheres no campo e na cidade.



À tarde continuava brincando com as crianças nos terreiros, mas nem sempre juntas, pois as vezes uma parte queria correr, subir em árvore, ver televisão e outra desenhar. As proposições iam se dando no encontro e nas vontades que elas expressavam. Geralmente eu passava de 6 a 7 horas em campo-terreiro, me dedicando a viver com elas e com o cosmos.

Em alguns encontros, levei dinâmicas para conversarmos e avaliarmos informalmente as vivências que tínhamos experimentado, escutando sobre o que gostaram e o que não curtiram tanto, o que desejavam viver ainda em grupo, porque assim eu poderia incorporar nas atividades que também propunha. Como fechamento do ano de 2020, em que passaríamos uns meses sem nos ver em decorrência das festividades de final de ano, fizemos uma pintura coletiva em que pedi para que desenhassem a atividade que mais gostaram até então, a pipa foi um verdadeiro sucesso, aparecendo como temática gritante dentro da pintura.



Pesquisa com crianças assentadas pelo cosmos

Ao partir de uma proposta participativa envolvendo crianças neste estudo, é necessário refletir sobre algumas questões que os campos interdisciplinares de estudos sobre as crianças e sobre as infâncias trazem no que tange à participação nas pesquisas, à autenticidade, à representação de suas vozes e à construção ética na realização de pesquisa com crianças. As intensas discussões teórico-metodológicas travadas nos últimos trinta anos por diferentes áreas das ciências humanas e sociais evidenciam o caráter fundamental de se compreender as infâncias vividas pelas crianças a partir de suas próprias narrativas, como condição exclusiva de se pensar sobre os seus mundos com toda a complexidade envolvida. Tais transformações teóricas, culturais e políticas trouxeram desafios para nós adultos pesquisadores(as) lidarmos com as crianças como atores sociais, indivíduos com direitos, como participantes e com voz assegurada para falar sobre suas formas singulares e diversificadas de viver.

Uma alternativa para fazer avançar essa agenda consistiria em revisitar uma tensão teórica central dentro do campo dos Estudos da Infância, observada desde o início: a relação entre ‘infância’ como espaço social, as ‘crianças’ como uma categoria geracional, e a ‘criança’ como representante individual desta categoria e habitante daquele espaço. (JAMES, 2019, p. 242).

O tripé espaço social (infância), categoria geracional (crianças) e representante individual desta categoria (criança), citado pela autora acima, é alargado nesse estudo partindo das experiências que compartilhei com as crianças, implicadas na pesquisa, que vivem as suas infâncias em um contexto particular de assentamento interconstituindo-se com os outros seres cosmológicos presentes em seus terreiros.

Em retomada às questões inscritas nessas infâncias e nos terreiros compartilhados e praticados, reflito sobre a construção do estudo em parceria com as crianças. A partir das temáticas elucidadas no primeiro parágrafo desta subseção, essas questões são salientadas, sendo elas: a participação das crianças na pesquisa, a autenticidade e representação de suas vozes e a construção ética durante o processo investigativo.

No artigo intitulado *A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa*, as autoras Fernandes & Marchi (2020) abordam as diferenças entre o perfil da participação na etnografia e na investigação participativa. Definem a primeira como um processo de pesquisa com escopo metodológico mais fechado e predefinido cuja atuação dos pesquisados é mais restrita e passiva, eles são interpretados e observados. Já na segunda, o processo de investigação é aberto e transformado ao longo do estudo no qual as crianças assumem postura ativa, interpretando, guiando e propondo caminhos junto à pesquisadora, “sendo a sua voz e a sua ação social aspectos centrais para o processo de desenvolvimento das dinâmicas da investigação.” (Ibidem, p.11). Por se tratar de uma pesquisa que afirma a experiência como constitutiva e as sabedorias e os desejos das crianças como fios entrançados a partir da prática, a opção por uma investigação participativa é reiterada aqui.

Além de Fernandes & Marchi escreverem sobre a importância da natureza de atuação, elas atentam para outros aspectos ao fazer pesquisa com crianças, como o cuidado com a postura “adultocêntrica”, a autenticidade, a diversidade e a ética construída ao longo da relação. Temas bastante debatidos no campo dos estudos das infâncias e das crianças.

A opção pelo desenvolvimento de investigações nas quais as crianças sejam consideradas atores, nas quais sua participação seja condição básica para o andamento da pesquisa, necessita, da parte do pesquisador, de cuidados acrescidos, então relacionados com o seu próprio papel no processo e no modo como constrói a relação de investigação com as crianças, acautelando as relações de poder entre ambos e as implicações que estas poderão ter no desvirtuamento do processo; necessita ainda de cuidar das questões éticas de uma forma bastante mais complexa do que em outros modos de construção de conhecimento, dado que a relação de pesquisa necessita ser “vigiada” para que os imprevistos e os improváveis que naturalmente se colocam em dinâmicas participativas não afrontem princípios éticos, como os que dizem respeito à salvaguarda da não exclusão e à proteção contra o dano, entre outros aspectos. (FERNANDES & MARCHI, 2020, p. 11-12).

Um estudo firmado na experiência e no contato com o outro no qual todas as regras não estão estabelecidas e evidentes como em um manual, cabe a mim, como pesquisadora da prática, refletir sobre situações emergentes, comunicá-las e estabelecer combinados a partir de demandas minhas, das crianças e das mulheres. No entanto, a inexistência de normas não significa que a pesquisa não tenha princípios e, tratando-se de um estudo com crianças no qual, socialmente, elas já partem de uma condição desigual de poder devido à hierarquia geracional existente, eles precisam ser assegurados e o cuidado redobrado. Os princípios estabelecidos, nessa perspectiva, são: a horizontalidade, a diversidade e a alteridade como exercício cotidiano da diferença.

Alisson James (2019), em seu artigo denominado *Dando voz às vozes das crianças: práticas e problemas, armadilhas e potenciais*⁵¹, chama ao debate, a partir das ciências sociais, questões relativas à autenticidade, à representação e à diversidade implicadas nas pesquisas científicas que buscam atribuir significados às vozes das crianças em seus estudos. A autora comenta que:

[...] também os pesquisadores da infância precisam considerar, a nível epistemológico, o que esta prática significa enquanto processo de representação da infância. Para que os estudos da Infância não caiam nos atoleiros de um novo politicamente correto acerca das crianças, que não consegue abordar os fundamentos de suas próprias práticas, é hora de rever o que, exatamente, a inclusão das vozes das crianças propicia na pesquisa. (JAMES, 2019, p. 230).

No que diz respeito ao fator de autenticidade, James mostra a importância da constante reflexividade por parte das pesquisadoras das infâncias, pois, ao incluir as vozes das crianças, aparecem dificuldades de tradução, de interpretação e de mediação no processo de pesquisa. Este deve ser cuidado no sentido de não deturpar os seus pontos de vistas e salvaguardar que se trata de um adulto representando o que foi dito pelas crianças. Dessa forma, ela afirma que a autenticidade deve ser interrogada e compreendida como uma construção em vez de assumida como verdade.

As vozes das crianças que incluímos nos nossos textos devem, por isso, ser reconhecidas na sua particularidade e as generalizações que delas extraímos deve continuar a ser cuidadosamente elaboradas. De fato, elas devem ser reconhecidas como construídas; a sua ‘autenticidade’, e não assumida.

⁵¹ O título do artigo “Dando voz às vozes das crianças” é uma provocação a essa expressão que já contém em si uma hierarquia, quem da a voz? Como é que essas vozes têm sido escutadas e abordadas? Como afirma a Alisson James (2019, p. 221) “(...) dar voz às crianças não é simplesmente ou apenas deixar as crianças falarem; trata-se de explorar a contribuição única que as perspectivas das crianças podem proporcionar à nossa compreensão e teorização acerca do mundo social.”.

Autenticidade implica credibilidade e confiança: palavras e pensamentos originais adquiridos em primeira mão. (Ibidem, p. 231).

Na esteira desta discussão entra em cena a representação, tema bastante debatido em estudos etnográficos ao abordar a complexidade intrínseca de falar sobre a vida do outro. Clifford Geertz (1988, p.145 *apud* James, 2019, p. 224) chama a atenção para o que cunhou de “ventriloquismo entnográfico: a pretensão de falar não apenas sobre outra forma de vida, mas falar de dentro dela”. E continua comentando que “em segundo lugar, devemos também desafiar o novo ‘positivismo do texto’ e a ‘autoria dispersa’ que parecem pressupor, necessariamente, que a pesquisa feita com ou por crianças (incluindo ‘o que as crianças dizem’) – é uma representação autêntica (e, portanto, sem problemas) das vozes das crianças”. Dessa maneira, a representação será sempre uma construção simplificada do que foi vivenciado pela pesquisadora e atentar sobre a escrita dessas traduções e mediações requer cuidado no modo de expor as opiniões das crianças.

Isto significa que ‘as perspectivas das crianças’, ‘o ponto de vista da criança’, ‘ouvir vozes das crianças’ e ‘escutar as crianças’ devem ser consideradas posições, lugares a partir dos quais qualquer análise se estabelece, ao invés de descrições definitivas de fenômenos empíricos incorporados nas palavras que as crianças dizem. Colocadas nestes termos, a questão torna-se que tipos de diálogos poderemos ter com as crianças nas pesquisas, em vez da questão de verificar a autenticidade (ou não) das suas vozes ou das suas perspectivas sobre o mundo. (JAMES, 2019, p. 239-240).

Por último, a diversidade deve ser firmada enquanto uma pesquisa que parte de um contexto singular com crianças específicas, não sendo possível estender tais percepções a uma generalização totalizante que representa as vozes de todas as crianças. Comumente suas vozes são tratadas de modo indiferenciado, ignorando questões interseccionais que atravessam e constituem suas identidades, apagando, assim, as pluralidades ontológicas existentes nas experiências singulares de ser criança e de viver, segundo suas individualidades, o espaço social coletivo que é a infância. “Tratar das populações infantis em abstrato, sem levar em conta condições de vida, é dissimular a significação social da infância” (KRAMER, 2002, p. 43).

Além das reflexões sobre pesquisar com crianças, investigar com elas pelo cosmos abre um novo campo de estudos e de significações. Rafael Cruz (2019)⁵² aponta em sua dissertação

⁵² Vale ressaltar que a pesquisa de Rafael Cruz é do ano de 2019, ele também integra o GiTaKa no grupo Epistemes Nativas e vem pensando outras palavras germinantes junto conosco, transformando, assim, as reflexões elaboradas durante a pesquisa de mestrado citada.

diferença entre pesquisar *com* crianças *na* natureza, evidenciando as constantes afecções que atravessam a prática de pesquisa e as transformações nos modos de se relacionar entre pesquisadora e participantes da pesquisa.

A grandiosidade da natureza redimensiona a intimidade das relações em diferentes camadas. A natureza como espaço de maravilhamento e “lugar praticado” do fantástico provoca a criação de relações sensitivas (e emocionais) mais profundas das crianças entre pares, da relação do pesquisador com os sujeitos pesquisados e destes grupos com a Natureza (*sujeita* educadora), de modo a tornar tudo mais íntimo e próximo. Neste campo de afeto e afetações, a pesquisa *com* crianças *na* natureza transforma a relação entre educador (pesquisador) e a criança (sujeito da pesquisa) num território de transferências de sentidos e sentimentos. Pesquisar *com* crianças *na* natureza é *perene*, não coletamos apenas dados e evidências, somos atravessados por afetos duradouros e sentimentais. (CRUZ, R., 2019, p. 31).

O estudo do autor caminha com algumas perspectivas diferentes da minha, uma vez que se dá em uma escola na floresta e a própria concepção de natureza ainda se distancia do que venho propondo enquanto *cosmos*. Porém, não pretendo aqui discutir as diferenças entre pesquisar *com* crianças *na* natureza e pesquisar *com* crianças *pelo* *cosmos*. Pontuo a questão sobre as formas de investigação, por compreender a importância que esse debate pode germinar dentro da academia. Percebo que este capítulo da dissertação se debruça profundamente sobre como se deu o meu processo de pesquisa com as crianças *pelo* *cosmos* e pode gerar nutritivos frutos para as encruzilhadas epistemológicas e metodológicas porvir.

Ressalto também a relevância desta pesquisa-vida dentro dos estudos sobre as infâncias do/no campo. As investigações, no meio acadêmico, que se propõe a trazer as perspectivas das crianças e das infâncias do/no campo são relativamente recentes e ainda escassos (SILVA, I *et al.*, 2013; BATISTA, 2018; LEITE, 2018) sobretudo no que tange à temática ambiental e à conexão com a natureza (LEITE, 2018). A natureza, na maioria das investigações, é abordada como pano de fundo no qual as relações se dão e seus elementos naturais são entendidos a partir dos usos nos cotidianos e de um olhar interacionista. Vale lembrar a pluralidade das infâncias que compõem o(s) campo(s) brasileiros, conforme ressaltam as autoras SILVA, I.; SILVA, A.; MARTINS (2013) no livro *Infâncias do Campo*:

Crianças assentadas e acampadas da reforma agrária, quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, de comunidades de fundo de pasto, pantaneiras, crianças da floresta, por exemplo, vivem relações sociais, identitárias e com o ambiente construído e natural de formas diferenciadas, compondo assim possibilidades que, se olhadas de perto, recortam e estruturam sentidos particulares de existência, de possibilidade de ação no mundo, de constituição e expressividade de si, por meio de diferentes linguagens. (p. 16).

Para além das reformulações científicas nos conceitos de crianças, de infâncias e do fazer pesquisa *com* elas trazidas pelo campo das Ciências Sociais e da História, a configuração da população campestre brasileira e os diferentes processos de retomada de terras pela União são diversos, o que torna ainda mais dificultoso compreendê-las em suas distintas vozes e regiões.

Se as formas de abordagem da criança e da infância passaram por transformações de cunho teórico, cultural e político, também o conceito de campo exige hoje um olhar a partir do reconhecimento de sua complexidade histórica e contextual, além de relacional, dada sua vinculação originária com a cidade. (Ibidem, p. 14).

Nesse sentido, esta é uma pesquisa com duração de dois anos de convívio com crianças camponesas dentro de seus terreiros familiares. As companheiras de projeto são crianças assentadas cujas famílias apresentam em seus núcleos a liderança de mulheres inseridas na luta agroecológica. Percebo que o contexto agroecológico em que essas crianças se encontram, a partir das lutas de suas mães e avós pelo direito à terra e no movimento agroecológico, é o que as garante, atualmente, a continuidade de infâncias mais próximas aos outros seres cosmológicos.

A construção ética a partir da experiência

O terceiro encontro por sugestão de Cida, ocorreu no sítio de Graça, assim alternaríamos entre as casas. Ao chegar, Shuri e Mulher-Gavião, que se mostraram mais contidas na visita anterior, vieram me abraçar. O abraço simbolizou para mim que as meninas se sentiam mais à vontade e queriam a minha presença lá. Foi um pequeno-grande gesto que significou um dos “sim” para a nossa relação e para o início de uma construção lenta de confiança e intimidade.

Reflico que fui recebendo pequenos “sim” ao longo das vivências, pois percebi que pesquisar com crianças é um processo de construção de vínculo lento, as palavras de aceite não são riscadas e imantadas em termos de compromisso garantidores de uma participação permanente. O desejo delas de aceitar participar da pesquisa não é imediato tampouco se dá em apenas uma conversa. Dentro dos cânones acadêmicos o roteiro parece simples: chegamos em um dia de campo, nos apresentamos e perguntamos se as crianças querem ou não integrar o estudo. Porém, a experiência vai mostrando que a vontade e a afirmação de ser parte é cotidiana e demonstrada em gestos, falas, afetos e olhares. Requer compromisso da pesquisadora com elas, pois uma vez envolvidas no processo, comumente perguntarão sobre o próximo encontro.

A continuidade e a regularidade em campo-terreiro, dentro do estudo que me propus em passar cerca de 2 anos com as crianças, foi fundamental para uma pesquisa que procura a complexidade da experiência e a qualidade reflexiva em termos de tempo para digestão e para construção de novos olhares com as parceiras de pesquisa.

[...] o que gostaríamos de pensar é a respeito da importância da continuidade no campo, de partilhar das experiências vividas com o grupo e de algo aí inerente, no que diz respeito à pesquisa narrativa: ao fazê-lo, mais do que pesquisar sobre o outro, estamos também pesquisando a nós mesmos, revendo nossos mapas cognitivos, nossas formas de pensar, nossos pensamentos iniciais. A continuidade no campo permite ao pesquisador narrativo olhar para si mesmo e indagar-se, reconstruir seus modos de ver e compreender, de recompor-se a todo momento, com o outro, na interlocução. (RIBEIRO *et al.*, 2016, p. 144)

Nesse sentido, a responsabilidade e o cuidado em se comprometer com estudos que envolvem crianças, por parte da pesquisadora, é essencial bem como a construção ativa de uma ética que se dá nas relações, (re)estabelecendo e (re)viendo combinados, um dia após o outro, de acordo com situações surgidas em campo-terreiro.

[...] não há uma ética à la carte passível de ser replicada em cada contexto, mas sim que as relações éticas são portadoras de diversidade e complexidade e exigem um cuidado ontológico permanente de construção e reconstrução, porque a ética está ligada à construção ativa de relações de investigação e não pode ser baseada em pressupostos ou estereótipos acerca das crianças e da infância — depende, afinal, da consideração da alteridade que configura a infância. (FERNANDES, 2016, p. 763).

Me recordo que nesse terceiro dia de vivência, após o café da manhã, fui com as crianças para o lado de fora da casa de Graça e falei novamente que estava ali, pois fazia uma pesquisa com educação e desejava conhecer as brincadeiras que eles faziam e como eram suas relações com a natureza. Disse que minha intenção era ficar com eles pelo período de 2 anos, aproximadamente, e que gostaria de pedir a autorização delas para registrar com o celular as nossas brincadeiras. Elas me zoaram dizendo que não permitiram que eu fotografasse e depois caíram na risada. A impressão que tive é que não estavam tão interessadas em ouvir o que eu tinha para dizer e, geralmente, conversar com elas sem uma proposição que seja lúdica já dispersa a atenção, principalmente das mais novas. Elas queriam iniciar logo as atividades do dia. Dessa forma, entendi que aos poucos, eu e as crianças desenvolveríamos a nossa forma de trabalhar e os nossos acordos. Era desnecessário chegar já de início me apresentando com tal formalidade.

Em seguida fizemos uma dinâmica para acordar o corpo e entender as emoções que circulavam entre elas no começo do dia. Propus que cada uma escolhesse um gesto que simbolizasse o sentimento percebido ao acordar. Depois de fazer a mímica, todos deveriam imitar a autora. Após uma rodada, troquei o enunciado, enquanto eu dizia o nome de uma delas, todas, exceto a criadora do gesto, deveriam imitar o que ela reproduzira anteriormente. Pensei nessa proposição como uma forma de prestarem atenção ao outro e também para sabermos como cada uma se sentia naquela manhã. Algumas expressaram cansaço e irritação, já outras disposição e alegria.

Como proposta da visita anterior, Graça sugeriu que as crianças levassem para este terceiro encontro uma muda de planta do desejo delas e que pudessem cuidar dessa muda. Ela se queixa bastante das filhas, Shuri e Mulher-Gavião, terem perdido o interesse em ajudá-la no viveiro. Sinto que enxergou na minha presença uma oportunidade de ajudá-la nesse resgate das crianças com a roça. Eu acolhi a ideia e perguntei para as crianças se elas gostariam de levar para o próximo encontro uma planta de sua escolha, adicionando curiosidades sobre ela. Elas aceitaram o convite.

Desse modo, após a atividade dos gestos, nos dirigimos para a varanda e me surpreendi quando as crianças chegaram para me entregar papéis com as informações da planta. Senti-me em um lugar desconfortável e assustada como se eu fosse uma professora para quem elas entregavam o “dever”. Percebi também que Cida, Pamela e Graça se empenharam no estudo com elas, pedindo que escrevessem no papel sobre as tais plantas. Inclusive para as duas crianças mais novas, Nanico e Homem-Águia, que ainda não têm total fluência na escrita, elas escreveram por eles. Compreendi que as mulheres fizeram isso para estimular a escrita nas crianças devido aos percalços que vêm sofrendo pela falta da escola na pandemia.

Respondi às crianças que veríamos coletivamente as curiosidades sobre as mudas que cada uma trouxe, assim aprenderíamos em grupo. Sentamo-nos, então, no chão e pedi para que uma por vez apresentasse a planta elegida e as descobertas que fizera sobre ela. Na conversa apareceram curiosidades sobre os usos medicinais, os locais em que retiraram de seus quintais, como cultivar... Contudo, a dinâmica logo foi interrompida pelo ex-marido de Graça que vendo a atividade, apareceu com um livro na mão sobre os biomas, me entregando e pedindo para que eu começasse, desde a primeira página, a ler para as crianças e ensiná-las. Eu fiquei desconfortável com o atravessamento da forma que se deu e na posição em que fui colocada, as crianças também se chatearam por motivos distintos, chamando a mãe para resolver a situação. Elas dispersaram para dentro de casa e eu fiquei sentada sem saber como agir. A

relação com esse pai, que na ocasião ainda vivia no sítio, é delicada e envolve questões particulares que preservarei nessa pesquisa.

Sobre o desconforto de me sentir em um lugar de professora, compreendi posteriormente, que naquele momento inicial da pesquisa, as mães, Pamela e Graça, e a avó, Cida, ainda me viam como uma pessoa desconhecida vinda de fora e como estudante de educação na universidade, inferindo que eu seria quase como que uma professora para as crianças. O período de pandemia tem sido muito difícil em diversos aspectos para as crianças e para as mulheres e estas, como responsáveis, se preocupam com o “atraso” que isso pode acarretar aos estudos das crias.

É importante ressaltar que o mecanismo encontrado pelas escolas municipais onde as crianças estudam, localizadas na cidade de Casimiro de Abreu, foi enviar, a cada semana, uma van escolar à área rural do assentamento, responsável por recolher os exercícios feitos e distribuir os novos. Como as crianças possuem um escasso pacote de dados nos aparelhos móveis de seus familiares e precária conexão com a internet, sendo que em algumas casas do Visconde sequer chega sinal telefônico, não conseguiam acessar as aulas *online* oferecidas pela escola. Dessa forma, apenas com os enunciados das listas de exercício em mãos, precisavam entender as matérias e executar os deveres. O mesmo transporte escolar também entrega as cestas básicas para as famílias que têm crianças matriculadas na escola, fato que ajudou bastante com as despesas alimentícias.

As mães e a avó além da situação de vulnerabilidade econômica e social acentuada em tempos pandêmicos, da sobrecarga no cuidado diário com as crianças e com os afazeres domésticos, do cansativo trabalho na lida com a roça e na produção de alimentos e produtos para a cesta agroecológica, somaram-se a isso uma nova preocupação: estudar e explicar os conteúdos escolares que chegavam semana após a outra - a considerar que algumas delas sequer têm domínio da matéria para auxiliar no dever. Pamela, como possui Ensino Médio completo, ofereceu o serviço de “explicadora”, assim algumas crianças iam até a sua casa para realizar as tarefas.

Lembro que Graça, certa vez, compartilhou comigo que estava pensando em pagar uma professora particular residente do Visconde para evitar que sua filha mais nova chegasse atrasada em relação aos conteúdos escolares no retorno das aulas. Acompanhando a quase 1 ano a delicada situação que ela se encontra em sustentar as crianças sozinha sem nenhuma renda fixa ou pensão do ex-marido, aconselhei-a que não fizesse isso, pois em breve as aulas voltariam e muitas crianças do ensino público estavam na mesma situação que sua filha. Conversamos também sobre o aumento das desigualdades entre o ensino público e o privado e sobre os

conteúdos escolares, apesar de relevantes, não serem a questão mais importante nessa situação de retorno.

No último-primeiro dia que fui a campo, as crianças estavam com “tablets” novos dados pelas escolas em fevereiro de 2022. Elas receberam junto com o aparelho um pacote de dados para usar a internet. Nessa visita, elas estavam bastante viciadas no uso do aparelho, jogando joguinhos e vendo desenho, fiquei desconfortável em ter que dividir a atenção com os “tablets” e negocieei, algumas vezes, que guardassem para podermos curtir juntas.

Dafne: E quando é que vocês ganharam esse tablet?

Mulher-Gavião: Em fevereiro.

Dafne: Ele serve pra quê?

Mulher-Gavião: Pra estudar as matérias que a gente não sabe.

Dafne: Mas tem algum aplicativo? A professora coloca lá?

Mulher-Gavião: Uhum, a professora já botou a internet no nosso tablete, mas não tem quase nenhum dever, a gente faz mais ou menos de matemática, de português que as crianças da minha turma não sabem direito português, português é muito difícil.

Dafne: E vocês ganharam internet cada um, cada aluno? Só chegou agora né?

Mulher-Gavião: Aham. Cada turma tem que saber a tua senha, tipo, a minha turma não pode saber a da turma de Viúva-Negra e nem a de Viúva-Negra pode saber a minha senha.

Dafne: Ah! cada turma tem um pacote de dados. E você consegue acessar da sua internet ou você usa aqui o Wi-Fi da casa?

Mulher-Gavião: A gente usa Wi-Fi da casa.

Dafne: E como foi durante a pandemia que você estava sem escola, o que você fazia?

Mulher-Gavião: Ah vinha uma Kombi aqui entregava os dever pra gente fazer, na outra semana a gente entregava e vinha mais dever pra gente fazer.

Dafne: Então uma vez por semana a Kombi vinha né? E ela também entregava cesta básica né?

Mulher-Gavião: Aham.

No encontro do dia 15/07/2021, enquanto caminhávamos até a porteira de Renzo para esperá-lo a ir com a gente ao rio, Mulher-Gavião me falou de um sonho com a escola que, na época, ainda não havia retornado as atividades. Tivemos uma conversa sobre como e onde seria a escola que desejavam criar.

Mulher-Gavião: Aí Dafne, hoje eu sonhei com a escola...

Dafne: O que vocês estão achando da escola voltar?

Mulher-Gavião: Maneiro!

Homem-Águia, Nanico e Viúva-Negra: Ruim! Ruim!

Mulher-Gavião: Eu tava aprendendo a fazer comida...

Dafne: Por que ruim e por que maneiro?

Homem-Águia: Porque no dia de escola, minha mãe e meu pai, mãe eu posso ir? Mãe eu posso ir? [mostrando que o fato de ter que ir para a escola no dia seguinte, impede ele de fazer certas coisas]. Não, porque você tem escola.

Homem-Águia: Toda vez que eu ia pra escola, eu voltava enjoado.

(...)

Dafne: Se vocês pudessem criar uma escola, como ela seria?

Homem-Águia: Recreação a cada um minuto, lanche 24 horas.

Nanico: 1 hora de recreio, 1 hora de almoço, 1 hora de quadra.

Mulher-Gavião: 10 minutos de aula

Dafne: E onde essa escola seria?

Nanico: Aqui mermo.

Viúva-Negra: Sinceramente? Ali [apontando para um terreno ao nosso lado].

Dafne: O que ela teria?

Viúva-Negra: Ela teria aula de música, de instrumentos, de geografia, história, ciência com matemática, geografia estudando os fósseis...

Dafne: Mas você gosta de tudo isso que você tá falando?

Viúva-Negra: Menos da matemática.

Dafne: Mas então ia ter matemática? [no meu pensamento, se ela não gosta, por que incluir?]

Viúva-Negra: Ia. Porque tem gente que gosta e gente que não gosta, eu não posso só pensar em mim para criar a escola. Por isso que existem várias universidades, eu já sei a que quero ir.

Mulher-Gavião: Minha mãe teve um sonho comigo e com a Shuri e disse que Shuri não pode ir para a Marinha muito cedo.

Por mais que esta pesquisa não se proponha a pensar a instituição escolar, sinto que ela pode oxigenar as práticas educativas formais e inspirar educadoras e educadores, pois dá visibilidade a outras formas das crianças se educarem e se constituírem com as mães, com as avós, com os terreiros e com o cosmos. O que as crianças dizem, o que me questiono, os jeitos que fui encontrando na relação com elas, mostram caminhos de fazer a relação com as crianças que se conectam com os processos da vida e as escolas são lugares da vida! Precisamos, urgentemente, trazer para dentro delas a relação com o cosmos e seus seres.

Quem sou na relação com as crianças?

O constrangimento sentido por mim no acontecimento narrado com o pai das meninas, assim como em outros, convocam-me à reflexão sobre o lugar que ocupo enquanto pesquisadora atuante dentro dos ambientes familiares nos quais as crianças residem. Não estou em um

contexto institucional nem tampouco em um local aleatório e “neutro” como um centro de atividades, por exemplo. Nesse sentido, como sou vista? Quais são os limites dessa relação? O que posso “autorizar” enquanto adulta e o que compete às mães? A linha é tênue e as fronteiras se acomodam a cada convívio, conforme nossos vínculos se fortalecem, consigo compreender melhor o meu lugar e até onde posso ir. Esses ajustamentos integram também a ética da pesquisa.

Observo duas questões que aparecem constantemente em campo-terreiro. A primeira delas se refere ao incômodo de Graça quando me sento junto às crianças diretamente em contato com o chão gelado. Sempre que isso ocorre e ela está por perto, traz panos para mim e para as meninas, pois segundo ela, colocar a bunda diretamente no chão gelado causa cólica e não é bom para mulheres. Eu acolho o cuidado e aceito o pano quando oferecido. A segunda situação é a constante reclamação direcionada às mães, por parte de alguma criança, quando outra arranca um fruto de uma árvore para tacar no colega. Tal desperdício para eles é inconcebível, pois fruta serve para comer e só deve ser retirada do pé quando está pronta para o consumo. Esse é um ensinamento passado dentro da família. É interessante ver como esse tipo de contestação se volta às mulheres, donas do sítio, e não a mim, o que mostra os diferentes papéis que percebem em relação a nós. Mesmo que não explicitados e enformados, a sociabilidade própria dos encontros vai delineando nossas relações.

Viúva-Negra: Ô mãe, rancaram uma laranja do seu pé e tão jogando futebol com ela.

Pamela: Faz isso não que é pecado, troço de comer vocês tão chutando!

Para ilustrar os frequentes tensionamentos que me confrontei trago um dos últimos dilemas éticos que passei em campo-terreiro. O dia de oficina era de Homem-Águia e ele escolheu que caminhássemos até o valão situado fora do sítio em que mora. Pamela disse a seus filhos que não poderiam se molhar, pois Nanico na noite anterior estava com tosse e pegar friagem seria ruim para a saúde. Ao escutar essa ordem na casa, percebi que mais adiante lidaria com a vontade deles em cair na água e saí com esse desafio em mente.

Fomos andando pela estrada de terra, eu e as crianças, elas me guiando durante toda a caminhada, pois eu sequer conhecia aquelas bandas que percorríamos com passos entregues ao chão. Porém, antes de seguirmos até o destino final, paramos numa porteira próxima à casa de Renzo para esperá-lo a se juntar ao grupo. Gritamos e gritamos pelo seu nome e nada de ele aparecer. Eu já estava tensa, porque marcamos de retornar em 1 hora ao sítio de Cida e Pamela para o almoço e ainda tínhamos um bom caminho a percorrer. Devido à demora, falei para as crianças que seria melhor continuarmos e ele nos alcançaria na estrada, visto que logo mais

precisaríamos retornar. Elas bateram o pé e disseram que não iriam sem ele. Imediatamente percebi que a preocupação do tempo era apenas minha e elas tinham razão em aguardarmos a chegada de Renzo.



Enquanto esperávamos, Homem-Águia já estava em cima da goiabeira chupando o fruto, começamos a conversar...

Homem-Águia: É da branca! [ele me mostra a goiaba que acabou de tirar a casca com o dente]

Dafne: Ah tem tipos diferentes? E qual a diferença dessa?

Homem-Águia: A branca é mais gostosa de comer.

Dafne: O que vocês aprendem com as árvores?

Nanico e Mulher-Gavião: Nada.

Homem-Águia: Nada, nada. [discordando do que os outros haviam respondido]

Nanico: A gente aprende sim, a subir nela.

Homem-Águia: É, as árvores que dá vida para a gente.

Nanico: O ar vem, todo sujo, aí passa nas folhas das árvores, gruda nas folhas, quando a folha solta o ar, ele sai limpo.

Dafne: O que mais?

Nanico: Ó tipo assim, essa árvore se você cortar ela, e cortar todas as do mundo, você não vai conseguir respirar. Quando o vento bate nessas folhas, as folhas já limpa o ar todinho. Com o ar sujo a gente respira mal, que o vento vai trazendo a poluição.

Viúva-Negra: Errado. A gente é que faz a poluição.

Nanico: É? É! A praia de ... Como é mesmo aquela praia de Silva Jardim, perto do rio? Vocês pensam que é uma praia, mas é um esgoto. O esgoto sai tudo de baixo da água, por isso que é tudo sujo.





De repente, Renzo chegou descendo a ladeira, todos nós vibramos e os meninos correram para recebê-lo. Filmei com certa distância o diálogo traçado entre Homem-Águia e Renzo ao se encontrarem.

Homem-Águia: Sua mãe não deixou você vir? [querendo entender o motivo do atraso].

Renzo: Catei lenha.

Homem-Águia: Tomou banho?

Renzo: Nãããão! [em tom irônico, os dois riem e Homem-Águia o abraça]

Essa breve conversa demonstrou para mim como eles se cuidam, a forma que constroem as relações entre si e a preocupação com o que acontece na casa de um e de outro. Prosseguimos na caminhada e a cada tanto algo chamava a atenção: era a espécie de peixe que atraía a outra para comer; a cabra berrando no caminho; o cachorro latindo correndo atrás de nós; o banho na caixa d'água dos vizinhos; o melão de são caetano enrolado na cerca... Por não ter crescido da mesma forma que eles, a leitura sobre os acontecimentos cotidianos e as percepções do que brilham a atenção são outras. Gosto muito dessas surpresas que cruzam nosso passeio e geralmente vêm com a frase: “tia, olha!”.

Piaba, Trairá, Manjubinha, Cará, Camarãozinho... Todas as vezes que saímos para caminhar, as crianças levavam as peneiras e os baldinhos para pescar os seres-peixe no

caminho. A cada riachinho que passamos, a parada era certa! Observam os movimentos, as formas de pegar, quais peixes se apresentam e quais se escondem. Eu mal conseguia enxergar os peixes, enquanto elas já avistavam as espécies e se posicionavam nas tentativas de capturá-los.



Shuri: Aqui ó, tem mais 4, 5... [apontando os peixes]

Viúva-Negra: Elas fritinha são muito bom...

Cida: Aí entrou lá no buraquinho Viúva-Negra, viu?

Viúva-Negra: Uhum.

Cida: Entrou lá na loquinha dela.

Dafne: Vocês pegam pra fritar?

Cida: Sim! Olha isso com uma cachacinha...[risos]. É um tira gosto!

Shuri: Ala, ó!



Nanico: Aqui ó gente! [apontando para os peixes]

Homem-Águia: É cará mermo!

Cida: É cará ou é camarão?

Homem-Águia: Cará!

Nanico: Cará e um cascudinho, olha lá!

Retomando à caminhada em direção ao valão, no momento em que nos aproximávamos, Viúva-Negra iniciou uma discussão com os meninos afirmando que eles deveriam ir até a casa do proprietário pedir permissão para entrarmos no terreno e banharmos na água. Depois de certa resistência, concordaram em solicitar e, com a resposta positiva, atravessamos o descampado até a pequena represa. Conforme já esperado, Nanico e Homem-Águia, que não tinham permissão de sua mãe para entrarem, colocaram os pés na água, enquanto Renzo subiu em uma moita para dar piruetas e pular dentro da água. Os meninos começaram a insistir, testar meus limites e a cada concessão, iam um pouco mais. Fiquei dividida entre a ordem da mãe e o pedido persistente das crianças, vendo aquele dia lindo e a piscina natural logo adiante. Combinei então que eles poderiam entrar de cueca, pois dessa forma a roupa ficaria seca para regressarem à casa sem pegar friagem com ela molhada.

Viúva-Negra e Mulher-Gavião não entraram na água de primeira, observavam os meninos se divertindo, a vontade foi subindo e subindo. Viúva-Negra titubeava se entraria ou não, pois seu cabelo estava escovado e não queria molhá-lo. Ela não se aguentou, em um dado

momento falou: “*quer saber? Dane-se!*”, soltou a chuquinha do cabelo e pulou com tudo. Mulher-Gavião, na beira, demonstrava preocupação com os girinos.

Mulher-Gavião: Ô tia, se eles continuarem pulando, a areia vai vir para cá e matar todos os bichinhos. [se referindo aos girinos]

Dafne: Vai matar não.

Mulher-Gavião: Claro que vai!

As crianças começaram a pular e a se esbaldar. Parece automático, quando entram na água, iniciam os gritos de alegria, a euforia, é o poder que ela tem, a felicidade que entra no corpo e precisa manifestar em forma de jogá-la para o alto, brincar de agarra-agarra, subir na moita incontáveis vezes para pular dentro do valão, pegar girinos... São tantas possibilidades que eu não precisava criar nada, nenhuma brincadeira, era só deixar eles ali e ver o que faziam.





Ao retornarmos para a casa com peixinhos nos baldes, que teriam chegado vivos não fosse a perseguição praticada por um cachorro atrás da gente, realizei que a conduta certa seria contar para Pamela o mergulho de seus filhos na água. Desse modo, disse a ela que chegando no valão, as crianças insistiram muito para entrar e pensei em um jeito que elas não voltassem molhadas para a casa, assim não se gripariam. Ela pareceu não se incomodar com a minha atitude, que me deixou aliviada, pois sei da confiança que cultiva por mim e pelo meu trabalho para deixar seus filhos soltos comigo no Visconde.

Os exemplos expostos acima, dentre outros, me fizeram refletir que a ética na pesquisa é construída por uma espiral constante de revisões. Por esse fato, requer bastante cuidado e atenção a cada dia que experimento com elas, pois as falas e os desejos se atualizam bem como a disponibilidade para o encontro. Pensar sobre a ética é também compreender que as relações são dinâmicas e os indivíduos estão em permanente transformação, é atentar a escuta para o que os olhares, o corpo, os gestos, as emoções estão dizendo naquele momento.

Ao chegar em campo-terreiro é importante perceber: como estou me sentindo naquele dia? Como está a minha qualidade de presença? Como estou percebendo a energia das crianças? Aconteceu algo a elas que querem manifestar no nosso encontro? Dessa forma, acredito que cultivar o diálogo e aguçar a sensibilidade são vitais para relações que tem como base a parceria, o compartilhamento e a experiência do encontro. Os acordos devem ser renovados e entendidos como móveis, o fato, por exemplo, de uma autorização de imagem me permitir fotografá-las, não quer dizer que farei isso caso alguém não deseje ser registrado no dia. Assim como não

existe uma obrigatoriedade, dentro do nosso combinado, de todas participarem e estarem juntas durante as vivências. Nessa perspectiva, criar um ambiente seguro e democrático para que as crianças possam expressar suas vontades, desejos e desconfortos é fundamental para a construção de uma ética enraizada nas potências individuais e coletivas.

Pesquisas responsáveis e comprometidas eticamente com os sujeitos nela envolvidos são devedoras da atitude metodológica escolhida, ou seja, dos pressupostos ontológicos, epistemológicos e éticos que estão na base das opções que os pesquisadores fazem. Sendo coerentes com estes, seremos coerentes com todo o roteiro metodológico que mobilizamos, com os sujeitos que envolvemos e com o tipo de ação que eles serão chamados a assumir no processo da pesquisa. (FERNANDES & MARCHI, 2020, p. 13).

III. CRIANÇAS-COSMOS



Crianças-cosmos; cosmocrianças; criançascosmoscrianças; cosmoscriançascosmos; criançocosmos; cosmocriançar... Deslocar os lugares, confundir os sentidos, desestabilizar as noções comuns. Se o carimbo da palavra-conceito vale mais do que as (re)explicações e a (re)elucubrações sobre si, aí perdemos a potência que é germinar, desdobrar e recriar os “cosmos” ou cosmos? No livro *O espírito da intimidade* de Sobunfu Somé (2007) é dito, no prefácio, sobre a existência de uma palavra Dagara cujo significado é “a coisa que o conhecimento não pode comer”, inspirada na sabedoria Dagara, mastigo, engulo e regurgito de modo transformado: “a coisa que o conceito não pode comer.”. E fome de conceito o “academiquês” tem de sobra...

Segundo mestre Nêgo Bispo (2020b): “toda e qualquer teoria que se pretende hegemônica é uma ação colonialista⁵³.”. O ato de denominar e criar conceitos são roupagens da lógica colonialista, porque têm a intenção de marcar, cristalizar e transformar em mercadoria o que é para ser *transfluente*⁵⁴ (Ibidem). Em vez de um suposto proprietário de conceitos, Bispo se diz *relator de explicação* ou *lavrador de palavras germinantes*, conforme seu proseado: “as

⁵³ Transcrição nossa. Original disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bhdV4u8Dt20&ab_channel=Conflu%C3%A4nciasAfroind%C3%ADgena_s. Acesso em: 08/05/2022.

⁵⁴ A palavra germinante transfluência será deslindada mais a frente do texto.

palavras germinantes nascem em forma de ideia e alimentam os sentidos em forma de energia vital.”. O que elas carregam de valor é a forma que vibram no corpo das pessoas e a constante (re)elaboração que ramifica, encruzilha e reedita o que provocara anteriormente.

Eu planto as palavras na roça de papel através das letras feito sementes. Eu planto as palavras nas audições das pessoas através dos sons orais feito sementes. Eu planto as palavras nas visões das pessoas através das imagens feito sementes. Eu planto as palavras nos tatos das pessoas através dos toques feito sementes. Eu planto palavra nos paladares das pessoas através dos beijos feito sementes. Eu planto palavra na pele das pessoas através dos toques feito sementes. As sementes germinam, as plantas cresce. As plantas florescem e florificam e frutificam e os frutos são colhidos pelas mentes. Na verdade, os frutos são colhidos pelo raciocínio armazenados na mente e alimentam todos os sentidos, e assim, as palavras germinantes flui, transflui e conflui em forma de referenciais históricos, em forma de ações cosmológicas.⁵⁵ (SANTOS, A., 2020b).

Germino o cosmos junto das crianças com alguns desejos e inquietações. Desestabilizar a noção que vêm se desenhando na relação crianças-natureza, diretamente no que se entende enquanto natureza, ente comum estático, posicionada em uma perspectiva de uso, de cenário, de bem comum e apartada da condição humana. Desestabilizar no sentido de uma *proposição cosmopolítica* (STENGERS, 2018), fazendo gaguejar as certezas, ruir as generalizações, causar estranheza e desacomodar as convicções sobre tal relação. Como seria, então, pensar as crianças em presença (Ibidem) das ontologias dos diferentes povos? O que acontece quando fazemos entrar em nossas práxicas com crianças a multiplicidade, as associações de mundos divergentes, os/as encantados/as, os rios, as matas, os saberes das crianças, a ancestralidade, a oralidade, as práticas cosmológicas que não aceitam uma representante comum para falar de si?

O cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretendia final, ecumênica, no sentido de que uma transcendência teria o poder de requerer daquele que é divergente que se reconheça como uma expressão apenas particular do que constitui o ponto de convergência de todos. (STENGERS, 2018, p. 447).

Porém, não se trata aqui de uma simples substituição de termos, *cosmos* por *natureza*⁵⁶, pretendendo, assim, uma possível *paz final* para a questão em curso. Outros vocábulos também

⁵⁵ Transcrição nossa. Original disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bhdV4u8Dt20&ab_channel=Conflu%C3%AAnciasAfroind%C3%ADgena>. Acesso em: 08/05/2022.

⁵⁶ Vale ressaltar que tal proposição não busca eliminar ou massacrar a palavra natureza trazida em tantas pesquisas relevantes nos campos investigativos sobre as crianças e as infâncias, descartar o termo seria, também, uma postura colonialista da minha parte. Contudo, por entender que o vocábulo apresenta certa gatura, trazendo consigo algumas representações utilitaristas, cenográficas, interacionistas e extrativistas, invisto no cosmos como opção

poderiam ser usados para causar tal desconforto, assim como o Colóquio *Os mil Nomes de Gaia*⁵⁷, contudo essa foi a que elegi, na intenção de complexificar, rizomatizar e encruzilhar nossos sentidos. A palavra germinante cosmos realiza, então, dois movimentos: *desacomodar* e *convocar*.

Desacomodar. Produzir um primeiro abalo sísmico, fazer o chão tremer, pipocar os brotos da germinação, abrindo os caminhos, *Laroyê Exu*, para outros olhares sobre a relação das crianças com o cosmos. O que podemos gerar nos/as leitores/as ao se deparar com a composição crianças-cosmos? O que tal combinação semântica abre enquanto possibilidades e fabulações para os campos investigativos sobre as crianças e as infâncias?

Convocar. O cosmos chama, encharca de oralidade, de ancestralidade, de encantarias, de ontologias, de memórias, de narrativas, de práticas, de sabenças as interconstituições com as crianças. O desejo é produzir movimento! Uma palavra germinante que se desdobra, se refaz e se recria no presente. A partir dessa convocação, trago, nas próximas constelações de ideias, as vivências que tive pelo cosmos, não como uma forma de analisar e engessar o vivido, mas de apresentar de forma fabulativa, especulativa e poética os interstícios emergidos.

Em vez de pensar que há uma só ontologia (um só mundo, objetivo, dado), para várias epistemologias (vários “modos de conhecer”), é preciso considerar que ontologias e mundos também são feitos, e a ciência assumiria, assim, seu caráter experimental e especulativo, o que não significa abrir mão de sua objetividade, mas sim de afirmar que esta é também um fato político, da mesma maneira que a política não deixa de estar enraizada em uma ontologia particular. (STZTUMAN, p. 86, 2019).

Sobunfu Somé (2007) escreveu na sua obra *O espírito da intimidade* que apesar de propor o debate sobre a temática dos relacionamentos, nada estava sistematizado em seus escritos e, em seguida, afirma que as imagens iam e voltavam, como pequenas estrelas, os leitores poderiam uni-las para, assim, criar algum sentido para elas. No mesmo intento, assumo aqui que não tenho a discussão sobre crianças-cosmos de modo estruturado e evidente, nem pretendo dar conta de toda imensidão presente nessa relação. Porém se abro os caminhos, venho munida de tantas interrogações para fecundar os roçados inventivos, lidando com imagens, silêncios e conversas. Eles vêm e vão, como estrelas, pequenas estrelas. Faço um convite para que você una os fragmentos contados a seguir, como desejar, reinventando o sentido deles em um exercício coletivo e especulativo de criação.

ontológica e epistemológica. Nesse sentido, reconheço, aqui, o valor daquelas/es que desejarem em insistir, nas suas pesquisas, na palavra natureza enquanto luta para ressignificar o termo.

⁵⁷ DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E; SALDANHA, R. M. (Orgs.). **Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra**. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2022.

“Se nós cortar todas as árvores do planeta todo, nós não morre, tia?”



Quero começar com essa imagem-cena, porque nela estão as crianças, as mulheres, eu, a mangueira, os coqueiros, as raízes, os cachorros, o céu, o sol e todos os outros seres cosmológicos integrantes das vivências. Espera! Vocês devem estar se perguntando: mas onde estão as mulheres? A Dafne? Os cachorros? E esses outros seres? Devolvo a inquietação: estamos ali, vocês não nos veem? Estou sentada na varanda, conversando com Pamela e Cida, enquanto olho para as crianças e tiro essa fotografia. Os cachorros andam pelo quintal, os coqueiros também estão perto de nós, talvez em outro enquadramento vocês pudessem vê-los... E quantos mais seres estavam lá? É possível citar todos? Afirmo que não e se em algum dia essa pretensão existiu, hoje me desfaço dela... Então como narrar? Uma vez que não pretendo nomear, categorizar ou analisar os outros seres, ainda mais em sua totalidade (sequer isso seria possível), aposto no desejo de refletir sobre os que chegaram, nos tocaram e se manifestaram nos encontros com as crianças, com as mulheres e comigo, refletindo sobre a relação com o cosmos que extravasa, invade, derrama e desvia das “retilidades” da vida.

Retomo ao ser-mangueira que tanto se presentificou nos encontros, desde o primeiro dia que cheguei na casa de Cida, via as crianças subindo nela para catar manga. Nanico escalava e gritava com o irmão que observava atentamente as movimentações ao pé da árvore, eles se comunicavam ora com gritos, ora com acenos, sinalizando onde cairia o fruto. A mangueira

também foi, desde o primeiro encontro, abrigo para estirmos os panos, organizarmos os materiais e desenharmos. Já fizemos um palco de teatro em seu corpo e também uma cabana de paus com amarrações sob sua sombra fresca. A companheira mangueira expressa a representação de muitas coisas, é reunião, casa, alimento, ancestralidade, brincadeira, acolhimento e até traiçoeira quando tropeçávamos em seus pés. É nela que hoje em dia estão pendurados dois balanços feitos pelas crianças e que, com frequência, disputam o lugar em cima deles. Nanico certo dia me contou uma curiosidade sobre o seu nascimento: *“ela [se referindo à mangueira] escolheu nascer ali, porque o coqueiro tampa ela, e ela gosta do sol e de chuva, quando a chuva chega, quando o sol chega, é eles que fazem o ar. O ar entra dentro dela e depois sai pra longe.”*.

Olho para as raízes da mangueira e reflito: até onde elas vão? Com quais seres se conectam? O que as nutre? Elas também estão na fotografia, mesmo sem aparecer continuam existindo, afinal, se podemos imaginar, conseguimos ver. No dia 03/12/2020, a partir da observação do ser-mangueira, iniciei uma atividade com as crianças em que pedi para que olhassem o ser-árvore e dissessem como ele chegou ali. Nanico respondeu: *“ou o humano veio e plantou ela ali quando a gente chegou, aí eu cresci, achei ela, ela já tava grande, ou o passarinho trouxe a semente dela e jogou ali.”*. Shuri contestou a resposta de Nanico: *“mas a semente da manga é muito grande para o passarinho trazer!”*. Todos riram e eu continuei com as indagações: *“do que a mangueira gosta?”*. As crianças responderam que gostava de água, sol, ar, terra... Foi nesse momento que Nanico contou sobre o companheirismo do coqueiro com a mangueira, protegendo-a do sol forte para ela crescer com vigor e finalizou questionando: *“se nós cortar todas as árvores do planeta todo, nós não morre, tia? É elas que fazem o ar.”*.

No encontro anterior de capoeira, combinamos, no final do dia, que as crianças trariam suas árvores genealógicas nessa minha próxima ida, pois as temáticas de ancestralidade e identidade surgiam aos poucos. Depois de conversarmos sobre como a mangueira chegou até ali, conduzi o debate para as árvores de suas famílias, perguntando quais pessoas estavam nas raízes delas. Eles responderam que seus pais, avós e bisavós. Engrenamos, então, no assunto sobre as origens das famílias. Shuri falou: *“o nome do meu avô era Orozimbro, quando minha mãe falou isso parecia nome de africano.”*. Mulher-Gavião prosseguiu com as impressões sobre a família delas: *“a mãe da mãe de mamãe era Guarani e papai tem descendente de francês, italiano e português.”*.

Abro parênteses aqui para trazer um tema que as irmãs, Shuri e Mulher-Gavião, manifestaram, em diferentes momentos, sobre a bisavó ser indígena, guarani, e ter sido “pega no laço”, Shuri diz que Graça não conta direito como essa história se deu. Sabemos que no

Brasil, essa expressão “pegar no laço” é bastante conhecida nos relatos dos povos originários, pois muitas mulheres indígenas foram sequestradas, violentadas e escravizadas a partir dessa forma abominável de captura. Transcrevo abaixo a conversa que tivemos sobre tal fato em outro encontro ocorrido no dia 10/06/2021.

Shuri: Pegaram a avó dela [de sua mãe] no laço ou avó da mãe de mamãe ou avó de mamãe.

Dafne: Que isso! E aí? Como é que ela sobreviveu?

Shuri: Não sei.

Dafne: A avó da sua mãe?

Shuri: É acho que a avó de mamãe ou é a bisavó.

Dafne: Ela morava onde?

Shuri: Não sei, quando a gente pergunta pra mamãe ela só fala isso.

Dafne: O que?

Shuri: Que pegaram a avó dela no laço e eu nem sei direito o que aconteceu.

Homem-Águia: Aconteceu o que? Pegaram qual vó?

Shuri: Ou é a vó de mamãe ou é a vó da mãe de mamãe.

Homem-Águia: Por que que pegou ela?

Shuri: Os brancos lá, os branquelos.

Renzo: Os racistas.

Shuri: Isso daí mermo. A minha professora falou que eu sou racista com branco.

Renzo: Ué, por quê?

Dafne: Não existe isso.

Shuri: Ah existe sim tia, nós não gosta dos branco, só de você, não precisa ficar triste.

Dafne: Não, o que eu tô falando é que...

Mulher-Gavião: Pera aí Shuri, pera aí. Então quer dizer que você não gosta de tia M. e do tio E.?

Shuri: Não que ele é japonês.

Mulher-Gavião: E daí que ele é japonês?

Shuri: Japonês não é branco, japonês é japonês.

Mulher-Gavião: Mas ele é branco.

Viúva-Negra: Japonês é amarelo. Japonês e chinês é amarelo a cor deles. Eles só se pintam de branco não sei por quê.

Mulher-Gavião: Aí Shuri, então quer dizer que você não gosta de tia M.?

Shuri: Tia M. não é branca, tia M. é amarela.

Mulher-Gavião: Amarela...

Viúva-Negra: Mas depende da cor que corre na veia. Como I. é branca, mas a avó dela e o avó dela é preto, é negro, quer dizer.

Mulher-Gavião: Quê?

Viúva-Negra: Negro.

Mulher-Gavião: Não, o que você falou?

Viúva-Negra: I. é branca, mas o sangue que corre na veia dela é negra, então nem adianta chamar de branco.

Dafne: Ela se identifica como o que?

Viúva-Negra: Branca. Mas ela é negra e ela não gosta que chama ela de negra nem quem chama a avó dela de negra mesmo sendo.

Shuri: Eu queria ter nascido negra, sinceramente.

Mulher-Gavião: Eu queria ter nascido branquinha, bonitinha.

Shuri: Então, você não ia ser minha irmã.

Viúva-Negra: Nem minha.

Mulher-Gavião: Mas eu nem sou tua irmã [se referindo à fala de Viúva-Negra].

Viúva-Negra: Eu falei amiga.

Shuri: Eu tenho amigo branco. A menina da minha turma é branquinha, branquinha, branquinha, branquinha, tem um monte de pintinha aqui, o cabelo dela é loiro cacheado...

Mulher-Gavião: É quem?

Shuri: C., mais ou menos, não é loiro não, é meio marrom.

Dafne: Ô Shuri, mas essa coisa, o racismo, pessoas brancas não sofrem racismo.

Shuri: Por que não?

Dafne: Porque eles não são minoria na sociedade. O que é que isso quer dizer?

Shuri: Que eles são racistas.

O diálogo acima representa um dos tantos que traçamos sobre a questão racial, como pesquisadora branca e comprometida com a luta antirracista, me sinto convocada a debater com elas sempre que o assunto emerge, legitimando suas revoltas e trazendo mais ferramentas e referências fortalecedoras de suas identidades. Percebo que é intrínseco ao debate sobre ancestralidade com essas crianças, refletir criticamente sobre o racismo e as tantas opressões e violências causadas aos povos negros escravizados e aos povos indígenas.

Em continuidade à conversa sobre a árvore genealógica, foi a vez de Viúva-Negra falar sobre sua família. Ela relatou que uma parte dos seus ancestrais vieram do continente africano e a outra da França, perguntando logo em seguida:

Viúva-Negra: Eu sou africana ou francesa?

Shuri: Você é brasileira!

Viúva-Negra: Eu sou rica e pobre ao mesmo tempo, porque os franceses eram ricos naquela época e os africanos pobres e escravizados.

Pamela: Mas o povo africano era muito rico, tinham vários reinos e princesas.

Depois dessa discussão, debatemos as noções de riqueza e pobreza e como os povos africanos tiveram seus bens, práticas e vidas usurpados no período escravocrata brasileiro. Cida gritou de dentro da casa que uma parte da família deles veio de Angola. Eu relembrei a elas que a capoeira, ensinada pelo professor João no encontro anterior, também vinha de Angola. Viúva-Negra que, anteriormente, abordou o dilema de “ser metade pobre e outra rica”, afirmou prontamente: “*Ah! Por isso que eu aprendi a fazer capoeira rapidinho, tá no meu sangue*”. Rumino essa frase, me lembrando das palavras germinantes, *confluência* e *transfluência*, plantadas por Nêgo Bispo nas roças de papel. As práticas e saberes dos antepassados de Viúva-Negra angolanos transfluíram desde África, confluindo para a vadiagem de seu corpo na capoeira. Ao palavrear sobre a confluência, Bispo (2022) diz:

A confluência é um jeito de se misturar, as vezes sem se ajuntar. As vezes a gente não se ajunta fisicamente, mas a gente se mistura mentalmente, se mistura espiritualmente, se mistura através das almas, se mistura cosmologicamente. Então nós e os povos indígenas estamos misturados mesmo em territórios físicos diferentes. E nós e os colonialistas mesmo estando no mesmo território, estando junto, nós não estamos misturados. Então a confluência nos ensina sim. Os rios se misturam, mas não deixam de ser rio. Um rio é rio desde onde ele nasceu até onde ele conflui com outro, a partir da confluência ele passa a ser um rio mais forte, ou seja, um rio vira praticamente dois rios, porque ele é aquele sozinho e aquele rio junto com o outro⁵⁸.

Segundo o mestre, os povos de África transfluíram pelo Atlântico, confluindo com os povos originários para se inspirarem, as trocas entre eles são realizadas pelo cosmos. A confluência e a transfluência, são dessa forma, a comunicação e o movimento pelo cosmos, por meio das águas, das matas, das nuvens, do fogo, da fumaça, entre os povos *afropindorâmicos*⁵⁹. Já, os colonialistas – a sociedade euro cristã - precisam de um transporte físico, meio material, para influenciar e, assim dominar. Bispo afirma que a transfluência é o que seria o transporte para os colonialistas, porque nele vão os corpos e, na transfluência, vão os espíritos, as almas, as energias, a força vital.

Na manhã desse mesmo dia de atividade sobre as origens familiares, assistimos a alguns episódios da série de animações *Mulheres Fantásticas*⁶⁰ em que vimos as histórias da cantora

⁵⁸ Transcrição nossa. Original disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Akm9vLsy5cw&ab_channel=ColetivoLeg%C3%ADtimaDefesa.

⁵⁹ A denominação de povos quilombolas, negros e indígenas como afropindorâmicos é uma criação de Nêgo Bispo.

⁶⁰ Série produzida, em 2019, pela TV Globo e transmitida no programa “Fantástico”. Ela é composta por vídeos curtos, com duração aproximada de 1 minuto e 30 segundos, sobre a história de algumas mulheres com relevante atuação no Brasil e no exterior. Episódio sobre Carolina de Jesus: https://www.youtube.com/watch?v=IufWv4430aA&ab_channel=TVGlobo.

Dona Ivone Lara, da escritora Carolina de Jesus e da líder do quilombo dos Palmares, Dandara. Transmiti também trechos do filme Besouro⁶¹ que conta a história do importante capoeirista Besouro Mangagá, nos anos 1920, e aborda as temáticas do racismo, da resistência e da espiritualidade de religiões de matriz africana, trazendo alguns orixás para as cenas como Exu, Oxum, Iansã e Ogum. Escolhi esse filme porque, na vivência passada de capoeira, João contou sobre a vida de Besouro Mangagá e ensinou a música “Agora sim que mataram meu Besouro⁶²” para elas. Algumas falas apareceram enquanto assistíamos ao filme:

Pamela: E como que eles fugiam [se referindo aos escravizados]? Como que eles sabiam o caminho?

Viúva-Negra: Pela música.

Pamela: As músicas cantavam o quê? Os caminhos. Eles se guiavam pelas estrelas que cantavam pelas músicas e tinham os caminhos.

Cida: E daí conseguiam formar dentro dos matos né, os quilombos onde se escondiam os negros dos senhorzinhos lá, né, das grandes fazendas que escravizavam os negros. É uma história bem bonita e importante, claro que preciso estudar mais sobre ela, eu conheço pouco a minha história.

Viúva-Negra: Eles fizeram tanto mal para a gente e nada aconteceu a eles.

(...)

Shuri: Se eu for no rio e encontrar com essa mulher, [se referindo a cena que Oxum e Iansã aparecem] eu saio correndo.

Mulher-Gavião: Eu que não vou mais para a cachoeira, aí cruz gente cruz credo.

Nanico: Eu vou para o rio e dou tudo que ela pedir, vou tratar ela muito bem, assim ela me protege.

Após o almoço, Viúva-Negra e Mulher-Gavião deram a oficina de bonecas Abayomi com retalhos de panos guardados, elas disseram que o significado da palavra em iorubá era “encontro precioso” e que aprenderam a fazer essas bonecas em uma atividade de agroecologia. Em um dado momento da oficina, Nanico não encontrou mais pano preto para fazer uma parte da sua boneca, alguém sugeriu, então, que colocasse um pano branco e ele logo contestou: “*eles [se referindo aos seus antepassados] vão se revoltar se fizer com pano branco, vão falar: tão me estranhando?*”. Ao terminarmos a feitura das bonecas, eu não sabia como conduzir o resto da tarde, quando de repente escuto Shuri: “*o nome da minha vai ser Dandara.*”. As crianças

⁶¹ Filme produzido, em 2009, pelo diretor João Daniel Tikhomiroff. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y7H3PspISdU&ab_channel=FilmesCompleto.

⁶² Música de capoeira: “Agora sim/ Mas que mataram meu Besouro/ Ô meu bem, depois de morto/ Besourinho, Cordão de Ouro/ Oi, depois de morto/ Besourinho, Cordão de Ouro/ Ô, Besouro, /Besourinho/ Cordão de Ouro/ Ô, Besouro, miudinho/ Cordão de Ouro/ Ô meu bem, é Besouro, Besourinho/ Cordão de Ouro/ Ô já já, é Besouro, Besourinho/Cordão de Ouro.”.

começaram a debater sobre os nomes das suas Abayomis, pegando as referências do livro *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis* de Jarid Arraes⁶³ que estava nas mãos de Shuri e, também, dos orixás que apareceram no filme de Besouro.



Mulher-Gavião: Ah Cida, a minha é bonitinha, ah que gracinha! O nome dela é, é...

Cida: O nome dela é Jeniffer [imitando a música]...

Mulher-Gavião: Só que não, eu não gosto do nome Jeniffer.

Shuri: A sua é Maria Felipa.

Mulher-Gavião: Não... Não, o nome da minha é só Felipa ou...

Shuri: Não, Mulher-Gavião!

Mulher-Gavião: Não, o nome da minha é Luisa, sabe por quê? Por causa da Luisa, lembra?

Shuri: Nãããã, tem que ser nome do livro.

Mulher-Gavião: Aiiii! Shuri é enjoada!

Shuri: O nome da sua vai ser Esperança Garcia.

Mulher-Gavião: Ah é? Nome bonito, Esperança.

Cida: E a minha?

Shuri: A sua vai ser Maria do Bonsucesso.

A partir da nomeação das bonecas, tive a ideia de fazermos um teatro das Abayomis na mangueira, elas adoraram a proposta e perguntei quem poderia montar o

⁶³ ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**, São Paulo: Seguinte, 2020.

palco para as apresentações. Shuri, Viúva-Negra e Nanico iniciaram a produção do teatro, pegando barbante e panos para o cenário. Sentamo-nos sob a sombra do ser-árvore e de lá assistimos uns aos outros, Viúva-Negra assumiu o papel de apresentadora das cenas.



Viúva-Negra: Senhoras e senhores, esse é o teatro...

Cida: Mulheres... [sugerindo]

Viúva-Negra: Mulheres negras...

Cida: Mulheres negras importantes do Brasil.

Viúva-Negra: Mulheres negras importantes do Brasil! Vamos começar com uma apresentação da Mulher-Gavião... O nome da sua boneca? [pergunta baixinho para a amiga atrás da árvore]

Mulher-Gavião: Maria Felipa.

Viúva Negra: Maria Felipa!

Dafne: Todo mundo aplaude! Uuuuhu!

(Gritos e aplausos)

Viúva-Negra: Depois temos Shuri e a Dandara. Depois temos Homem-Águia e seus fantoches. Depois é... Renzo e sua boneca chorona. (risos). Depois Nanico e suas travessuras e depois temos eu no final.

Renzo: Renzo e sua boneca da calça caída. (risos)

Viúva-Negra: Vamos começar o show, bota o som na caixa de Dj!



Mulher-Gavião: Eu nasci em 1995...

Shuri: É?

Cida: É por aí vai...Continua...Adiante...

Mulher-Gavião: Eu fui li.... Qual o nome tia?

Viúva-Negra: Líder, líder, líder, líder... [cochichando baixo]

Mulher-Gavião: Eu fui líder...

Dafne: Uma grande guerreira...

Mulher-Gavião: Uma grande guerreira e...

Dafne: Onde é que você nasceu?

Mulher-Gavião: É... São Paulo.

Dafne: Bahia. Vai inventa...

Mulher-Gavião: Meus pais morreram em 1956...

Shuri: Continua. Ela tá rindo...

Viúva-Negra: Com licença nossa adorável clientela... Uma pausa, vamos para o final, você volta lá pra decorar seu texto.



Homem-Águia: Eu sou o rei dos Palmares, eu nasci lá na Bahia e tchau, adeus.

Shuri: Tchau, adeus, mas já? Eles morreram?

Homem-Águia: Aham.

Cida: Conta a história do seu boneco.

Homem-Águia: Eu não sei não. E meus pais morreram em 1900, agora é sua hora mulé. [bate com um boneco no outro]. E morreu.



Renzo: Oi pessoal!

Dafne: Quem é você?

Renzo: Eu não sei quem sou eu, porque eu não gravo o meu nome, mas eu sou negra, não sou pobre [dando ênfase], sou bem rica, minha família me sustenta e eu amo eles pa caramba. Então é como eu falo: nunca abandone sua família por ninguém.

(aplausos)



Viúva-Negra: A gente vai apresentar o seu Nanico e seus lelé da cuca.

Dafne: A sua heroína pode ser a sua avó ou a sua mãe...

Renzo: Fala alguma coisa de família...

Nanico: Tá. Eu sou uma mulher negra que sou ameaçada pela cor da minha pele.

Renzo: Aí ficou legal ó! Que mais?

Nanico: Os meus amigos são escravizados, tem pessoas que correm atrás de mim, da minha família de cavalo com arma. Fim.

Dafne: E o que você vai fazer pra sair dessa situação? Hein? Você vai deixar eles perseguirem a sua família?

Nanico: Não.

Dafne: O que você vai fazer como uma mulher negra tão forte?

Nanico: Vou matar!

Cida: Não! Vou lutar! Tá louco? Não fala essa palavra matar. (risos)

Dafne: Vai lutar sozinha?

Nanico: Não, vou formar um grupo com eu e os meus amigos e vou lutar capoeira contra eles. Fim, tchau.



Dafne: E agora... Viúva-Negra com sua linda boneca Oxum!

Viúva-Negra: Olá, meu nome é Oxum, eu sou a deusa das águas, um espírito protetor...

Renzo: Espírito de Deus.

Viúva-Negra: Hã hã [negando], um espírito protetor para quem entra dentro dos rios. Eu acho, é isso? Antigamente, as comunidades negras que eram muito poucas, deixavam oferenda e nessa oferenda não tinha só eu, tinha os meus amigos, o Deus da rua...

Dafne: Exu.

Viúva-Negra: Exu.

Dafne: Qual o nome do da guerra?

Viúva-Negra: Tem a...

Shuri: Iemanjá [cochichando]

Viúva-Negra: Iemanjá. E tem o outro da guerra...

Dafne: Ogum.

Viúva-Negra: Ogum. E tem mais alguns amigos aí que não me lembro o nome. Eles todos são protetores, mas alguns pensam, confundem, proteção com macumba e isso é uma coisa muito feia em se dizer e se fazer.

Dafne: Nossa que lindo.

Viúva-Negra: Fim.

(aplausos)



Shuri: Dandara casou com Palmares e.... É... Eu não lembro o que que mais aconteceu na história né, só lembro que eu caí do precipício e morri, mas eu ajudei a salvar um monte de gente e agora eu tô no livro de história, fim.

As apresentações encerraram e ficamos sob os pés da árvore conversando. Como contaram nos versos, em 2019, do samba enredo “História pra Ninar Gente Grande” da escola de samba Estação Primeira de Mangueira que “A Mangueira chegou/ Com versos que o livro apagou/ Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento/ Tem sangue retinto pisado/ Atrás do herói emoldurado/ Mulheres, tamoios, mulatos/ Eu quero um país que não está no retrato”, em presença do ser-mangueira, relembramos e ritualizamos histórias e mulheres negras invisibilizadas. Como é pensar-sentir sobre ancestralidade enquanto constitutiva do cosmos na relação com as crianças? Reconheço ancestralidade nas ontologias dos seres como a mangueira, nas origens familiares, nas narrativas ancestrais, nas práticas das mulheres com as crianças, na espiritualidade, no comunitarismo e em tantas outras costuras incapazes de nomeação.

Quantas espirais confluíram dentro dessa experiência com o ser-mangueira semeado no quintal de Cida, entrelaçado à existência de outros seres? Com as árvores genealógicas de cada criança que se conectam, dentro do Visconde, a outras famílias? Com as histórias revividas de

Dandara, Aqualtune, Maria Felipa, Carolina de Jesus e Besouro Mangangá? Com os orixás dos rios, das matas, da rua e da guerra? Terreiros emergidos de Terreiro-Cosmos-Visconde, como a força criativa e propulsora de Exu (RUFINO, 2019) que, ao se partir, gera novos seres tão completos e integrais como seu próprio devir - múltiplo e complexo. Sobunfu Somé (2007, p. 28) expande as percepções sobre nossos ancestrais.

Quando falamos sobre conexão com os espíritos de ancestrais, muitas pessoas entendem que nos referimos a nossos ancestrais diretos. Mas isso seria difícil. Frequentemente, nem conhecemos nossos avós. Existe um conjunto de ancestrais – não precisa ser uma pessoa ou espírito que conhecemos ou que imaginamos. Pode ser uma árvore lá fora. Pode ser uma vaca, nosso cão ou gato, em casa. O tataravô, que morreu há muitas gerações, pode ter se unido ao conjunto de espíritos, e o tataraneto nem consegue identificá-lo. É possível que seja o riacho correndo ao longe. Portanto, o que importante é compreender que qualquer pessoa que perdeu o corpo físico é um potencial ancestral.

O rio é ancestral, o vento é ancestral, a árvore é ancestral, a floresta é ancestral, a montanha é ancestral. “Assim é” como afirma incontáveis vezes Davi Kopenawa no livro *A queda do céu*. Segundo o xamã *yanomami*, alguns espíritos dos seus ancestrais se metamorfosearam na forma animal depois da primeira queda do céu, porém, apesar de se apresentarem enquanto caças, nunca deixaram de ser humanos. Essa condição humana, então, se apresenta de diferentes modos no cosmos, não se restringindo a uma abstração de unidade, o “homem”, como medida das coisas.

Os animais são como humanos. Nós ficamos satisfeitos quando nossas roças se enchem de cachos de bananas e de pupunhas; eles ficam felizes quando há muitos frutos nas árvores da floresta. Estes são o alimento deles assim como aqueles são os nossos, pois os animais que caçamos são os fantasmas de nossos ancestrais transformados em caça no primeiro tempo. Uma parte desses antepassados foi arremessada no mundo subterrâneo quando o céu desabou. Outra ficou na floresta, na qual nós também viemos a ser criados e, virou caça. Damos a eles o nome de caça, mas o fato é que somos todos humanos. Assim é. (KOPENAWA; ALBERT, p. 214-215, 2015).

Segundo a ideia de perspectivismo ameríndio, atribuída às cosmologias ameríndias por Viveiros de Castro (2018), em oposição ao pensamento ocidental no qual se revela a noção de um *relativismo multiculturalista*, ou seja, a existência de apenas uma ontologia (seres ditos como humanos) para diversas epistemologias (“formas de conhecer”) que habitam uma natureza estática, universal e cenográfica. O *perspectivismo multinaturalista* supõe uma diversidade de manifestações ontológicas (muitas naturezas) que compartilham o fundo comum de humanidade. Dessa forma, a humanidade deixa de ser algo exclusivo dos humanos, passando a ser inerente também aos demais seres, manifestados na multiplicidade de corpos, pelo cosmos. Conforme explicita o antropólogo Renato Sztutman:

Como insiste Viveiro de Castro em *A inconstância da alma selvagem* (2002), a perspectiva está nos corpos, conjuntos de afecções mais do que organismos. A mudança de perspectiva seria, assim, uma metamorfose somática e se ancoraria na ideia de um fundo comum de humanidade, numa potencialidade anímica distribuída horizontalmente no cosmos. Se o perspectivismo é o avesso do antropocentrismo, ele não se separa de certo antropomorfismo, fazendo com que prerrogativas humanas deixem de ser exclusividade da espécie humana, assumindo formas as mais diversas. (SZTUTMAN, 2021, p. 41).

Em confluência com tais cosmologias e perspectivas, busco horizontes que partilhem possibilidades de sentir, cheirar, sonhar, dançar e praticar o cosmos de maneira constitutiva e imbricada com os demais seres cosmológicos. Rememoro a citação de Ailton Krenak (2019, p. 24): “quando despersonalizados o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo de humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista.” No movimento de deslocar essa frase para dentro do tema da pesquisa, eu a modificaria afirmando que ao retirarmos dos seres cosmológicos seus sentidos e ao desconsiderarmos a relação de enredamento com as crianças, liberamos esses seres para que se tornem objetos e cenários dentro de nossos estudos, confinando-os em perspectivas utilitaristas, interacionistas e, por que não, extrativistas.

“Vem vento, catimbolê, cachorro do mato quer te morder!”

A teia das vivências agora continua com o que apelidei como “dia da pipa”. Conforme dito no capítulo anterior, Nanico foi o primeiro a escolher a sua oficina, elegendo a feitura de pipas. Ele me pediu que levasse alguns materiais para a produção delas como a linha 10 para rabiola, os papéis de seda coloridos e também o palito de churrasco. Cida disse para eu não comprar os palitos, porque colheríamos os bambus para fazer as varas, assim as crianças aprenderiam sobre o ciclo da planta, as luas para colheita e também o tratamento para produção das varetas. Cheguei no Visconde no dia combinado e as crianças estavam animadas para começarmos a oficina. Andamos até o sítio de Renzo onde fica o bambuzal e, ao chegarmos lá, fiquei no quintal com as crianças aguardando Cida falar com a mãe de Renzo para pegarmos um pouco de bambu. Enquanto isso, elas se organizavam para escalar o ser-palmeira.

O primeiro na tentativa foi Homem-Águia que, ao encostar no tronco, logo voltou para o chão. Nanico veio em seguida na corrida, grudou no corpo da palmeira e subiu um pouco, logo abortando a missão. Na sequência deu a partida Renzo, ele tomou uma distância maior e com gritos de “*irraaaaaaaa*” veio com determinação, atirou o corpo sobre o tronco, lançando

um pé após o outro para grudar na base. Em seguida, os movimentos se desenrolaram com maestria: agacha, joga as mãos para cima, estica, agacha, joga as mãos para cima estica, agacha, joga as mãos para cima, estica. Após atingir uma altura considerável, olhou para trás e se arremessou de volta ao gramado. A movimentação do corpo junto com o também corpo da palmeira parecia uma dança íntima entre dois seres que já se conhecem de outros encontros. As texturas, os nós do tronco, os jeitos de pegar, os gestos de impulso, a firmeza do atrito, sinto que é o que Nêgo Bispo chama de comunicação cosmológica, a linguagem entre ontologias que se manifesta por outros caminhos no cosmos. Escolhi colocar as imagens abaixo em uma sequência de *frames* do vídeo gravado, pois acredito que vocês também criarão sentidos e significações para elas. Esse é o convite.







Seguimos com L., mãe de Renzo, até o bambuzal. No percurso, Renzo chamou Homem-Águia e Nanico para “verem uma coisa”. Fiquei observando de longe o que ele queria mostrar. Renzo aponta, então, para uma espécie de casinha e eles começam a se aproximar com cautela do local. Ele se abaixa e retira a telha de cima, revelando para os amigos o que guardava com tanto apreço, eram mangas em processo de maturação armazenadas com todo cuidado nessa proteção, parecia um ninho/chocadeira de frutos. Os meninos ficaram um tempo dialogando sobre as mangas e, provavelmente, negociando para ver se conseguiam alguma com Renzo. Era início de novembro, as mangueiras ainda não estavam cacheadas de frutos maduros, era tempo de esperar a abundância do próximo mês e vigiar as primeiras mangas nascidas.



A relação das crianças com os seres árvores companheiras e seus frutos marcou a nossa travessia, o modo como acompanham os ciclos; a atenção em avistar de longe algum sinal de fruto maduro; a sagacidade do movimento em escalar os diversos corpos das árvores; a revolta quando alguma outra criança retira o fruto antes do tempo ou desperdiça atirando no amigo/a; a generosidade em pegar para si e também para as demais a fim de compartilhar os frutos; a espera pelos frutos da estação; a gana pela nutrição constante em se compor com os frutos suculentos. Cacau, tangerina, manga, coco, amora, jabuticaba, pitanga, seriguela, limão doce, laranja, goiaba, cupuaçu, pupunha, juçuí, banana, limão... Ufa, muitas frutas para dentro de nós! Elas têm seus tempos de chegar, de nutrir e de se recolher, compartilhando também a dinâmica dentro das cozinhas das mulheres nos momentos de vender geleias, compotas, pães e polpas. A

relação opera segundo os ciclos de vida dos seres árvores e os desejos e possibilidades das crianças e das mulheres.

Voltamos à casa de Cida para iniciar a oficina de pipa na varanda. A matriarca compartilhou com as crianças suas sabenças sobre o trato com o bambu e ajudou o neto Nanico na condução da atividade. Cida ensinou a cortar o bambu em varas mais finas, a retirar as farpas com caco de vidro que somente ela fez por ser perigoso e a fazer a amarração, cruzando os filetes. Antes de começarem suas pipas, pedi para que desenhassem no papel como ela seria, dessa forma, descobrimos a existência de duas variedades: a pipa, formada por duas varetas, e a arraia, composta por três. Posteriormente, Nanico ensinou como se fazia a rabiola dando o nó de marinheiro.



Cida: Então, pra cortar a gente precisa de lua, lua é uma coisa bem antiga né e os antigos usam né pra que o bambu, a fibra não estrague, se a gente corta ele fora da lua minguante ou da nova, ele broca, tem um bichinho que come ele e come muito rápido, então ele estraga e quebra, se a gente corta na lua certa ele dura muito mais tempo...

Nanico: Que que é a lua certa, vó?

Cida: Que é a lua minguante e a nova.

Nanico: Então tem que cortar quando ele ainda tá verde?

Cida: Não, o bambu a gente corta de vez... A gente usa ele verde pra fazer algumas coisas, é... de vez maduro, a gente usa ele nas fases dele toda. E daí a gente corta na lua certa, a gente tem certeza que ele não vai apodrecer rápido, ele vai durar um bom tempo. Aí a gente vai no bambuzal, na lua, vê a lua e aí a gente corta, a gente deixa ele...

(...)

Cida: Porque de primeiro os meninos aprendiam a fazer, então, depois ensinavam as irmã pra ter companhia pra soltar a pipa né? Pra ter quem corta na verdade, né...

Nanico: É eles que cortava?

Cida: É, é claro né, eles que sabiam mais do que eu né, sabiam soltar, sabiam lá como é que fazia pra cortar.

Nanico: Se eu não avua Renzo, Renzo me avoa.

Cida: E dai assim, meu pai ensinou pra eles e eles ensinaram pra mim e pra sua tiazinha, né, como é que fazia a pipinha.

Os meninos logo finalizaram suas pipas e foram para o descampado soltá-las. Permaneci com as meninas na varanda e, quando Shuri terminou a sua pipa, ela e Viúva-Negra foram testar o voô ali mesmo no quintal. Tentaram uma, duas, três vezes e nada da pipa voar. Viúva-Negra então disse: “*não tem vento muito não, tia, tem que ser lá no pasto.*”. Caminhamos para o pasto, localizado atrás da casa, onde os meninos já corriam de um lado para o outro insistindo que elas rodopiassem no céu. O vento estava fraco e mal sustentava as pipas, de repente escuto Mulher-Gavião cantando: “*vem vento, catimbolê, cachorro do mato quer te morder!*”. As crianças começam a cantar e cantar e cantar, evocando o ser-vento para a brincadeira. Perguntei para elas quem as tinha ensinado aquela música e me falaram que foi Cida.

Renzo: Alá, o vento catimbolê, o cachorro do mato que vem pegar ele! Vem vento catimbolê, o Renzo quer te morder!

Shuri: Voa pipa! Qual o problema de vocês comigo?

Todos: Vem vento catimbolê, cachorro do mato quer te morder! [gritando com raiva já]

Renzo: Cachorro do mato tá pegando você!

Dafne: Todo mundo assopra!

(Risos)

Renzo: Vai! Vai!



O chamado para o ser-vento foi forte, persistimos bastante na tentativa de trazê-lo, mas naquela tarde, ele apenas deu sopros de aparição, deixando que as crianças ainda zombassem, mesmo que pouco, com suas pipas. Recordei a história que Nêgo Bispo conta de sua mais velha, mãe Joana, quando o convidou para ir à roça ver o arroz chiar, pedindo a ele que colocasse sua melhor roupa para a roça não ficar com ciúmes da festa. Resgato as palavras do mestre:

Mae joana nós viemos fazer o que aqui? Nós viemos ouvir o arroz chiar e dançar. Então a gente ficava esperando o vento, quando vinha o vento, o arroz balançava e fazia aquele barulho nas palhas. Nós ficamos uma manhã inteira só ouvindo o arroz chiar e vendo o arroz dançar. (...) Então isso é uma comunicação fantástica. E então comecei a compreender a linguagem cosmológica, cósmica, como mãe joana se comunicava com o arroz, festejava com o arroz, como ela sentia prazer de ouvir o som do arroz⁶⁴. (BISPO, 2022).

⁶⁴ Transcrição nossa. Original disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Akm9vLsy5cw&ab_channel=ColetivoLeg%C3%ADtimaDefesa.

O vento faz o arroz chiar, a pipa avoar e as sementes se dispersar. Foi ele também que se despediu de mim nesse último dia de pesquisa. Estava com o celular em mãos filmando o pasto, o roçado e as montanhas ao fundo, em um movimento de 360° com o corpo, quando, ao aproximar o enquadramento do quintal de Cida, ele chegou com uma força avassaladora. As bananeiras se descabelavam, as roupas no varal balançavam, a poeira subia e meus cabelos esvoaçavam... Intuo que ele me dizia um “até breve” e me pedia: mulher, carregue essas histórias com você, mas com sabedoria para que elas alcancem outros ouvidos e retornem, um dia, com bons frutos. Lembrei da frase dita por Shuri a Homem-Águia, certa vez, ao bater uma ventania forte e ele caçar: “*ô menino, não duvide do poder do vento não hein, ele sabe o que faz.*”.



“Aí vai nascer um pé de cachorro”

Dafne: O que vocês acham de a gente fazer o enterro dele? Como a gente pode começar?

Algumas crianças respondem: Sim, sim, sim!

Shuri: Vou enterrar a borboleta junto.

Dafne: Vamos escolher o lugar do...?

Nanico: Vai ser no céu!

Mulher Gavião: Que céu garoto? Ele já foi pro céu!

Viúva-Negra: Bora queimar ele!

Mulher Gavião: Que queimar?! Não!

Shuri: Não, ele vai ficar com cheiro de churrasco.

Viúva Negra: Não, é um tipo de enterro, não é tia? Cremar?

Dafne: É.

Shuri: Tá, mas nós não vai cremar ninguém não.

Mulher Gavião: Aí ó, dando ideia.

Dafne: A gente não sabe fazer isso [me referindo à cremação]

Shuri: Aí eu vou querer comer churrasco, vou querer comer meu sobrinho? Não, vamos enterrar ele.

A última-primeira-última ida ao Visconde começou com o enterro do cachorro “Seu Nome”. Coincidência? Talvez um próximo começo... Seu Nome morreu na madrugada antes de eu chegar lá. Shuri sentiu sua partida em sonhos durante a noite. Cida contou que quando uma pessoa morre, na roça, se dizia: “*morreu fulano e um cachorro*” para que nenhum outro parente da família também se vá com o morto. Shuri então completou “*morreu Seu Nome e uma joaninha*”.



Nanico: Por que tem que botar isso? [se referindo à cruz e ao que Shuri escrevia nela].

Cida: Pra lembrar o nome dele lá, pra lembrar que ele tá enterrado lá.

Nanico: Mas por que não bota: aqui tem um defunto debaixo da terra?

(Risos).

(Nanico sai e eu filmo Shuri escrevendo na cruz que ela construiu com dois gravetos).

Shuri: dois mil e vinte, dois mil e vinte

Cida: dois mil e vinte dois.

Dafne: Hoje é que dia?

Viúva-Negra: As quatro e dez...

Cida: Que horas que ele morreu Mulher-Gavião?

Shuri: É, meia noite e pouco...

Cida: Ficar vigiando cachorro...

Shuri: Eu não fiquei vigiei, eu não dormi até ele morrer.

Cida: Ah tá.

Shuri: Enquanto ele não morreu, eu não dormi.

Nanico: Por quê?

Shuri: Porque eu não consegui dormir.

Nanico: Por causa de quê?

Cida: Porque ela queria ver ele dar o último suspiro.

Shuri: Não, eu nem vi não, eu achei que qualquer pessoa ia morrer. [pelo que Shuri disse, ela teve insônia e ficou pressentindo que alguém iria morrer, disse que já sentiu isso outras vezes quando estava para acontecer]

(...)

Dafne: Mas você sentiu que alguém ia morrer? Você não sabia que ele tava morrendo?

Shuri: Não, eu sabia que ele tava doente e que ele ia morrer, só que na hora que eu senti que alguém ia morrer, eu não sabia quem era, mas isso sempre acontece, toda vez que alguém morreu, eu sinto.

Cida: Antigamente as pessoas quando alguém morria na roça, faleciam lá pelos interiores, eles contavam assim: “olha morreu fulano de tal e um cachorro”, tem que sempre acrescentar lá um cachorro.

Shuri: Pra quê?

Cida: Pra que não fosse outro da mesma família.

Dafne: Tinha que matar um cachorro?

Cida: Não, não matava, se falava só. Morreu seu João e um cachorro e ponto.

Dafne: Ahhhhh...

Cida: Morreu Seu Nome e um cachorro.

Shuri: Morreu Seu Nome e um cachorro. Morreu Seu Nome e uma joaninha.

Cida: Não morre ninguém da família, acabou, era isso. E ia embora fazer o velório do defunto lá, o defunto em cima do banco...

Nanico: Tá amarrado, repreende em nome de Jesus!

(Todos riem)

Mulher-Gavião: Geeente, calma!

Cida: Não benze ele com esse negócio não que ele tem um medo de morrer danado [se referindo a Nanico quando Shuri chegou com a cruz perto dele].

Shuri: Não é de morrer não, caraca eu tava te consagrando como um cavaleiro, cara, da távora redonda. Mulher-Gavião, pega o cachorrinho!

Homem-Águia retira o filhote da caixa e o leva pendurado pela patinha. Aquela cena foi um tanto chocante aos meus olhos, eu teria carregado o defunto dentro de algum recipiente, evitando, ao máximo, o contato com o corpo. Na frente do menino, andava a cadela “Amarela” que já perdeu muitos filhotes por parir prematuramente, sendo o leite insuficiente para nutrir as crias. Ela toca o caminho para dar adeus a mais um filhote... Nomeei essa experiência de “procissão desconcertante”. Passamos pela horta e, depois, pelo galinheiro onde estavam um monte de pintinhos recém saídos do ovo, penso comigo: vida-morte-vida, começo-meio-começo, quantas despedidas e nascimentos ao mesmo tempo, em um só tempo(s). Mulher-Gavião pega um pintinho na mão e fala para ele: “*seu nome agora vai ser Seu Nome.*”.



Mais adiante, Graça avista o seu irmão J. cavando o berço⁶⁵, ela se vira para ele e fala: “*ai não, ai não J., ai tem um pé de banana!*”. Me sinto confusa... Como respeito esse momento? O que devo falar? Como agir? Percebo que essas sensações conturbadas sobre “o certo a se fazer” me convidam a desacelerar os pensamentos, suspender as respostas, dando vazão a sentir o que está sendo e pode ser daquela despedida. Fico ali, observando os movimentos, filmando as conversas em um zigue-zague de ações simultâneas. Caso fosse um filme, seria uma junção de: *cena* cavando o berço, *cena* jogando capoeira, *cena* subindo na árvore, *cena* padre no enterro, *cena* meninas discutindo quem chorava e quem ria, *cena* plantar cupuaçu, *cena* enterrar cachorro... A ordem entre elas pouco importaria, pois aconteceu tudo ao mesmo tempo em explosões de espaços/tempos. Eu piscava e o padre Nanico já estava trepado no pé de tangerina com o enterro encerrado. Nos diálogos e situações entre elas também pipocavam as misturas de despedida com brincadeira com alegria com conflitos.



Nanico: Ô Graça, pode ranca uma mexerica?

Mulher-Gavião: Paaara! Isso é um momento triste, seu metido. Momento triste e Nanico quer comer, meu deus esse garoto só pensa em comida.

⁶⁵ Durante vivências em agrofloresta nas hortas urbanas, aprendi que a palavra berço é utilizada como substituta de “cova”, porque, ao cavar um buraco para plantar as mudas ou as sementes, criamos um útero - escuro, quente e úmido - responsável por nutrir as plantas-filhas.

Graça: Essa não, ranca a de lá que tá madura.

Nanico: Eu vou ser o padre aqui, eu vou falar...

Shuri: Vai ser o padre e tu tá pensando em comer rapá!

Nanico: Não, eu vou falar bem assim ó: “estamos aqui reunidos nessa casa de Deus para... Como que é mermo?”.

Homem-Águia: Graça, não enterra não, Graça. [se referindo ao buraco que eles tinham feito em outro lugar e ela estava cobrindo].

Graça: Por quê?

Homem-Águia: Vai ser aí mesmo, aqui tá cheio de raiz, tá com raiz grossa.

Graça: Tem importância não, corta a raiz.

Homem-Águia: Tem como não [e volta a cavar com a pá articulada].

Nanico: Estamos nessa casa de deus hoje para celebrar a morte de Seu Nome...



Nanico: Quem quer brincar de corrida no sapinho?

Homem-Águia: Bora Nanico, capoeira [chamando o irmão para o jogo]..

Nanico: Quem quer brincar de corrida no sapinho?

Homem-Águia: Bora Nanico capoeira, bora Nanico!

(Eles começam a treinar, enquanto Renzo planta bananeira).

Dafne: Din din din, din din din... [cantando o ritmo da capoeira].

(...)

Mulher-Gavião: Bora!

Nanico: Você sabe como é o sapinho né, Renzo?

(Renzo não respondia e estava sério em volta do buraco)

Mulher-Gavião: Vamooo, enterroooo! [gritando para Homem-Águia que plantava bananeira].

Nanico: Olha é assim, olha Renzo, Renzo olha Renzo! Assim ó!

Mulher-Gavião: Bora Nanico! Depois você ensina ele, agora é o enterro, bora!

Nanico: Eu não quero.

Graça: É vocês que tem que fazer isso, toma Mulher-Gavião! [ela entrega a muda de cupuaçu na mão de sua filha para Mulher-Gavião colocar ela junto de Seu Nome]



Renzo: Vem Nanico, seu momento Nanico.

Shuri: Nanico você tem que orar.

Mulher-Gavião: É.

Dafne: Você não é o padre?

Graça: Então, vão bora!

Shuri: Ô Dafne, a gente faz isso com todos os cachorrinhos nossos que morre, e olha morre cachorrinho...

Dafne: É?

Viúva-Negra: Eu acho que é porque vocês fazem isso.

Shuri: Não Viúva-Negra, é que os cachorrinhos da Amarela nascem tudo cedo, aí eles morrem, porque a Amarela não dá leite.

Graça: Você vai enterrar? Enterra aqui [deu a enxada na mão de Nanico]



Nanico: Lá pra professor os outros cachorrinhos.

Graça: O que?

Shuri: Caraca mãe, você deu os cachorrinhos da Amarela?

Graça: Não dei não.

Mulher-Gavião: Deu sim.

Graça: Dei não.

Nanico: Deu sim, ô Graça você entrou com eles dentro do carro.

Homem-Águia: Ô orelhudo, cala essa boca! A caveira matou por causa da língua!

Dafne: Onde você pegou essa tangerina?

Homem-Águia: Ali ó tia [apontando para árvore]. Não, pode ficar tia. [compartilhando uma das tangerinas comigo]

Viúva-Negra: Dá, eu também quero.

Nanico [fazendo o papel de padre]: Gente, estamos celebrando hoje aqui a morte do filho de Mulher-Gavião que está lá gente, por favor, pode vim. E o outro meu irmão sem falta de respeito tá lá rancando mexerica gente, sabe gente? Ele é muito falta de respeito, ô seu linguarudo, a tia tá te filmando.

(Todos começam a rir muito. Mulher-Gavião cai no chão de tanto rir).

Nanico: E terminamos o enterro. [ele sai correndo para ir pegar mexerica com o irmão]

Graça: Fala o nome do cachorro [pedindo para Nanico que já tinha ido embora]

Shuri: Seu Nome.



Shuri: Aí vai nascer um pé de cachorro.

Dafne: E aí Viúva-Negra, quer dar alguma palavra?

Viúva-Negra: Não. [dando uma risada]

Dafne: E você Mulher-Gavião? Tem alguma palavra para dar pro seu cachorro?

Viúva-Negra: Eu tenho, eu tenho! Em minha defesa, todo mundo estava rindo e eu estava chorando. [com tom irônico]

Shuri: Mentirosa!

Viúva-Negra: Mulher-Gavião e Shuri estavam pocando de risada, olha lá, filma a cara da criança!

Shuri: Calúnia! Sua caluniosa!

Mulher-Gavião: Eu tava rindo porque Nanico tava de palhaçada.

Viúva-Negra: A gente tava triste pelo cachorro e elas tavam rindo dos outro.

Shuri: Olha eu fiquei a noite toda acordada por causa dessa criança [se referindo ao cachorro], caraca eu não dormi.

Dafne: Será que a Amarela tem algo a dizer? [aponto a câmera para a cachorra]

Shuri: Ta ta ta, ta ta ta, ta ta ta [imitando o barulho do rabo dela balançando]

“*Aí vai nascer um pé de cachorro!*” disse Shuri. Ao lado da muda de cupuaçu foi enterrado Seu Nome, ambos compartilham agora o mesmo berço. Dois bebês na barriga da terra, um morto, outro vivo, entrelaçados em vida. Aos poucos, Seu Nome adubará a muda de cupuaçu, quanto de cachorro terá no cupuaçu? Será ele, ao crescer, um pé de cachorro-cupuaçu adulto? A complexidade presente nesse corpo em crescimento vibra a permeabilidade das fronteiras entre vida e morte. No dia seguinte, por ironia do destino (ou não), Graça me ofereceu três frutos suculentos de cupuaçu para levar comigo, lembrei de Seu Nome ao lado do cupuaçu filhote... Quantas minhocas, insetos, excrementos, folhas, peles e minerais estão dentro desse fruto que logo mais eu comeria? Seu Nome algum dia estará também em nossas bocas? A despedida é um “até breve”, o corpo se vai, mas retorna, recompondo-se na gira com outros contornos: ora cachorro, ora fruto, ora excremento, ora poeira cósmica.

As confusões e bagunças manifestadas pelas crianças em forma de lamentos, risos, escaladas na árvore, jogo de capoeira, reclamações e improvisos também expressam como elas sentem a despedida em meio a um cotidiano que lida com ela frequentemente. Todas ali já perderam bichos por atropelamento, envenenamento ou velhice. Cuidar dessas despedidas, me parece uma relação mais direta com os ciclos constantes da vida, aprender que a morte integra o cotidiano e que esses corpos foram colocados na terra para se transformar, novamente, em terra.

Ao contrário do que, frequentemente, acontece nos centros urbanos onde o lixo desaparece de nossas vistas, a comida se conquista no mercado e a relação com a morte, muitas vezes, é afastada das crianças⁶⁶. Na roça, lançar as cascas de frutas no solo, colher o próprio alimento e matar a galinha para comer no almoço são práticas corriqueiras nas quais os ciclos vitais estão diante dos olhos e perto das mãos, se reintegrando na gira. Vale ressaltar que tal percepção, não desconsidera as dificuldades de determinadas despedidas nem pretende totalizar uma certa leviandade na lida com a morte no campo. Existe aí uma implicação que é também de ordem prática, pois, muitas vezes, não existe uma pessoa ou um serviço especializado para resolver certa questão que não você mesmo ou, quiçá, vizinhos próximos.

⁶⁶ É preciso considerar também a relação traumática com a morte que muitas crianças brasileiras vivem cotidianamente nas cidades, em zonas de conflito e de vulnerabilidade social, econômica e ambiental.



“*Aqui jaz Seu Nome: 2022-2022*”, ao fundo da fotografia, as crianças continuam teimando na vida, cutucando a árvore para chover tangerina. As ambiguidades vividas no enterro me lembram de uma das narrativas de Ifá – conjunto de contos e histórias míticas que enredam a cosmogonia iorubana - resgatado por Rufino & Simas (2019) sobre como os Ibejis⁶⁷, gêmeos terrivelmente travessos filhos de Oxum, espantam Iku, a Morte, batendo o tambor encantado. O conto relata que Iku estava matando as pessoas do povoado, antes do tempo previsto, com armadilhas deixadas pelo caminho. Sem saber mais o que fazer e a fim de resolver a matança desenfreada, os mais velhos perguntam a Orunmilá, que sabia consultar o oráculo do Ifá, o que eles deveriam fazer. Para a surpresa de todos, o oráculo mostrou que somente os Ibejis poderiam vencer Iku. Os gêmeos e Idowu⁶⁸, o irmão mais novo, aceitam a missão e demandam dois pedidos, caso se saíssem vitoriosos. O primeiro deles consistia no recebimento de doces sortidos e carurus, já o segundo, impedia os adultos de ordená-los a parar de brincar.

⁶⁷ Ibeji é o orixá africano protetor das crianças e representante dos enigmas da dualidade que se compõem sem se anular.

⁶⁸ Nomenclatura que os iorubás destinam para o primeiro filho que nasce após os gêmeos.

De que forma, então, os irmãos detêm Iku? A Morte, no momento em que colocava suas armadilhas, escutou o som do tambor enfeitado e, ao se deparar com um dos gêmeos tocando, em vez de matá-lo, encantou-se, dançando, cantando e batendo palmas. O corpo de Iku, enfeitado, não conseguia parar de se movimentar e, já saturado daquela situação, implorou para que os meninos, que se alternavam no tambor, cessassem de tocar. Eles aceitaram com a condição de que Iku retirasse as armadilhas e somente levasse as pessoas do povoado quando fosse a hora de cada uma partir. E foi batendo o tambor encantado que os Ibejis fizeram a morte vibrar, derrotando-a.

Ifá nos ensina que a morte é o duplo da vida; a mesma, enquanto experiência de passagem pelos ciclos da grande roda, deve ser lembrada, cantada, dançada e alimentada para se emanar na ancestralidade. O contrário disso é o esquecimento, a escassez, a miséria e a injustiça. É aquilo que se expressa no sentimento gerado pelas políticas de mortandade e aniquilamento. A tríade de moleques nos lembra que tocar o tambor da invocação do ser criança é também reivindicar a vida como primado das travessias do tempo. Ser moleque, vadio, inventivo, brincante é estar disponível para o mundo tomado pela força radical da existência: a vida. (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 50).

O cachorro que é filho, o pintinho nomeado de Seu Nome, o útero terra com dois corpos: de bicho e de planta, a metamorfose do defunto em futuros frutos, as gargalhadas que pediam seriedade, as suculentas tangerinas na hora do rezo, o enterro brincado... O que dançar com a morte nos faz enxergar em vida? Depois de plantados Seu Nome e o cupuaçu, almoçamos e fizemos uma longa caminhada pelo Visconde até o sítio do erveiro João. Ao retornar para a casa de Graça, um bolo de cenoura com chocolate nos esperava para comemorar os aniversários de Pamela e Mulher-Gavião, celebramos suas vidas, insistimos na festa!



TERREIRO-COSMOS-VISCONDE: *Religiosidade; Frutos; Árvores; Ciclos; Ancestralidade; Circularidade; Práticas; Afeto; Vento; Roça; Rio; Seres; Brincadeiras; Alimento; Transformação; Oralidade; Luta; Flores; Agroecologia; Mulheres; Aprender-ensinar; Comunidade; Cuidado; Saberes; Estrelas; Peixes; Boi; Beija-flor; Silêncio; Terra; Movimento; Memória; Reforma Agrária; Barraca; Morte-Vida; Medicina; Gerações; Facção...*

IV. AQUI JAZ UMA DISSERTAÇÃO: ADUBOS PARA ENCRUZILHADAS PORVIR

Dafne: E se eu fosse perguntar assim: o que é a natureza pra você?

Shuri: Árvore, água e... É o que faz a gente conseguir viver, se não, não ia ter comida, e se não tivesse comida, eu ia ficar acordada de fome, aí eu não ia dormir, aí eu ia morrer, nem dormir, nem comer, aí pronto morreu, não ia ter água também, aí não tem graça.

(...)

Viúva Negra: Vida.

Dafne: Vida...

Viúva Negra: É, tia, porque tipo... Gente eu sou péssima em ciências.

Dafne: Não tem problema. Fala o que você sente. Não precisa descrever.

Viúva Negra: Não é a natureza, não é as folhas das árvores que faz uma coisa lá muito bolada que limpa o ar pra gente?

Dafne: Aham...

Viúva Negra: Então é vida, sem ar a gente não respira. E sem a água a gente também morre. Então é vida.

(...)

Nanico: É legal ficar escutando os passarinho cantando, vendo os peixe pulando lá de dentro do lago, mico estrela passando pelas árvores. Aqui tem mico estrela.

(...)

Homem-Águia: Legal e divertida.

(...)

Homem-Águia: Esse valão de rio, passarinho, peixes e gente.

(...)

Renzo: Natureza pra mim é uma coisa boa. Igual a minha mãe, minha mãe adora... Tá dando uma de agora participar do largados e pelados.

Vivas, vivas, vivas porque todas as vidas importam! Assim nos saúda Nêgo Bispo. Esta pesquisa é a afirmação da vida em compartilhamento pelo cosmos. Parece algo evidente, mas não é, dado os modos *cosmofóbicos* que nos confrontamos na ciência, na política e no cotidiano com as relações cosmológicas. É impossível (isso é um basta!) pensar-sentir a vida e como ela se dá, sem processos investigativos imbricados e comprometidos com as diversidades ontológicas entrelaçadas a nós. Pelas gretas, este estudo é a feitura de um *ebó epistemológico nas raízes do edifício colonial* (RUFINO, 2019), operando ações de diferentes ordens de saber de onde brotam outras rotas possíveis, produzindo na perspectiva das encruzilhadas onde há caminhos enquanto possibilidades. O cruzo se dá ao *engolir* as conversas trançadas em campo-terreiro com as crianças e com as mulheres em *confluência* com os xamãs, as/os líderes indígenas, os mestres e as mestras tradicionais, as/os autoras/es contra-hegemônicas/os e hegemônicas/os, *mastigando* saberes pluriepistêmicos e *regurgitando* de modo transformado,

imantado de axé (Ibidem). Na agrofloresta, abrimos clareiras para a mata rebrotar, neste roçado de papel, alcancei, diferentes estágios sucessionais, em espirais que se interpenetram e complexificam a vida. *Aqui jaz uma dissertação* adubadora de mundos e de práticas encantadas porvir!

Nessa oferenda, o primeiro capítulo, de caráter introdutório, transmite os processos coletivos constitutivos que me conduziram à investigação; as denúncias e os anúncios frente à lógica moderna colonialista; como encontrei as parceiras de pesquisa e o Terreiro-Cosmos-Visconde; como é esse terreiro em que vivem; quais curiosidades movem esta investigação e qual a sua relevância. Leia-se aqui um capítulo inteiro dedicado a tal apresentação em vez de uma breve introdução, por honrar as diferentes raízes nutridoras de meu ser, principalmente, a militância na agroecologia como prática que se experimenta na relação com outras ontologias. Nesse sentido, as escolhas que acompanham uma *pesquisadora cambono* e suas perguntas são inseparáveis dos caminhos descobertos no fazer científico, não existe pesquisa elaborada por sujeitos neutralizados, nem ciência que não produza mundos. A fabricação científica é forjada ontológica e epistemologicamente.

Além dessas provocações, outra ênfase do capítulo é o encontro com Cida que me conduz até Terreiro-Cosmos-Visconde e às crianças, inauguro, desde então, a abertura para os múltiplos significados que o assentamento é. Até a qualificação, o Visconde ainda era apresentado de forma técnica e insossa, manifestar a emergência do terreiro no texto, a partir das falas das crianças e de Pamela, foi uma das viradas textuais, *sentirpensar* Visconde é fazer emergir mundos. Mestre Nêgo Bispo é autor constitutivo deste e dos próximos capítulos, o líder *afropindorâmico*, em *transfluência* do Quilombo Saco-Curtume, encharca esta *roça de papel* com suas *palavras germinantes* desestabilizadoras da ótica colonial.

No segundo capítulo, trabalhei exaustivamente o que foi pesquisar na relação com as crianças pelo cosmos, me inspirando epistemologicamente nas pesquisas narrativa e participante, na fabulação especulativa enquanto exercício narrativo e o que é ser *pesquisadora* em atitude de *cambono*. De início, ainda bastante insegura, busquei incansáveis referências metodológicas e conceituais, pois, na minha cabeça, encaixotar o estudo com teorias acadêmicas era sinal de respaldo científico. Onde amparar a metodologia? Como explicar a pesquisa sem a receita do bolo? A graça é descobrir que o bolo, durante o feitio, se transforma em jujuba. Foi tempo de desfazer-me dos apegos modernos que assombram minhas contradições. A investigação é o jeito de exercê-la, de como ela se dá no processo que não se sabe para onde vai, mas se tem o compromisso com as vidas e com a produção de conhecimento. Os afetos deslocam e revelam o cozimento. Nomear os questionamentos, descrever os

incômodos, narrar as relações e perguntar, perguntar e perguntar, como afirma Nêgo Bispo, em oralidade, “*ser não é responder, é provocar perguntas.*”. Pesquisar com crianças em seus terreiros é emergir outros terreiros, imaginar seres, chamar o vento, brincar com a morte, vadiar com o tempo, conversar com ETs, a *área 51* existe!

O terceiro capítulo transparece o momento em que senti maior liberdade criativa, encarnando a fabulação nos roçados de papel. Germino o cosmos na relação com as crianças no intento de dois movimentos: *desacomodar* e *convocar* ancestralidade, oralidade, circularidade, encantarias, ontologias, práticas e sabenças. No deslindar do estudo, a partir das leituras e das práxicas em campo-terreiro, a palavra natureza foi substituída pelo cosmos no exercício de pensar-sentir as crianças *em presença* das ontologias de diferentes povos e do Terreiro-Cosmos-Visconde. Cosmologias *afropindorâmicas* confluenciadas em Somé (2007), Kopenawa (2015), Krenak (2019), Nêgo Bispo (2020) e Rufino (2019) desestabilizam as certezas, produzindo outras perspectivas sobre a vida em compartilhamento. A fabulação especulativa (HARAWAY, 2016) questiona os limites entre ficção e realidade, Exu nos provoca sendo o *um multiplicado ao infinito, +1 ou 3*.

A partir do percurso roçado até aqui, ressalto algumas questões que emanam e valem ser identificadas como contribuição para a construção de conhecimento em diferentes áreas. Primeiramente, a presença do terreiro-território é inseparável nas vidas dos povos e das comunidades originárias, tradicionais e camponesas. É desde suas cosmologias, como elas percebem, sentem e olham para o cosmos na relação com as crianças que as pesquisas do GiTaKa/UNIRIO vêm se constituindo. As inquietações do grupo nasceram da necessidade de entender as origens de condições insalubres que as crianças estão submetidas nas escolas e no planeta, percebendo que a ruptura se encontra na desconexão entre os seres humanos e a natureza, relação cindida pelo paradigma moderno. Nesse sentido, buscamos nas epistemes contra-hegemônicas a possibilidade de abrir gretas e confluir com outros modos de pensar a vida. As ações do grupo se dão na realização de processos formativos para professoras e professores; na atuação em escolas de redes públicas e privadas; na articulação com movimentos sociais; na criação de políticas públicas; na produção científica com contribuições para os campos da educação infantil, da educação escolar e da educação ambiental, entre outras.

O investimento na palavra germinante cosmos, como já dito, foi uma opção minha decorrida de dois movimentos - *desacomodar* e *convocar* - propostos na investigação. Isso não significa afirmar que a palavra natureza é descartada para se pensar a relação com as crianças. Inclusive, muitas pesquisas do GiTaKa/UNIRIO permanecem com o conceito de natureza, refletindo sobre o divórcio gerador de práticas escolares e educativas reprodutoras de posturas

racionalistas, fragmentadas e despotencializadoras do ser criança. Nessa perspectiva, esta pesquisa gestada dentro do grupo, oferece alguns adubos para diferentes áreas.

Ao refletir sobre a relação constitutiva entre as crianças e o cosmos junto às cosmologias originárias e tradicionais e à experiência em campo-terreiro, anuncio outros modos de perceber, conceber, sentir e ser na relação com as demais ontologias. Se as escolas são os lugares onde as crianças e os adolescentes vivem boa parte de seu dia, é inadiável criar processos de ensino-aprendizagem conectados aos territórios e comprometidos com os outros seres. Se queremos criar outros mundos, precisamos dialogar com os espaços que os produzem. Dessa forma, o *desemparedamento* (TIRIBA, 2018) é um importante dispositivo da quebra paradigmática moderna, pois rompe com a perspectiva ontológica e epistemológica que o conhecimento se dá pela via da razão antropocêntrica. São nos espaços ao ar livre, nos territórios, nas matas, nos rios em acoplamento com os outros seres que nos afetamos, não é mais possível permanecer entre paredes físicas e espirituais cerceadoras da condição existencial, de ser em compartilhamento.

Para a educação ambiental, a provocação adubadora é pensá-la *em presença* (STENGERS, 2018) das ontologias dos diferentes povos, o que acontece quando os seres cosmológicos entram em nossas práticas? Como é negociar com eles? Como as cosmologias originárias, tradicionais, camponesas e os saberes das crianças se expressam na relação com o cosmos? A temática ambiental é interseccional, atravessando questões econômicas, políticas, sociais, ecológicas, sanitárias, raciais, geracionais e de gênero. Segundo a Educação Ambiental de Base Comunitária (EABC)⁶⁹, o tema ambiental estrutura-se desigualmente com base em conflitos ambientais que incidem em determinados corpos, subjetividades e territórios, especificamente aqueles que têm seus modos de existir intrínsecos ao território. Devida tamanha complexidade, é necessário disputar o campo da educação ambiental, exigindo o esgarçamento de suas fronteiras epistemológicas, ontológicas e metodológicas com pesquisas-vidas engajadas com os povos e com as comunidades ameaçados pela lógica colonialista de destruição ecológica. É urgente resistir e pensar junto a eles!

Percebo também que as palavras-germinantes cosmos e terreiro, utilizadas no estudo, são importantes contribuições para o campo da educação ambiental. Elas promovem deslocamentos no se concebe enquanto natureza e meio ambiente, termos tão distantes dos

⁶⁹ Sobre a Educação Ambiental de Base Comunitária, recomendo as produções do GEASur/UNIRIO (Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde El Sur), coordenado pelos professores Celso Sanchez e Leonardo Castro, presentes no site: <https://www.geasur.com/>.

cotidianos das vivências em comunidades, aldeias e quilombos, por desconsiderarem as diversidades ontológicas e cosmológicas que encharcam os terreiros.

Vale ressaltar, conforme apontam Tiriba *et. al.* (2021), que há um espaço pouco explorado no que concerne às discussões sobre as infâncias entre os ambientalistas e tampouco se encontra nos estudos sobre as crianças e as infâncias a temática ambiental. Dessa maneira, esta investigação, converge os assuntos para que cada vez mais os campos se articulem, propondo-se a pensar essa relação.

Esta dissertação também é adubo para as discussões no campo da agroecologia dentro e fora da academia. Foi com essa motivação que ele começou, a partir do encontro com Cida e com o GT Mulheres Serra Mar, aliado à minha militância desde 2015. Percebo que o lugar das crianças na agroecologia ainda está em construção tanto nos seminários e encontros agroecológicos como nas pesquisas. As investigações que se debruçam sobre essa temática, na maioria das vezes, trabalham com questões técnicas sobre o manejo; políticas públicas para o campo agroecológico; educação do campo em iniciativas universitárias; questões de gênero; ecofeminismos; segurança e soberania alimentar; hortas pedagógicas em instituições escolares e nas cidades, entre outros. Porém, o debate sobre as infâncias, em diferentes contextos agroecológicos, é escasso. Nesse sentido, refletir sobre as crianças e a juventude na relação com o cosmos e seus terreiros-territórios é uma aposta importante para investigar como elas sentem, olham e percebem suas vidas; quais políticas públicas podem ser criadas para assegurar infâncias que tenham seus modos de existência valorizados e potencializados; como as escolas dialogam com esses territórios e constroem conhecimento junto às sabedorias populares; como é a construção de suas identidades dentro da luta agroecológica; o que pensam sobre a permanência nas áreas rurais; como suas sabedorias podem contribuir para as vidas de outras crianças. As possibilidades de investigações com as crianças, nessa área, são enormes e essas infâncias precisam, cada vez mais, de estudos que as fortaleçam e aprendam com suas formas de viver, perceber e conceber a vida.

Para o campo das infâncias do/no campo, esta pesquisa fertiliza ainda mais o debate, pois além das investigações acadêmicas que abordam as perspectivas das crianças e das infâncias do/no campo serem consideravelmente recentes e escassas (SILVA, I *et al.*, 2013; BATISTA, 2018; LEITE, 2018), a temática ambiental, dentro desse espectro, ainda é alicerçada em um olhar para a natureza como objeto, como cenário e em relações de uso com seus “elementos”. Dessa maneira, pensar-sentir o cosmos na relação com as crianças e as infâncias do/no campo traz novos repertórios e práxicas porvir. Revela outros seres que se constituem com elas; as diversidades ontológicas viventes nos terreiros; a ancestralidade dos saberes e das

brincadeiras; o conhecimento presente na oralidade; as cosmopercepções das crianças camponesas sobre os mundos que imaginam para si a partir dos seus territórios-terreiros e tantos outros aprendizados de suas palavras-mundo (FREIRE, 1989).

A organização da composição textual, pouco sistematizada, incorpora o movimento espiralar cosmológico, propositiva em fazer mundos. “*Assim é*” (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Dentro dessa jujuba, muitas vivências e temáticas não entraram para cozimento, isso não significa dizer que não estão entranhadas ao que se apresenta. Reflito sobre algumas questões que podem ser aprofundadas como: a relação entre as mulheres, as crianças e os outros seres cosmológicos; os ecofeminismos em diálogo com as crianças e as mulheres camponesas assentadas; as dinâmicas educativas familiares presentes nos terreiros; a relação de cuidado das mulheres com as crianças; as crianças e os outros seres imbricados na luta agroecológica; as crianças enquanto educadoras ambientais; o racismo e as opressões patriarcais nas ontologias enterreiradas.

Apesar do foco da dissertação se dar sobre a relação crianças-cosmos, as mulheres se corporificam fortemente nele. Não poderia ser diferente, acompanhar crianças, sobretudo em contexto rural, significa olhar diretamente para quem as cuida e as cria. As crianças acompanham as rotinas de suas mães e avó, ajudam nos trabalhos domésticos, nos roçados e no trato com os bichos. Esse é um acerto metodológico da pesquisa, investigar pelo cosmos é abrir o estudo para os processos que se dão na vida, percebendo as afecções que atravessam e os caminhos apresentados com os outros seres em terreiro. Aprendi muito com Pamela, Cida e Graça na própria forma de lidar com as crianças. Lembro de certa vez conversar com Viúva-Negra, ainda no começo da pandemia, e ela me contestar sobre uma fala que fiz sobre as pessoas mais velhas precisarem de maiores cuidados por estarem morrendo em maior quantidade. Eu não entendi o motivo de ela não concordar comigo e quando ia responder, Cida interveio, ao meu lado, perguntando por que ela dizia isso. A neta respondeu, então, que não era verdade o que eu disse, pois, um amigo seu estava internado. O fato de Cida perguntar para ela o motivo daquela afirmação, enquanto eu, no calor do momento, desejava vir cheia de argumentos, me fez parar e olhar para o modo com que ela dialogava com a neta. Essa foi uma dentre tantas dinâmicas que me ensinaram outros modos de me relacionar com as crianças. Pamela, Cida e Graça participaram de diferentes formas ao longo desses dois anos, trazendo os seus saberes, sugerindo dinâmicas, apoiando em momentos caóticos de gritaria e confusões, cozinhando os cafés e os almoços coletivos, compartilhando incontáveis ensinamentos sobre os seres-plantas, cuidando com as medicinas das roças e partilhando suas sabenças na vida pelo cosmos. Elas

também são educadoras nesta pesquisa, sou muito grata pelo companheirismo durante a travessia.

É importante afirmar que viver em área rural, foi uma escolha que elas fizeram para criar seus filhos e filhas com mais segurança e qualidade, como aparecem em diversos diálogos trançados entre nós. Desejo destacar também a potência que a luta agroecológica incorpora em suas vidas. A militância na agroecologia, por meio das trocas com outras mulheres do GT Mulheres Serra Mar e com companheiros/as da AASM, traz para os seus cotidianos a valorização de suas práticas e de seus conhecimentos enquanto agricultoras; amplia os saberes sobre os manejos em seus sítios ao oferecer cursos e seminários; fortalece o comunitarismo; expande a rede de cuidado umas com as outras; apoia o escoamento dos produtos mediante as feiras e as cestas agroecológicas; leva-as para as universidades e as universidades até elas, como as parcerias com a UFRJ Macaé e a UFF Rio das Ostras e as empodera em seus direitos sociais. Estar com elas e com outras/os companheiras/os nessa articulação me reafirma sobre a potência do fazer em coletivo, é como cantamos, de mãos dadas, em nossos encontros do GT: *“companheira me ajuda que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor.”*

Dafne: E mudando um pouco de assunto, o que você acha que significa pra você a agroecologia? Estar dentro desse movimento?

Pamela: Ai... Abre muito as portas, além de assim ensinar a gente a comer mais saudável. É a gente consome assim, de fora, é só a carne, arroz, feijão e poucas verduras e legumes, porque a gente consome mais as coisas aqui. As minhas crianças, se você falar assim: e refrigerante? Eles não sabem o que é refrigerante, eles falam que é suco. O costume de tomar suco natural, é maracujá, é acerola, é laranja, então quando eles tomam refrigerante, eu não vou dizer que eles não tomam, eu compro tipo assim todo final de ano, natal eu dou um luxo de até a gente tomar um refrigerante, mas assim, ou quando vai na casa da avó que é na rua, aí a avó compra, ou os primos compram, mas eles não chamam de refrigerante, por ter aqui suco o tempo todo, então eles acham que é suco. Aí os primos até ri, “você não sabem o que é refrigerante?”. Não, é suco. Aí os primos falam: “não, é refrigerante!”, aí eles vêm me perguntar: “mãe é suco ou é refrigerante?”. Eu falei é refrigerante, tem gás é refrigerante, aí eles: “ah tá, mas pra mim é suco.”, por não ter esse costume... Então eles consomem mais coisas saudáveis. Aí as vezes falam assim “eles tão gordinhos.”. Tão gordinhos, mas não tão doente, não vivem doente, não tem colesterol, não tem diabete, não tem nada, por consumir mais coisas saudáveis. (...) Não coisa gordurosa, é coisa mais saudável, da roça, então a agroecologia trouxe isso pra gente, de ensinar eles a comer mais saudável, de ensinar eles a cuidar da terra, a cuidar do que é deles, a cuidar da natureza, a cuidar dos bichos, eles têm muito cuidado. Você vê que minha mãe [Cida] falou que o cachorro machucou lá a pata e ele (se referindo a Nanico) tava lá chorando por causa do cachorro? Botando a pomada na pata do cachorro, então tem mais esse cuidado. E eu garanto pra você uma pessoa na cidade não vai ter tanto esse cuidado de tá ali, de ensinar. Portanto que a professora falou comigo: “mãe, ele [Nanico] gosta muito de explicar, tem hora que a gente fala uma coisa que a gente não entende que até mesmo eu não sei pelo fato de morar na cidade e ele dá uma aula, como faz, como é isso, como é aquilo, lá no sítio de vocês, ele dá uma aula pra turma toda.”. Então eles já sabem isso, já sabem lidar com a natureza, então isso a agroecologia ensinou pra gente.



No último-primeiro dia, estava eu, as crianças e as mulheres sentadas em bancos e no chão embaixo da sombra do ser-pitangueira, entreguei para elas, uma folha em decomposição e outra viçosa. Para a folha marrom, pedi que falassem algo que gostariam que tivesse sido diferente, que transformariam no nosso projeto, já para a folha verde, perguntei o que elas celebravam.

Nanico: A minha folha verde, eu gostei quando tia Dafne, foi no primeiro dia que ela começou quando ela começou a brincar com nós. A parte que eu mais gostei foi a de artes.

Dafne: O que você faria diferente? Que você quer deixar para trás? O que você mudaria?

Nanico: Eu mudaria que esse dia nunca acabasse, que ele fosse pra sempre.

Shuri: Ah não! Como é que eu ia dormir?

Nanico: Nãããã, a tia Dafne vir toda a semana.

Dafne: Mas você não tem nenhuma crítica a fazer, algo que queria mudar?

Nanico: Não.

(...)

Shuri: Essas crianças têm que calar um pouco a boca né? Nanico e Mulher-Gavião não param.

Dafne: E o que você celebra, Shuri?

Shuri: Com a verde? Calma aí, deixa eu pensar...

Dafne: É tem que agradecer né? Não pode só criticar...

Shuri: Do dia que a gente foi na cachoeira.

(...)

Pamela: Eu celebro a presença de todo mundo aqui em casa que tenha mais gente pra fazer visita, tá bom Nanico? Eu critico que eu tinha que ter comido menos.

(...)

Graça: Eu celebro a sua presença que trouxe muito alegria e você distraiu um pouco as crianças pra gente ficar com um pouco de paz. E isso aqui, eu critico porque eu não participei tanto como vocês, eu queria participar mais.

Shuri: É só a Dafne ficar mais. Pode ficar mais dois anos, viu?

(...)

Renzo: Eu gostei quando a gente imaginamos os passarinhos naquele dia...

Dafne: Ah, quando a gente fez a meditação?

Renzo: Aham.

Shuri: Dafne falou: “o passarinho cantou”, aí o passarinho veio e cantou, aí Dafne falou: “o vento bateu”, aí o vento veio e bateu, gente socorro!

Dafne: E o que você mudaria Renzo?

Renzo: Na verdade, eu não mudaria nada.

Dafne: Você não queria que nada tivesse sido diferente? Ou algo que aconteceu que você ficou triste e queria que tivesse sido diferente?

Nanico: O enterro do cachorro.

Renzo: É.

Nanico: Ele não gostou, ele lembrou de Julieta. L. matou ela, aí era a cachorra dele.

Renzo: Veneno né?

Cida: Ele não matou, ela comeu veneno.

Dafne: Foi uma coisa que te lembrou uma lembrança ruim?

Pamela: Ele não matou ela, não foi ele Nanico.

Nanico: Deram veneno pra ela?

Renzo: É.

(...)

Mulher-Gavião: Essa daqui [a folha verde] eu vou falar que eu queria ter comido mais.

E essa daqui que Dafne falou que ia levar a gente pra casa dela e não levou.

(...)

Homem-Águia: Eu celebro quando tio berimbau veio aqui [as crianças deram esse apelido ao João que fez a oficina de capoeira com elas]

Dafne: O que você queria que fosse diferente? O que você não gostou?

Homem-Águia: Eu não gostei de Nanico e Mulher-Gavião gritando no ouvido da gente.

Mulher-Gavião: Qual foi Homem-Águia! Eu achei que você fosse meu amigo!

Pamela: Fala assim pra ele: eu recebo sua crítica e vou tentar mudar.

Mulher-Gavião: Vou nada.

(...)

Viúva-Negra: Eu podia mudar que tia Dafne ficasse mais dois anos com a gente.

Shuri: Mais dois nada, o restante da vida.

Mulher-Gavião: Mais dez.

Cida: E o de bom agora?

Viúva-Negra: A comida.

Nanico: Vocês tão esfomeados hein! (risos)

(...)

Cida: Sabendo que o mundo é feito de mudanças, eu acho que a gente tá já nessa mudança, saber que as coisas começam e terminam. E aí assim, essa mudança no caso, que não é uma crítica, mas que poderia ter sido diferente, acho que podíamos ter tido mais encontros.

Viúva-Negra: Culpa tia Dafne, né?

Cida: Tá bom, mas ela já entendeu.

Dafne: E o verde?

Cida: Os pontos positivos foram que deu certo até aqui, espero que continue dando certo, que a amizade perpetue.

(...)

Dafne: Agradecer ao Renzo que chegou depois e topou entrar nesse grupo, né Renzo?

Nanico: Na verdade, fui eu que lembrei de você, fui eu que falei: ô tia, vamos lá chamar Renzo.

Dafne: E o projeto, os encontros acabam nesse lugar da pesquisa, da faculdade...

Nanico: Aí você vai pra outras casas?

Shuri: Você não vai atrás de outras crianças, tá?

Dafne: Mas a gente vai continuar se vendo gente, eu não vou sair mais da vida de vocês não.

Nanico: Você vai embora tia, não vai vir mais cá?

Dafne: Com os encontros não, mas a gente pode combinar de fazer visita, de brincar...Então a gente pode combinar o próximo encontro lá em casa....

Todas: Você tá devendo! Você tá devendo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras**: em 15 cordéis, São Paulo: Seguinte, 2020.

ASSOCIAÇÃO MICO-LEÃO-DOURADO. Associação Mico-Leão-Dourado, 2022. Início. Disponível em: <https://www.micoleao.org.br/>. Acesso em: 15/05/2022.

BATISTA, M. S. X. O Brincar nas infâncias Camponesas em Assentamentos de Reforma Agrária. In: **Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional**, v. 13, n. 34, p. 185-203, maio/ago. 2018. Disponível em: http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/.

BRANDÃO, C. R., STRECK, D. R. (Org.) **Pesquisa Participante**: a partilha do saber. Aparecida SP: Ideias e Letras, 2006.

_____ e BORGES; M. C. A Pesquisa Participante: um momento da educação popular. in: **Revista Ed. Popular**. Uberlândia, v.6, p.51-62. jan./dez. 2007.

CAVALIERI, L.; ROZENCWAIG, D. S.; MOREL, A. 2021. Proposições Cosmopolíticas para a Educação Ambiental: Contribuições de Nêgo Bispo contra a Cosmofobia. In: **40ª Reunião Nacional ANPED**, Resumo Expandido, Rio de Janeiro, p. 1-5.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história em pesquisa qualitativa. 2ª ed. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COOPERAFLORESTA. Cooperafloresta: associação dos agricultores agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis, 2014. Publicações. Disponível em: <https://www.cooperafloresta.com/>. Acesso em: 20/04/2022.

CRUZ, Rafael B. **Floresta-Escola**: práticas educativas na/para/com e pela Natureza. 2019. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação e Sociedade). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E; SALDANHA, R. M. (Orgs.). **Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia**: do Antropoceno à Idade da Terra. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2022.

DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza** (Vincennes, 1978-1981) /Gilles Deleuze; tradução para o português Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. – 3. ed. – Fortaleza: EdUECE, 2019.

DOUCET, Isabelle; DEBAISE, Didier; ZITOUNI, Benedikte. Narrate, Speculate, Fabulate: Didier Debaise and Benedikte Zitouni in Conversation with Isabelle Doucet. In: **Architectural Theory Review**, 2018.

FERNANDES, Natália. Ética na Pesquisa com Crianças: ausências e desafios. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 66, jul./set. 2016.

_____. MARCHI, R. C. A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. In: **Revista Brasileira de Educação**, v.25, e250024, p.1-16, 2020.

FALS BORDA, Orlando. **Ante la crisis del país: ideas-acción para el cambio**. Bogotá: El Áncora Editores; Panamericana Editorial, 2003.

FREIRE, P. **A Importância do ato de Ler**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **À Sombra Desta Mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GEASUR. GEASur: Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde El Sur, 2021. Início. Disponível em: <[https:// www.geasur.com](https://www.geasur.com) Acesso em: 20/06/2022.

GEERTZ, Clifford. **Works and Lives: the anthropologist as author**. Cambridge: Polity Press, 1988.

HARAWAY, D. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham and London: Duke University Press, 2016.

JAMES, Allison (2007). Dando Voz às Vozes das Crianças: Práticas e Problemas, Armadilhas e Potenciais. Tradução de Deborah Esther Grajzer e revisão científica de Manuela Ferreira e de Cristina Gouveia. In: **Zero-a-seis**, v. 21, n. 40, p. 219-248, set./dez. 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRAMER, Sonia. Autoria e Autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41-59, julho/2002.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, J. B., Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 12/11/2021.

LEITE, Jaciara O. **Ser criança camponesa no Cerrado**. 2018. 230 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MACHADO, A. F. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. In: **Páginas de Filosofia**, v. 6, n. 2, p. 51–64, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MCLEAN, Stuart. **Fictionalizing Anthropology**: encounters and fabulations at the edge of the human. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

MORIN, Edgar. **Epistemologia da complexidade**. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.) *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Trad. Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NAJMANOVICH, Denise. In: **CIMODE 2016**: La Trama de la Complejidad, disponível em Canal do Centro Audiovisual Mediateca FADU UBA, 2016. https://www.youtube.com/watch?v=Pk2RSShVMe0&t=367s&ab_channel=CentroAudiovisualMediatecaFADUUBA. Acesso em 15/11/2021.

OGÊDA, A. O.; RIBEIRO, T. (orgs.). **Pesquisa, Alteridade e Experiência**: metodologias minúsculas. 1. ed. Rio de Janeiro: Ayu, 2019.

OLIVEIRA, J. R.; BOTELHO, M. I. V. Transição Agroecológica em meio a vida: Conhecimentos e Práxis de Educandos das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs). In: **Revista Espacios**, v. 38, n. 35, 2017.

PAPÁ, C. In: **NHE'ERY**, disponível em Canal do Selvagem ciclo de estudos sobre a vida, 2021.

https://www.youtube.com/watch?v=uGhezj9TOog&ab_channel=SELVAGEMciclodeestudosobreavida. Acesso em 20/11/2021.

RIBEIRO, T.; SANCHES SAMPAIO, C.; DE SOUZA, R. Investigar Narrativamente a Formação Docente: no encontro com o outro, experiências... In: **Roteiro, Joaçaba**, v. 41, n. 1, p. 135–154, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9271. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9271>. Acesso em: 10/11/2021.

ROQUE, Tatiana: Isabelle Stengers: Penser avec Whitehead: une libre et sauvage création de concepts. In: **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 106-111, jan-jun 2008.

RUFINO, L. Pedagogia das Encruzilhadas. **Revista Periferia**, v.10, n.1, p.71-88, jan./jun. 2018.

_____. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

_____. **Vence-Demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

SALGADO, S. D. C.; MENEZES, A. K.; SÁNCHEZ, C. A colonialidade como projeto estruturante da crise ecológica e a Educação Ambiental desde el Sur como possível caminho para a decolonialidade. **Revista Pedagógica**, v. 21, p. 597–622, 21 nov. 2019.

SANTOS, A. B. DOS. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

_____. In: **Metafísica da rede Debate**: Cosmopolítica e Cosmofobia, disponível em Canal do PPGu UnB, 2020a. <https://www.youtube.com/watch?v=IBlhkKzzHmo>. Acesso em 28/05/2021.

_____. In: **Perspectiva Contracolonial**: Mestre Antônio Bispo dos Santos, disponível em Canal Confluências Afroindígenas, 2020b. https://www.youtube.com/watch?v=bhdV4u8Dt20&ab_channel=Conflu%C3%A4nciasAfroind%C3%ADgenas. Acesso em 15/11/2021.

_____. In: **Diálogos Amefricanos**: Confluências na retomada com Cacique Babau e Nego Bispo, disponível em Canal Coletivo Legítima Defesa, 2022. https://www.youtube.com/watch?v=bhdV4u8Dt20&ab_channel=Conflu%C3%A4nciasAfroind%C3%ADgenas. Acesso em 20/03/2022.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Suenya; SCHOTTZ, Vanessa. Mulheres da Articulação de Agroecologia Serra Mar: práticas de educação popular fortalecendo ações em rede. In: MARRO, K. I.; BARBOSA, E. C. V.; SANTOS, S. (orgs.). **Caminhos Metodológicos, Saberes e Práticas Profissionais e Populares em Territórios de Resistência**. Uberlândia, Minas Gerais: Navegando, 2021, p. 82-93.

SILVA, I. O.; SILVA, A. P. S.; MARTINS, A. A. **Infâncias no e do Campo**: como as crianças vivem, brincam, estudam e compartilham experiências? In: SILVA, I. O.; SILVA, A. P. S.; MARTINS, A. A. (orgs.). **Infâncias do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p.13-22.

SIMAS, Luiz A.; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

_____. **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, Luiz A. **Umbandas: uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. Tradução Deborah Weinberg. São Paulo: Odisseus Editora, 2007.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto**: as ficções persuasivas da antropologia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

SZTUTMAN, Renato. Um acontecimento cosmopolítico: o manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers. In: **Mundo Amazônico**, 10(1), p. 83-105, 2019.

_____. O animismo hoje: de conceito antropológico, na era da covid-19 o termo passou a significar também resistência. In: **Revista Cult**, São Paulo, n. 273, p.40-43, set. 2021.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como Direito e Alegria**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, L.; VOLLGER, A.; PEREIRA, J. Buscando inspiração entre povos indígenas brasileiros para educar as crianças em conexão com a Terra. In: **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 38, n. 3, p. 98–116, 2021.

VERGER, Pierre Fatumbi, **Lendas Africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais**: Elementos para uma Antropologia Pós Estrutural. São Paulo: Ubu Editora N-1edições, 2018.

WUNDER, Alik. Fotografias como exercícios de olhar. In: **Reunião Anual da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)**, 29, 2006, Caxambu, MG. Anais de Resumos e Trabalhos Completos da 29ª Reunião Anual da ANPED, 2006.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ADULTO

Eu, _____ (nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, RG), estou sendo convidado a participar de um estudo denominado “**A relação infâncias-natureza: vivências com crianças, mulheres e seres dos quintais no assentamento Visconde**”, cujos objetivos e justificativas são: **estudar a relação entre crianças e natureza em comunidades camponesas, com vistas a investigar e a anunciar diferentes modos de existir e de educar em conexão com seres, ciclos/processos naturais**. A minha participação no referido estudo será no sentido de **permitir a realização de oficinas e brincadeiras da pesquisadora com as crianças no quintal da minha casa. Também me proponho a ser colaboradora de algumas oficinas que desejar e a conversar com a pesquisadora durante os encontros**.

Fui informada que a pesquisa se realizará por meio de 12 encontros com duração de 5 horas ao longo de 6 meses, no meu sítio ou no sítio da minha vizinha, localizados no assentamento Visconde, Casimiro de Abreu - RJ. O estudo envolve a coleta de informações por meio da gravação de vídeos, áudios, fotografias e anotações de campo. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. As conversas serão direcionadas para que a pesquisadora possa compreender a minha relação e da minha família com a natureza e as impressões que tenho sobre morar em um local mais próximo a outros seres da natureza e como isso interfere na criação de meus/minhas filhos(as).

Fui alertada de que, para a pesquisa se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como: contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a relação entre crianças com a natureza em comunidades camponesas; enriquecer a troca de conhecimentos entre as universidades e os saberes populares que carrego; contribuir para estudos que buscam conhecer outras formas de viver e de compreender a natureza.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, é possível que algumas perguntas te incomodem, já que as informações coletadas são sobre suas experiências pessoais. Dessa forma, você pode escolher não responder quaisquer perguntas que a façam se sentir incomodada. Os encontros também serão combinados com antecedência, ficando sob responsabilidade da pesquisadora fazer o contato com você. Caso em algum dia, você não se sinta disposta a receber a pesquisadora em seu sítio, você pode comunicá-la para desmarcar o encontro. Todo o material gravado e fotografado será utilizado

apenas para fins acadêmicos com o uso em congressos, eventos, revistas, artigos, palestras, entre outros.

Fui orientada que a pesquisadora tomará todas as medidas de cuidados sanitários como usar máscara, higienizar as mãos com álcool gel e realizar atividades somente ao ar livre. Estou ciente que devo tomar os mesmos cuidados durante os encontros presenciais.

Também fui informada de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. E posso manifestar desejo em sair da pesquisa, sem sofrer qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

As pesquisadoras envolvidas com o referido projeto são **Dafne Rozencwaig de Faria e Souza e Léa Velocina Tiriba Vargas** e com elas poderei manter contato, respectivamente, pelos telefones **(21) 98652-3393 e (21) 99991-4641**. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma de **dinheiro**. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Acredito ter sido suficientemente esclarecido(a) a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. Eu receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora responsável por esta pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu e a pesquisadora responsável devemos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na última folha. Declaro que concordo em participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – CRIANÇA E ADOLESCENTE

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “**A relação infâncias-natureza: vivências com crianças, mulheres e seres dos quintais no assentamento Visconde**”. Queremos saber quais brincadeiras você faz no seu quintal? O que é a natureza para você? Como você se relaciona com as árvores, com os animais, com o sol, com os frutos, com a água? O que você aprende com eles?

As crianças e adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 8 a 14 anos de idade. A pesquisa será feita com você e com outras crianças e adolescentes conhecidos seus que moram no Visconde. A gente vai ter 12 encontros com duração de 5 horas cada um e eles acontecerão ao longo de 2 anos para fazermos oficinas e brincar. Teremos oficinas de desenho, de pintura, de bordado, de construção de brinquedos, de capoeira, criaremos histórias, faremos peça de teatro, passearemos pelos quintais e gravaremos vídeos. Caso queira, você também será convidado(a) a dar alguma oficina que goste para eu e os outros participantes. Durante a pesquisa, vou utilizar fotos, vídeos, áudios e os materiais de nossos encontros. Para isso, será usado: canetas coloridas, lápis, papel, tecido, linhas de bordado, agulha, tesoura, cola, câmera fotográfica do celular e o gravador de áudio do celular.

O uso desses materiais para a realização da pesquisa é considerado seguro, mas é possível que você sinta vergonha em uma ou mais atividades, não queira ser filmado(a) ou não tenha vontade de participar de alguma oficina. Caso isso aconteça, você pode falar, em qualquer momento, com a pesquisadora Dafne Rozencwaig de Faria e Souza sobre

o seu desconforto e ela respeitará a sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer! Essa pesquisa pode contribuir para que outras pessoas conheçam as brincadeiras que você faz e quais são as suas ideias e pensamentos sobre a natureza. Quem sabe um dia dentro das escolas outras crianças poderão brincar dessa forma que você se diverte.

Você não precisa participar desta pesquisa se não quiser. Ninguém ficará irritado(a) ou chateado(a) com você se você disser “não”: a escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer “sim” agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem. É importante que você converse com seus responsáveis sobre a sua decisão. Saiba o que eles acham, fale a eles o que pretende fazer, se quer ou não participar. Você tem o tempo que precisar para isso. Também pode discutir com a pesquisadora, quando quiser. Ela responderá todas as suas dúvidas, em qualquer momento.

Você não receberá nenhum dinheiro nem terá que pagar nada para participar da pesquisa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as pessoas que participaram da pesquisa.

ASSENTIMENTO

Eu _____ li este termo ou alguém leu para mim e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante:

Data: ___/___/_____

Eu _____ li este termo ou alguém leu para mim e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante:

Data: ___/___/_____

Eu _____ li este termo ou alguém leu para mim e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante:

Data: ___/___/_____

Eu _____ li este termo ou alguém leu para mim e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante:

Data: ___/___/_____

Eu _____ li este termo ou alguém leu para mim e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante:

Data: ___/___/_____

Eu _____ li este termo ou alguém leu para mim e aceito participar da pesquisa.

Assinatura

do(a)

participante:

Data: ___/___/_____

Observação: as crianças escrevem apenas o primeiro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEL LEGAL

Prezado(a) responsável/representante legal:

Gostaríamos de solicitar o seu consentimento para o(a) menor _____ participar como voluntário(a) da pesquisa denominada “A relação infâncias-natureza: vivências com crianças, mulheres e seres dos quintais no assentamento Visconde” no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (**PPGEDU-UNIRIO**) e que diz respeito a um trabalho de conclusão de curso de Mestrado em Educação. Pesquisa que se propõe a olhar para a relação das crianças com a natureza em comunidades camponesas e tradicionais.

1. OBJETIVO: O objetivo da pesquisa é observar a relação entre crianças e natureza, com vistas a investigar e a anunciar diferentes modos de existir e de educar em conexão com os outros seres da natureza.

2. PROCEDIMENTOS: a forma de participação do (a) menor consistirá em: análise da pesquisadora a partir de fotos, vídeos, áudios e materiais coletados durante as oficinas com o(a) menor e as outras crianças; observação da pesquisadora em visitas nos anos de 2021 e 2022; participação nas oficinas e encontros a serem realizados nos sítios dos familiares das crianças.

3. POTENCIAIS RISCOS: o risco é avaliado como mínimo para o sujeito participante, sendo, este, o risco de gerar exposição das crianças e das mulheres em forma de relatos e/ou imagens, sobre as práticas observadas e registradas pela pesquisadora, ao público externo à instituição de ensino na qual a pesquisa de campo é realizada. Será garantida a todos/as que participarem da investigação a proteção das identidades e das imagens e a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, garantindo a confidencialidade das informações geradas e a privacidade dos sujeitos da pesquisa. Para tanto, os nomes dos sujeitos pesquisados serão modificados para publicação dos resultados e haverá o cuidado para não aparecer o rosto das crianças envolvidas na pesquisa nas imagens também divulgadas. Os riscos

de contágio da covid-19 serão minimizados da seguinte forma: todas as atividades serão realizadas ao ar livre, com uso de máscara por parte da pesquisadora e dos participantes. Será disponibilizado também álcool gel para higienização das mãos.

4. POTENCIAIS BENEFÍCIOS: dentre os benefícios que a pesquisa poderá trazer, espera-se que a investigação a ser realizada promova uma reflexão crítica sobre a relação infâncias-natureza presente em práticas pedagógicas formais e não-formais e inspire na construção de práticas educativas não hegemônicas. O estudo poderá trazer também concepções outras para modos de se viver em conexão com a natureza.

5.GARANTIA DE SIGILO: os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros, apresentações acadêmicas, anais de eventos, revistas e artigos científicos. **Asseguramos que a privacidade do (a) menor será respeitada e o nome dele (a) ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o(a) identificar, será mantida em sigilo.** A pesquisadora responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

6.LIBERDADE DE RECUSA: a participação do (a) menor neste estudo é voluntária e não é obrigatória. **Você poderá se recusar a permitir que ele (a) participe do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar que o (a) menor saia da pesquisa ele (a) não sofrerá qualquer prejuízo.**

7.CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo **não terá custos** adicionais para você. Também **não haverá qualquer tipo de pagamento devido à participação do (a) menor no estudo.**

8.DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa está sendo realizada no assentamento Visconde, localizado no município de Casimiro de Abreu, Rio de Janeiro, possui vínculo com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO através do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEDU sendo a aluna Dafne Rozencwaig de Faria e Souza a pesquisadora principal, sob a orientação da Prof^a Léa

Tiriba. As investigadoras estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, contacte Dafne Rozencwaig de Faria e Souza no telefone (21) 98652-3393, ou o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP-UNIRIO no telefone (21) 2542-7796 ou e-mail cep@unirio.br. Você terá uma via deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e CONSENTIMENTO.

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente esclarecido(a) a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. Eu receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora responsável por esta pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu e a pesquisadora responsável devemos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na última folha. Declaro que concordo que o (a) menor participe da pesquisa. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

Eu concordo que o(a) menor participe deste estudo.

Assinatura: _____
Data: _____
Endereço: _____
Telefone de contato: _____

Assinatura (Pesquisadora): _____
Data: _____

Assinatura (Orientadora): _____
Data: _____